

Vida, e Mercês que Deus fez ao veneravel D. Leão de Noronha: do santo de corte ao santo de família na Época Moderna em Portugal

I – Quem quiser estudar os portugueses do primeiro século "moderno", o de Quinhentos, que os outros portugueses desses mesmos anos tiveram por santos – independentemente quer do juízo decisivo que, oficialmente, por parte da autoridade eclesiástica, tenha sido, depois, emitido em sentido positivo ou negativo quer da falta dele à espera de melhor prova, que é o ponto de vista que aqui adoptamos – não pode contar com grandes recursos ao nível das fontes documentais... Para além de casos de tão grande santidade como de grande escândalo público como os casos de Soror Maria da Visitação e de Ana Fernandes – a freira da Anunciada e uma das suas fadoras – para cujas biografias Fr. Luis de Granada recolheu, como para algumas outras – Soror Ana da Conceição..., D. Elvira de Mendoza..., Melícia Fernandes..., Fr. Bartolomeu dos Mártires..., S. Juan de Ávila... –, amorosa e confiadamente, quantos dados, directa ou indirectamente, lhe foi possível, de acordo com essa sua vocação de hagiógrafo de exemplaridades úteis à vida espiritual de cada qual em seu estado¹, pouco mais possuímos... Mas será sempre possível sugerir que os arquivos nacionais (inquisitoriais ou não) e outros – os do Vaticano, antes dos mais – guardem, mais ou menos completos, testemunhos de outros casos de santidade que ainda não chegaram até nós na versão "contemporânea" desses anos... Se não cabia nem cabe esperar qualquer informação deste tipo num *Flos Sanctorum* – os portugueses que se contam entre os "extravagantes" do de 1513 são todos antigos mártires ou gente dos tempos medievais² –, teremos de esperar pelas

¹ Sister John E. SCHUYLER, S. S. J., *Fr. Luis Hagiógrafo* in Fr. Luis de Granada, O. P., *Historia de Sor Maria de la Visitación y Sermón de las Caidas Públicas*, Barcelona, 1962, 137-138; Álvaro HUERGA, *La Huella de San Buenaventura en Fray Luis de Granada* in AA.VV., *San Buenaventura*, Madrid, 1976, 71: "Estamos en el año de gracia de 1584. Fray Luis, ya casi al fin de la jornada de escritor, se dedica a leer vidas de santos. No sólo de santos antiguos, sino de santos modernos. Y adviértase que no repara en si están canonizados o no. En lo que se fija es en que sean modernos y en que "armen" a las varias condiciones del trajín humano, para que el hombre coetáneo pueda vibrar de emoción y de imitación."

² Referimo-nos, evidentemente, a *Ho Flos Sanctorum em Ligoagem: os Santos Extravagantes*, ed. de Maria Clara de Almeida Lucas, Lisboa, 1988.

primeiras crónicas mendicantes, gerais ou particulares, elaboradas por autores portugueses para encontrar as primeiras selecções de gente santa portuguesa – frades, freiras e leigos intimamente relacionados estes com os seus institutos através da sua filiação numa das "Ordens Terceiras" – e as primeiras reacções que nos podem sugerir os caminhos e modelos de santidade que mais impressionavam cronistas e leitores, sem esquecer, obviamente, que estes, tal como aqueles, se situavam, em primeiro lugar, dentro dos marcos da Ordem de que se estendia a história... E dentro desta ordem de ideias, a *Crónica da Ordem dos Frades Menores (Primeira Parte, Lisboa, 1557; Segunda Parte, Lisboa, 1562)* de Fr. Marcos de Lisboa que na sua *Terceira Parte* (Salamanca, 1570)³ inclui, nessa amálgama de história internacional que constituem as primeiras crónicas gerais, as primeiras referências a gente portuguesa franciscana de quem se regista a excelsa virtude e, quase sempre, alguns milagres... O nobilíssimo Fr. João de Ataíde..., Fr. Pedro da Guarda..., Fr. Tristão de Penacova..., Fr. João de Basto... são alguns de que deixou memória... A alguns deles ainda os poderá ter conhecido. Um outro momento inicial destes registos de santidade entre nós teremos que procurá-lo, muitos anos depois, não no perdido (?) *Vida dos religiosos modernos que na Religião de Santo Agostinho da Provincia de Portugal florecerão em virtude*⁴ que antes de 1617, ano de sua morte, compilou D. Fr. Aleixo de Meneses, mas na *Primeira* (Lisboa, 1623), *Segunda* (Lisboa, 1626) e *Terceira* (Lisboa, 1676) *Parte da História de S.*

³ Para estas e algumas outras das mais de oitenta edições da obra haverá sempre que recorrer ao trabalho desse que foi um Mestre dos estudos bibliográficos em Portugal, Fr. Francico Leite de FÁRIA, *Fr. Marcos de Lisboa, ca. 1511-1591 e as muitas edições das suas Crónicas da Ordem de São Francisco in Rev. Bibliotheca Nac. de Lisboa*, S.2, 6 (1991), 85-106. Convirá, talvez, fazer constar que, no âmbito de um projecto subsidiado pela "Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses" preparámos uma reedição desta obra acompanhada de uma larga introdução e de índices (onomástico e topográfico) que deveria ser o primeiro volume da *Bibliotheca Sacra et Missionalia*. (Os volumes seguintes, igualmente já preparados e entregues para publicação, deveriam ser o *Agiológico Lusitano*, a *História Seráfica*, a *História da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, a *História da Etiópia Alta* a cargo, respectivamente, de Maria de Lourdes Correia Fernandes, Luis de Sá Fardilha, Zulmira Coelho dos Santos e Ivo Carneiro de Sousa; a *Crónica dos Cônegos de S. João Evangelista*, ms. de Fr. Jorge de S. Paulo, a cargo de Pedro Tavares, pela sua extensão (quatro vols.) e delicadas questões de transcrição, encontra-se em fase de conclusão).

⁴ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa Occidental, 1741 (aliás, Coimbra, 1965), I, 91. Embora o Abade de Sever não tenha visto o ms. e cite a obra pelas referências de D. Rodrigo da Cunha, Filipe Labbe e Jorge Cardoso, preferimos este título, porque, aparentemente, pelo menos, explicita melhor o âmbito do trabalho de D. Fr. Aleixo de Meneses. Devemos, no entanto, registar que o autor do *Agiológico Lusitano* viu, cita e "completa" essa obra que conhece por *Tratado dos varões illustres em sanctidade da Eremitica familia Augustiniana in Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varões Illustres em virtude do Reino de Portugal e suas Conquistas*, I, Lisboa, 1652, 144, l. o).

Domingos de Fr. Luis de Sousa que, pelo tempo e pelo âmbito (*particular do reino de Portugal e suas Conquistas*), oferece uma muito mais ampla recolha de gente dominicana portuguesa digna de memória pelas suas virtudes heróicas. Também a muitos dos mais ou menos rapidamente seus biografados dos fins do século XVI ainda terá conhecido, directa ou indirectamente, Manuel de Sousa Coutinho. Só muito mais tarde (Lisboa, I, 1652, II, 1657, III, 1666) a "obra grande e digna de perpétuo louvor"⁵ de Jorge Cardoso, incompleta apesar da boa vontade de D. António Caetano de Sousa (IV, 1744), o *Agiológico Lusitano dos sanctos e varões illustres em virtude do reino de Portugal e suas Conquistas* oferecerá, mas agora, evidentemente, marcados por essa longa distância histórica que vai dos seus dias (que também são os de muitos de seus informadores e informadoras) à época em que nos situamos, dados valiosos e quase sempre ordenáveis em autênticas séries, o que, desde muitos pontos de vista, os torna insubstituíveis para conhecer o "esplendor das lusitanas virtudes"⁶. De qualquer modo, essa santidade não oficial que ocupa, naturalmente, a quase totalidade dessas páginas, será, entre nós como em qualquer outro país, sempre muito mais vasta que a canonicamente consagrada e só é um tanto estranho que a santidade oficializável, isto é, a que aos olhos dos que com ela conviveram ou dela estiveram próximos oferecia razões e provas para se tornar oficial e que crónicas e hagiológicos recolhem com fervor e devoto "patriotismo", quase nunca tenha passado desses registos à introdução aos primeiros passos de um processo canónico que a consagrasse ou, quando estes se deram, dos primeiros estádios da consagração oficial que permite a veneração. Contemporâneos, D. Leão de Noronha..., Margarida de Chaves..., D. Fr. Bartolomeu dos Mártires – casos, estes últimos, secularmente bem trabalhados⁷, são alguns dos exemplos que, cada qual a seu modo e, obviamente, distinto alcance, podem apoiar a nossa observação anterior.

⁵ Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores da Provincia de Portugal. Primeira Parte*, Lisboa, 1656, I, 1, 19, 88.

⁶ Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica...*, ed. cit., I, 1, 36, 132.

⁷ Independentemente de, desde outra perspectiva, termos de voltar a Margarida de Chaves, vale a pena recordar o que, com algum humor, conta D. Francisco Manuel acerca dos esforços que desenvolveu a família da célebre penitente açoreana em prol da sua beatificação: "Já que conto a V. M. historias assi, não hei cá de deixar esta. Solicitava com exquisita importunação em Roma a beatificação da veneravel matrona Margarida de Chaves, hum seu filho que eu muito bem conheci, e de sua boca ouvi o que digo. Tinha o Papa Paulo Quinto remetido a causa a certo Cardeal, que já andava tão temeroso do requerente, que em o vendo, fugia delle. Succedeo chegar a fallar-lhe um dia, estando o Cardeal mais que outros enfadado; e havendo-lhe lembrado, como costumava, seu negocio, lhe respondeo: "Senhor, não nos cansemos em provas da santidade de vossa mãe; provai sómente que vos soffreo, que o Papa a declarará logo por Santa". (*Carta de Guia de Casados*, Estudo crítico, notas e glossário de Edg. Prestage, Lisboa, 1954, 106-107).

Ora, Jorge Cardoso, logo no primeiro volume do seu famoso *Agiológico*, a 15 de Janeiro, em páginas exemplares da estrutura expositiva dessa obra, que, como sempre (que possível, evidentemente), abre com a evocação de antigos mártires lusitanos para encerrar com a de modernos mártires portugueses ou que, pelos portugueses, à fé de Cristo foram convertidos, dentre as rápidas biografias de alguns religiosos – um trinitário, um carmelita, um beneditino, dois franciscanos) – e de algumas religiosas – uma longínqua abadessa cisterciense, uma dominicana, uma agostinha, uma carmelita descalça – faz surgir, com uma extensão significativamente expressiva dos dados de que dispôs e da importância que lhe concede, a vida de um leigo. E – sublinhemo-lo – de um leigo casado, pai de treze filhos e senhor de grande casa, que não pertenceu a qualquer ordem terceira ou que, se tiver pertencido, não é a essa luz que vem exposta a sua vida, e, ainda, que não terminou os seus dias no seio de uma ordem religiosa, o que, tudo somado – sublinhemo-lo também – é uma circunstância raríssima no conjunto da obra.... Leigos que pudessem ser considerados *varões ilustres em virtude* dignos de perpétua memória – e de registo –, à parte antigos mártires e algum príncipe menos antigo, foram, ou vieram a ser, quase sempre, sob qualquer aspecto, religiosos – ordens militares..., ordens terceiras..., donatos, etc.... O caso que aludimos é o de D. Tomás de Noronha, um "fidalgo desta illustrissima familia", a quem desde "a puericia seu pai creou em sancto temor de Deos"⁸ e que morreu (1588?) "deixando de si notoria opinião de grande servo de Deos"⁹, entendamos, de santidade. Apesar do que insinua sobre a importância da educação que D. Tomás de Noronha recebeu de seu pai, J. Cardoso – contenção surpreendente –, consegue escrever essa notícia biográfica sem nunca nomear tal progenitor.... Se não fosse a brevíssima nota em que aponta onde foi colher as suas informações nunca viríamos a saber quem fora o pai de tão "grande servo de Deos".... A leitura da nota esclarece-nos tanto sobre este ponto como sobre o porquê dessa técnica.... Com efeito, por umas rápidas treze linhas, ficamos a saber que Tomás foi não só filho – e o único filho legítimo – de D. Leão de Noronha, mas também que "foi nos christãos procedimentos e virtudes grande imitador de seu pai" e, ainda, que o hagiógrafo lusitano se virá deste a ocupar "largamente em seu dia 28 de Agosto, pela grande opinião de santidade que deixou neste Reino"¹⁰.... Percebemos as razões da omissão. Um pouco de *suspense* nunca fica mal e pode mesmo realçar a boa ordem da narrativa.... Jorge Cardoso já não teve tempo de expor o caso de

⁸ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 149.

⁹ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 149-150.

¹⁰ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 155.

D. Leão de Noronha, mas, como sempre, deixou-nos a indicação da sua fonte para essas quase duas páginas que dedica a D. Tomás: a *vida* que escreveu Jerónimo (Hieronymo) de Melo – Jerónimo de Melo Coutinho de seu nome completo –, "fidalgo bem conhecido neste reino por sua nobreza, piedade e exemplar vida"¹¹. O autor do *Agiolégio*, como reiteradamente refere, conheceu-a em manuscrito¹². Tal como nós, já que nunca foi editada.

D. António Caetano de Sousa (†1759) teve tempo de cumprir essa promessa de Jorge Cardoso e teve, com felicidade para nós, igualmente tempo de a publicar no fim do único volume de continuação do *Agiolégio Lusitano* que chegou a imprimir (Lisboa, 1744)... E o ilustre e operosíssimo teatino é bem claro nas razões com que justifica a ampla, senão mesmo excepcional, atenção (onze páginas) que dedica a D. Leão de Noronha: alargou-se – a palavra é sua – "por satisfazer à promessa do Licenciado Jorge Cardoso no seu comentario de 15 de Janeiro"¹³. Aí, como estaremos recordados, se prometia escrever *largamente* acerca desse grande varão em virtude e santidade. Também D. António revela que dentre as suas fontes – nobiliários, crónicas, bibliografias – há que destacar "humas Memorias para a sua Vida que se conservão na sua Casa e que nos participou o seu quarto neto, D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos e conforme refere João Franco Barreto na sua *Bibliotheca* são de Jeronymo de Mello"¹⁴.

Desconhecemos se a atribuição dessa *Vida* a Jerónimo de Melo por parte de Jorge Cardoso é igualmente feita com base em informações de Franco Barreto. Cronologicamente nada o impediria, mesmo sabendo que, segundo o Abade de Sever, o tradutor do *Flos Sanctorum* de P. Ribadeneyra (Lisboa, 1674) só terá logrado esse "animo impertubavel" que lhe permitiu, no meio das guerras da Restauração, dedicar "todas as horas ao estudo e composição de suas obras", depois de 1648¹⁵... Jorge Cardoso, geralmente tão preciso na indicação das suas fontes, não o cita em 1652..., embora já a ele se refira em 1666, mas a propósito de um caso que não se prende com qualquer dos Noronhas¹⁶. Apesar de tudo, poderemos sempre perguntarmo-

¹¹ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 155.

¹² Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 155: "Sua [de D. Tomás e, logo, a de D. Leão de Noronha] anda m. s. por Hieronymo de Mello..."; e a 14 de Fevereiro escreve: "Tambem se faz della [a Madre D. Brites de Meneses] illustre menção na vida que anda m. s. de seu irmão D. Leão de Noronha" (*Agiologio Lusitano...*, ed. cit., II, 436).

¹³ D. António Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., IV, 688.

¹⁴ D. António Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., IV, 688.

¹⁵ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., II, 664.

¹⁶ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., III, 74: "Aproveitemo-nos agora da nossa Bibliot. Lusitana em ordem a suas [de Bento Gil] letras, já que o Doctor João Soares de Brito e o Licenciado João Franco Barreto nos desobrigarão deste glorioso assumpto, tratâdo ambos d'elle ex professo com grãde exacção".

nos se não terá sido através do próprio autor que Jorge Cardoso conheceu essas "memórias" sobre a vida de D. Leão de Noronha.... Cronologicamente, também nada o impediria e o citado elogio de Jerónimo de Melo pelo autor do *Agiológico Lusitano* cobraria uma dimensão menos fúnebre...¹⁷. De qualquer modo, qualquer tenha sido a sua fonte, o autor e o continuador do *Agiológico Lusitano* são unânimes em declarar Jerónimo de Melo o autor dessa *Vida* de D. Leão de Noronha e da de seu filho D. Tomás, esta, porém, apenas como ilustração da educação recebida, esclarecimento de práticas devotas, leituras, virtudes, etc. de seu pai, o que significa que, ocupando embora, *naturalmente*, no texto da *Vida de D. Leão de Noronha* um lugar de destaque, não é, pelo menos na versão que conhecemos, um escrito autónomo. Tanto quanto sabemos, permaneceu, como já aludimos, inédita. A protecção de algum santo padroeiro dos investigadores – que, se existe, esperemos seja S. Jerónimo... – deverá ter levado a que na Biblioteca Nacional de Lisboa (Cod. 4287) localizássemos essa *Vida e Mercês que Deus fez ao veneravel Dom Leão de Noronha*.... Se não fora este manuscrito, anónimo, mas como temos vindo a aceitar e viremos a tentar esclarecer, perfeitamente atribuível a esse Jerónimo de Melo, estaríamos hoje reduzidos a conhecer as biografias desses veneráveis portugueses – e a de D. Branca de Castro, mulher de Leão de Noronha e mãe de Tomás – apenas pelos largos e felizes, mas sempre limitados, resumos que delas se fizeram no *Agiológico Lusitano*.... E dizemo-lo assim, já que da *Vida de D. Leão de Noronha, ascendente dos Condes dos Arcos, com a notícia das suas virtudes e da historia daquelles tempos* que, segundo Barbosa Machado, compôs, em dez capítulos, Fr. João de Cristo, O. C. D. (1595-1659)¹⁸, não lográmos, até agora, encontrar outras quaisquer referências que permitam "definir" as suas afinidades ou originalidades em relação à anteriormente citada ou sequer confirmar, mesmo indirectamente, a sua existência. Jorge Cardoso cita outra obra desse autor¹⁹, mas nem ele nem A. Caetano de

¹⁷ Além do elogio que lhe faz, Jorge Cardoso sabe que à data em que escrevia (antes de 1647, ano das licenças do primeiro volume do *Agiologo Lusitano*) era já Jerónimo de Melo falecido, como indica a nota "que Deus tem". Com efeito, como, a seu momento, veremos, o biógrafo de D. Leão faleceu em 1645, em Lisboa. E assim sendo, os louvores e essa referência necrológica parecem estar a indicar algum conhecimento e reconhecimento da "virtude e exemplar vida" desse fidalgo, donde se pode seguir que essas *vidas*, mesmo que lhe tivessem chegado sem o nome do autor expresso, não eram, para ele, anónimas.

¹⁸ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit. II, 636; P.e David do CORAÇÃO DE JESUS, *A Reforma Teresiana em Portugal*, Lisboa 1962 (*Apêndice 3 - Escritores Carmelitas Descalços da Provincia de S. Filipe*), 221, ainda que largamente inspirado em Barbosa Machado, apresenta alguma discrepância cronológica que seguimos.

¹⁹ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, ed. cit., I, 125 conhece o autor e dele cita, por informação do próprio, *hum Summario de vidas de alguns religiosos portugueses illustres em*

Sousa se referem a essa *Vida de D. Leão de Noronha*. Aceitemos, contudo, provisoriamente, a sua existência. Estas duas "Vidas", mesmo se inéditas, poderão sugerir a importância que se concedeu – ou se concedeu em certos meios, se quisermos – a essa personagem no século XVII português? Talvez, com a condição de as supomos elaboradas a uma distância cronologicamente significativa. Parece, porém, preferível afirmar, por agora, que podem apenas sugerir o interesse que se terá tentado criar à volta desse santo, isto é, serem, antes de mais, formas de procurar alimentar a fama da sua santidade..., de a manter viva.... Esta sugestão que tentaremos concretizar pela análise da obra de Jerónimo de Melo, parece principalmente válida para os primeiros vinte cinco anos de Seiscentos, anos em que, como lastima o autor da *Vida*, a memória da santidade de D. Leão se vai apagando à medida em que as testemunhas directas iam desaparecendo e, como suspeitamos, lhe faltavam outros suportes que sustentassem essa fama: novos milagres..., e um grupo de apoio²⁰... A constituição desse grupo ou a sua consolidação com base nos descendentes desse "venerável varam" poderá mesmo ser uma das finalidades que se propunha Jerónimo de Melo..., que, como veremos, além de ter sangue dos Noronhas, tinha casado com uma filha de D. Tomás, quer dizer, com uma neta do santo D. Leão.

Por outro lado, e em estreita relação com alguns dos aspectos que deixámos apontados, a *Vida de D. Leão de Noronha* poderá ser uma excelente brecha para tentar observar de mais perto, mesmo se por referência a um caso exemplar e, talvez, até, limite, a espiritualidade, nas suas múltiplas faces – *modus orandi*..., práticas de piedade..., leituras..., empenho social..., etc. – de um leigo nos anos centrais do século XVI português em que também viveram – recordemo-los como simples exemplos – um D. Francisco de Noronha (†1574), segundo conde de Linhares (um parente já algo distante de D. Leão), um Afonso Fernandes Barbusz (†1579), um Jorge da Silva (†1578), um Francisco de Sousa Tavares (†1562?). Mas se desse conde de Linhares suspeitamos as grandes penitências, a frequência dos Sacramentos e misericórdias²¹, e do ferreiro de Penafiel sabemos ter sido um honrado *pater familias* e um modelo de "ardente caridade" para com pobres e doentes²², e dos últimos, à parte algumas notas biográficas dispersas – e, em relação a Jorge da Silva, nem sempre abonatórias²³ – que

sanctidade que Barbosa Machado e P.e David do Coração de Jesus dizem ser o *Carmelo Descalço Lusitano*.

²⁰ Jean-Michel SALLMANN, *Naples et ses Saints à l'âge baroque...*, ed. cit., 150, 371, 374.

²¹ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., III, 668.

²² Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., II, 482-483.

²³ Das anónimas *Anedotas Portuguezas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista. Istorias e Ditos Galantes que sucederão e se disserão no Paço* (Leitura do texto, Introdução, Notas e

se podem ler em crônicas e memórias do tempo, conhecemos os seus livros de espiritualidade, de todos eles que sabemos verdadeira e concretamente atinente às suas práticas espirituais, antes de mais à sua prática espiritual quotidiana, que vá mais além de vagas – e, mesmo assim, importantes – notas hagiográficas? E desde este ponto de vista, a obra de Jerónimo de Melo, escrita pelos anos em que, também na Península Ibérica, a aristocracia descobre a santidade como um meio de legitimação – J.-M. Sallmann, na esteira de outros autores²⁴, demonstrou-o para Nápoles contra-reformista dos fins do século XVI e começos do seguinte – é uma obra singular que, entre nós, só terá paralelo, muito mais tarde, em *O Cavalheiro Christão*, esse

Índices por Christoher L. Lund), Coimbra, 1980, 167-169, colhemos algumas referências a Jorge da Silva que podem confirmar o que dizemos e fornecer um bom ângulo para percebermos como era visto nos meios cortesãos: "Jorge da Silva filho 2º do regedor João da Silva, foy homem de grandes brios e de extremozos pençamentos... [...] Cazou Jorge da Silva com a dita D. Luiza de Barros, e fez logo em cazando alguns gastos que excediam a pocibilidade da sua renda, fundado na esperança de que seu sogro lhos ajudaria a sustentar; mas esprementou o contrario do que esperava, e como não podia chegar por sy a ter a dita caza deu em outro extremo, e foy o não ter nenhuma; Serrouce às vistas e convercção, não vizitava, nem converçava pessoa alguma, as suas vizitas erão todas a cazas de oração; hia muito de confino passar as tardes a Igreja do Convento de S. Domingos aonde estava na Capela de Jesus encomendadoce a elle, de que compos hum livro que anda empresso em meyo quarto de papel conciderações muito devotas; as menhas gastava na Igreja de nossa Sr.ª da Roza, aonde acistia a todas as missas posto a hum canto do fundo da Igreja, junto ao Coro, debaixo das religiozas, e nas missas mayores quando ellas as entoavão de sima, elle tambem cá debaixo entoava com ellas, sem fazer cazo da muita gente que estava na Igreja as vezes; andava em hua mula velha, levando na mão hua cana de bengala com que as vezes a governava, e hua negra fiando diante que lhe tinha mão nella, quando della se decia, em este modo de vida, e desprezo das vaidades do mundo continuou Jorge da Silva, emquanto seu sogro foy vivo, porem tanto que o sogro passou desta vida, e elle tomou posse de toda sua fazenda e entrou no grande lucro que tirava do trato mercantil, que elle Jorge da Silva sempre concervou, e exercitou por seus caxeiros, emquanto viveo, logo tambem passou daquelle extremo de vida que ate então seguira, ao outro extremo oposto; A mula velha se converteo em muitas outras muito fermosas, e em cavalos de grande preço, a negra de que se acompanhava de muitos lacayos: escudeiros e pagens, as vizitas que dantes fazia as Igrejas somente se começarão daly em diante a fazer ao paço, a caza se enchoo de moveis, muito ricos...". Francisco de ANDRADE, *Crônica de D. João III*, IV, 38, Porto (Introd. e Revisão de M. Lopes de Almeida), 1976, 988, a propósito dos que ficaram ao serviço do príncipe D. João quando lhe foi posta casa (1549) escreve, confirmando o anónimo compilador das *Anedotas*: "De Jorge da Silva filho do mesmo Regedor João da Silva, hum dos tres primeyros no serviço do Príncipe, se não tratou por então, por elle ter tomado hum modo de vida com que parecia que tinha renunciado tudo o que da corte se podia esperar". Mas, em abono da verdade, há-de dizer-se que, apesar de o conhecer melhor do que o quereria, já que acusou à Inquisição, em 1571, D. Maria da Silva, mãe da mulher do ainda então Manuel de Sousa Coutinho, um Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, ed. cit., II, 2, 10, 145, tem-no por "fidalgo muito rico e largo de condição", e I, 3, 30,409 por "grande pai de pobres", qualidades que igualmente não esquece Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 34, 98. Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, III, 129, fazendo-se eco de todas estas tradições, di-lo "piissimo".

²⁴ Jean-MICHEL SALLMANN, *Naples et ses Saints à l'âge baroque...*, ed. cit., 156, 158, 160; Marina CAFFIERO, *Tra modelli di disciplinamento e autonomia soggettiva in AA.VV., Modelli di Santità e Modelli di Comportamento*, Torino, 1994, 265-281 (esp. 270 e específicas referências bibliográficas em nota nº 8).

anónimo diálogo que trata da *vida, virtudes e acções do Senhor Manoel Jozé Soares de Brito* (†1760), o ilustrado senhor da Quinta da Lamarosa, junto a Coimbra²⁵. Por tudo isto, cremos, essa possibilidade oferecida pela *Vida de D. Leão de Noronha* é tanto mais interessante quanto o leigo, mesmo que alto senhor e modelar *pater familias*, é o grande "esquecido" dos tratados de espiritualidade, "esquecimento" bem visível até por contraste com a atenção que merecem as "donzelas cristãs" e as "perfeitas casadas".... Quando muito, salvo contadíssimas excepções, o que se lhes propõe deriva de adaptações, via *contemptus mundi*, de uma espiritualidade de tons monasticizantes.... A *Imagem da Vida Cristã* poderia documentar esta nossa sugestão.

E se o que dizemos se apresentar válido, a *Vida de D. Leão de Noronha* poderá ainda permitir perceber as dimensões da fama da sua santidade quer entre os seus contemporâneos – o que significa também procurar ver como eles acolheram o santo em vida –, quer, conseqüentemente, depois da sua morte, especialmente, como é obvio, pelos dias em que foram recolhidas e escritas essas memórias que fixaram a fama da sua santidade.

E não será de menor interesse poder verificar o esforço do seu hagiógrafo – que, recordemos, era seu parente – em erguer D. Leão à categoria de espelho não só dos leitores possíveis da sua obra, mas, antes de mais, dos leitores que obrigatoriamente a deveriam ler: a sua família, com relevância para os seus descendentes.

As últimas observações, cremos, facilitam, metodologicamente, a abordagem da obra, pois não temos que nos prevenir acerca da relação do biografado (o santo) com o seu historiador (o hagiógrafo), já que este confessa claramente pretende aproveitar-se da história dessa existência para propôr um modelo..., erguer um espelho... Tudo isto quer dizer, se não erramos, que, para além de recolher e fixar testemunhos – que vão desde escritos de D. Leão... e de relíquias suas até à inquirição de alguns que, vivendo nos primeiros vinte anos de Seiscentos, ainda conheceram ou conheceram os que conheceram esse grande senhor e santo – Jerónimo de Melo também os organiza para esse fim exemplar de *aedificatio hominis*, ainda que, aqui, talvez fosse melhor falar de *aedificatio gentis suae*.... E, assim sendo, diante da falta de outras fontes de controlo, será verdadeiramente legítimo levantar a questão da distorção?

²⁵ *O Cavalheiro Christão. Dialogo sobre a Vida, Virtudes, e Accções do Senhor Manoel Jozé Soares de Brito, Cavaleiro Professo na Ordem de Christo*, Lisboa, Na officin. de Pedro Ferreira, Impressor da muito Augusta Rainha N. S. Anno 1761, obra que, dedicada ao filho do biografado por "hum seu amigo" anónimo, mereceria ser aprofundada com outra documentação.

II – Como deixámos referido o Cod. 4287 da B. N. L. conserva o texto dessa hagiografia que temos vindo a contextualizar e cujo título completo é: *Vida e merces que Deus fez ao veneravel Dom Leão de Noronha filho de Dom Henrique de Noronha Comendador de S. Tiago, Mordomomor de El Rey Dom João o segundo de Portugal e bisneto de El Rey D. Henrique o segundo de Castella e de El Rey D. Fernando de Portugal em sete capítulos*²⁶. Trata-se de um ms. de 128 fol.s numeradas modernamente só pela frente de 1 a 138. Tal discrepância deve-se a um erro de foliação a partir da fol. 79r donde se salta para a fol. 90. Tal erro, porém, não implica falta de texto, como, além do mais, no-lo garantem os respectivos reclames de cada página. Escrito em, pelo menos, dois tipos de letra correspondentes, porém, a duas épocas de Seiscentos – os primeiros trinta anos e a segunda metade desses anos²⁷ – e, em geral, de apresentação bastante cuidada, o códice não deverá poder ser um autógrafo de Jerónimo de Melo. Com efeito, para além das páginas escritas em letra mais moderna conterem referências cronológicas – à corte do rei D. Pedro II, por exemplo – que não se compaginam com os dados biográficos de Jerónimo de Melo, as mais antigas, independentemente de uma ortografia muito oscilante e, em alguns casos, de difícil justificação²⁸, contêm uma série de erros igualmente reveladores de um nível cultural que parece ser impossível supor em alguém que, como reivindicava para si o próprio autor, estudou na Universidade de

²⁶ Para o que possa valer, indicam-se os títulos dos sete capítulos: I [sem título; nascimento, genealogia, generalidades]; II – *Da penitencia que fes. estado a que chegou por sua humildade*; III – *Do procedimento de sua pessoa, governo, e criação de seu filho*; IV – *Da repartição de sua fazenda e da grande charidade com os pobres e esmola que lhes dava*; V – *Da sua oração*; VI – *Dos milagres que fes em sua vida*; VII – *De sua morte e sepultura e confiança que tinha de se salvar*. Deve indicar-se que a fol. 116r se anota ao alto da página um "Segundo" que dir-se-ia corresponder a um segundo capítulo da uma parte da obra dedicada a D. Tomás que poderia iniciar-se a fol. 98v onde, de qualquer modo, falta a indicação de "primeiro".... Citaremos sempre a obra de J. de Melo por *Vida de D. Leão de Noronha*..., guardando a numeração da foliação própria do códice, mas desenvolvendo as abreviaturas, introduzindo as maiúsculas nos nomes próprios e, sempre que nos pareceu impor-se, alguma pontuação e acentuação.

²⁷ Aproveito para agradecer, uma vez mais, ao Prof. Doutor José Marques, nosso amigo e excelente colega, a preciosa ajuda que aceitou dar-nos na aproximação cronológica aos diferentes tipos de letra do ms. da *Vida de D. Leão de Noronha*....

²⁸ Notem-se, a título de meros exemplos tanto de diferentes opções, cada – quada; jiolhos – juelhos; desejos – deseijos; descudo – descuido; muito – muíto; devoção – davusão; Crisostomo – Crisostomo, como do que poderia dizer-se a "imagem gráfica" de palavras eruditas – *salpmos*... por "psalmos"..., *ignos* por "hymnos".... Haverá erros que podem resultar de pura ignorância – *tombos* por "tomos"..., *fieldades* por "fealdades"..., *Santo Loio* por "Santo Elói". Alguns dos erros apontados – *D. João o primeiro levou a memoria* por "D. João o primeiro de Boa Memória" – podem mesmo testemunhar marcas de oralidade resultantes da cópia ter sido feita (ou parcialmente feita) por ditado, o que, evidentemente, não impede que também testemunhem do nível cultural do copista.

Valadares, O.P. Seria admirável que um antigo estudante de Coimbra pudesse escrever que D. Leão de Noronha era "tam docto que o Santo Officio naquelle tempo que o catolico Rey D. Joam o primeiro levou a memoria trouxe a este reyno..." o chamava para rever alguns livros...²⁹, ou que o santo possuía a certas obras de Santo Tomás de Aquino "em dous tombos pequenos"...³⁰, ou ainda que escrevesse sempre (com apenas duas excepções) *salpmos* por psalmos ou salmos..., mesmo que fosse capaz de explicar que "Christo nosso Senhor na Antiga Lei mandava que nam comessem animais nam remunhativos"...³¹, etc.. Se a tudo isto juntarmos algumas faltas de concordância nominal e verbal e a omissão de algumas palavras – facilmente reconstituíveis, é certo – e a repetição de alguma passagem³² não será difícil aceitar que as partes datáveis dos primeiros trinta anos do século XVII deverão ser uma cópia, nem sequer corrigida, do ou de um original do autor que, muito possivelmente, também estaria longe da perfeição. Será, contudo, lícito sugerir que a cópia dessas páginas, se foi ainda feita por seu mandado ou com o seu conhecimento – o que não podemos provar –, já o seria em anos avançados que lhe não deixariam muito tempo para a rever. Com efeito, no final de um dos textos que integram o códice promete escrever "mais estendidamente nas grandezas desta sagrada milicia"³³ que é a Ordem de Cristo, da qual, por esses dias, era "Mestre a Catholica Magestade de el Rey D. João o 4^o"³⁴, o que permite saber que essas páginas foram escritas entre 1640 e 1645, data da sua morte.

As indicações de factos e circunstâncias que ficam analisadas ou aludidas terão deixado perceber que no códice se reuniram como que duas partes: a primeira, mais antiga, que contém não só a *Vida e mercês que Deus fez a D. Leão de Noronha* (fol. 1r-[109r]=[119r]), datável, quanto à escrita, dos anos vinte do século XVII – como procuraremos mostrar –, mas também a *Discripsam do Musteiro da Carnota* (fol. [110r=] 120r-[115v=]125v), uma breve evocação do solitário e "Insigne Musteiro de Vilar de Frades" que lhe dá pé para contar, talvez até pela primeira vez em português, a lenda do monge e do passarinho³⁵ (fol. [115v=] 125v-[118r=]

²⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 81v.

³⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 56r.

³¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 61r.

³² No cap. VII, depois de iniciado a fol. 99v, suspende-se o relato da morte de D. Leão a fol. 101v para logo o reiniciar com alguma variante que o torna mais preciso.

³³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 131r.

³⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 131v.

³⁵ - José FILGUEIRA VALVERDE, *La Cantiga CIII. Noción del Tiempo y Gozo Eterno en la Narrativa Medieval*, Compostela, 1936, 115-116 indica que da lenda do monge e do passarinho "el primer relato en prosa portuguesa que se conoce, es el de Fr. Leão de Santo Tomás en la 'Benedictina Lusitana' [1644]...", o que pode conferir a primazia ao texto de Jerónimo de Melo, única

128r), digressões intimamente relacionadas com a *Vida*, e, finalmente, umas notas sobre a origem e espiritualidade da Ordem de Cristo (fol. [118v=] 128v-[122v=] 132v), escritas entre 1640 e 1645, em que se justifica por ter chamado "irmão" a um freire conventual dessa Ordem militar³⁶, o que não deixa de ser sumamente interessante para ajuizar sobre a compreensão que, por essa data, da Ordem tinham os cavaleiros; a segunda parte guarda apenas o *Resumo e breve descrição dos Noronhas, timbre e brazão da Casa do Conde dos Arcos, Dom Marcos de Noronha* (fol. [123r=]132r-[128r=] 138r), organizado depois de 1683, pois aí se nomeia D. Pedro II como rei de Portugal, mas concebido como encerramento de todos os escritos

razão por que o copiamos aqui: "... Huma noute estando em matinas no fim das laudes que conforme a Regra de S. Bento se acabam ja quando quer romper alva, tempo em que os membros [melros] dam suas alvoradas que deleitam a quem as ouve e aos que se querem aproveitar que pellas creaturas a levantarem os pensamentos ao Creador tem ocasião para o fazerem porque considerando os folgarinhos daquelles passarinhos como podem, pois a natureza os ensina a levantar os pensamentos como a louvarem seu Creador, conquanto mais rezam os homens racionais dotados de tantos dotes o podem fazer. Enlevou-se o santo abade na sua vida de ver vir hum passarinho e pousar em cima da estante do coro ficando-lhe soneroso e comesou a dar seu asobio e fazer suas cantigas e enlevado na musica se foi avoando athe o claustro. O abade se foi atras delle e foi como seguio athe a serca athe o levar afastado do mosteiro, metido e embosquado pela espessura das arbores no sitio em que o Senhor permitiu suspender ao abade da musica do passarinho que se pos no ramo de hum pinheiro. Ali esteve o abade entre aquelles troncos a ouvir aquella musica sclestial setenta e seis anos continuos sem comer nem beber sem outro vestido e sem ser visto. Acabado o tempo que o Senhor aprouve aquella hora em que o passaro o levou do mosteiro a esa mesma tornou a perguntar pelo samchristam porque nam tangia a prima. Porque nenhum ja o conhecia e averia muitos abbades e sombavam da historia que lhe contava e como se fazia abade,mais se espantavão dizendo acabou hoje matinas sahi ao pee daquelle pinheiro a ouvir hum melro que cantava suavemente. Repararam os religiosos a historia, ajuntaram alguns velhos ansiões de varios mosteiros ao redor, estes diziam que ouviram dizer aos velhos que hum abade daquelle mosteiro pella tradiçam se tem que foi no tempo del rei Dom Ramiro o primeiro nesta hora se fora ao ermo, licença que dá a Regra de S. Bento que os que bem exercitados no mosteiro debaixo da disciplina regular possam hir o ermo a vida dos anachoretas porque ja sam soldados velhos pasam [?] como capittoes a pelejar com as intentasões. Hoje se nam pratica por certos escrupulos que ha para isso. O santo abade esteve no mosteiro, contou o sucesso, viveu algum tempo, fez milagres, na sepultura esculpiram esta historia em pedra marmore..." (fol.126r-127v). Anote-se ainda, por menos conhecido, Fr. Augustin ANTOLÍNEZ, *Historia de Santa Clara de Monte Falco de la Orden de S. Augustin*, Madrid, 1613, cap. 42, pág. 93. Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 1-2, 6-7 (Primeiro de Janeiro, l.b), além do texto, aponta alguma "bibliografia" que não tem sido tomada em consideração, mas não refere Jerónimo de Melo. Aproveitemos para sugerir quanto poderia ganhar a renovação do estudo do tema, se, alargando as pistas de Filgueira Valverde, se tivessem em consideração outras zonas semânticas como algumas que, apesar do longínquo dos seus propósitos em relação ao tema em causa, fornece, com atenção, Jacobo SANZ HERMIDA, *El Passer solitarius sanjuanista, algunos aspectos*, in AA. VV., *Actas del Congreso Internacional Sanjuanista*, Ávila (?), 1991, I, 309-323.

³⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*,77v: "a reposta [a uma questão sobre as "securas" na oração] hera para hum freire conventual da minha ordem da sagrada milicia de Nosso Senhor Jesus Christo [...] que como irmão me pediu perguntace esta pergunta ao dito padre...". 118v: "Alguns estranharam chamasse irmãos nossos aos freires da Ordem de Christo polla diferença com que nos trajos andamos differentes..."

do códice, pois, quase a terminar, nele se remete para "as mercês e milagres que Deos obrava em vertude do illustre D. Leão, como atras ficão escritos"³⁷. Se adiantarmos que D. Leão foi noviço no convento de Santa Catarina da Carnota..., que está enterrado em S. Francisco de Alenquer (do qual se dá igualmente uma pormenorizada e alegórica descrição)..., que, segundo o autor, Vilar de Frades tem relação com os franciscanos da Carnota..., que Jerónimo de Melo foi freire da Ordem de Cristo e casado com uma neta de D. Leão e, enfim, que D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, era terceiro neto do mesmo D. Leão, compreender-se-á que se possa afirmar que todo o códice se articula à volta da exaltação do santo e da sua família³⁸.

Creemos nem prevenir seria necessário que, na linha do género, à hagiografia de D. Leão de Noronha – aceitemos o ponto de vista do autor que sempre fala não só do "santo D. Leão", mas também "deste santo" – não devemos pedir cuidadas precisões de datas, temas, circunstâncias de acontecimentos de que, muitas vezes, parece ser essa narrativa a única fonte. Se, observando a tradição hagiográfica, Jerónimo de Melo fixou, e, mesmo assim, sem um rigor indiscutível, a data da morte do santo, foi omissivo em relação à cronologia dos seus milagres..., aos anos em que esteve na Carnota..., à data em que D. Tomás, seu filho, teria sido pagem do príncipe D. João³⁹ ..., ao tempo em que o mesmo D. Tomás estudou em Coimbra ou em que regressou do Concílio de Trento..., etc. Será sempre possível que uma investigação mais profunda possa vir a documentar ou a discutir com mais precisão algumas destas referências, mas havemos de confessar que, até hoje, não lográmos documentá-las, tal como as crónicas do Reino e das ordens religiosas e outras fontes documentais mais imediatamente

³⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, 136v.

³⁸ Será sempre possível colocar a pertinente questão da existência de outras cópias do texto de que nos ocupamos aqui, mas havemos de confessar que a impertinência que nos levou junto de algum descendente do santo varão não deu qualquer resultado.... Por alguns indícios que discutiremos quando viermos a publicar a obra de Jerónimo de Melo, estamos em crer que foi este exemplar que conheceu D. António Caetano de Sousa.

³⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, 21r-21v afirma-o: "...fazendo consulta Elrey Dom João o terceiro que mosso fidalgo buscaria para assistir a seu filho o Principe Dom João e aprender bons costumes escolherão naquelle tempo a este filho de Dom Leão tam querido dos Reys que nos estrados e antecâmara da Rainha Donna Catherina dormia e se criava juntamente com o Principe sem differença, com esta familiaridade com os Principes hera invejado de muitos..."; e no *Resumo e breve descrição dos Noronhas* repete-se (134v) esta afirmação, mas fazendo-o "ayo e mestre"..., o que parece hipérbole cortesã..., pois, segundo a mesma fonte, teria, então, Tomás de Noronha 13 anos, isto é, a idade do príncipe D. João. Havemos, porém, de confessar que não lográmos documentar estas afirmações. Se foi como diz Jerónimo de Melo, o que é bem possível, D. Tomás teria partilhado da honra com Jorge da Silva, como assinala Francisco de ANDRADA, *Crónica de D. João III*, IV, 38, Porto, (Ed., rev. e notas de M. Lopes de Almeida), 987-989.

acessíveis, como algumas memórias da época, nada revelam sobre esses acontecimentos de relevância essencialmente particular, mesmo quando conhecem ou podiam conhecer os interessados⁴⁰. Compreende-se que face ao que acabámos de apontar sejam irrelevantes algumas pequenas discrepâncias e hesitações, sobretudo de ordem genealógica, com que deparamos no texto e procuraremos esclarecer a seu devido tempo.

III – A cópia que conhecemos da *Vida e mercês que Deus fez a D. Leão de Noronha...* – que temos citado e citaremos sempre abreviadamente por *Vida de D. Leão de Noronha* – não traz o nome do seu autor. Por isso, embora já tenhamos manifestado aceitar a atribuição que Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa fazem da *Vida de D. Leão de Noronha* a Jerónimo de Melo – e, sob a sua autoridade, também D. Barbosa Machado⁴¹ –, cremos será de algum interesse ponderar a questão, tentando definir o seu autor, a partir dos elementos, relativamente abundantes, contidos no próprio texto.

Que o autor escreveu a obra em Lisboa parece poder legitimamente deduzir-se das vezes que nela se situa por referência aos factos que narra. Assim, "nasceu D. Leão de Noronha *nesta* cidade de Lisboa..."⁴² e, durante uma doença grave de seu filho, ele e sua mulher, em lugar de aplicar "mezinha da terra", "vance à capela de Jesus a S. Domingos *desta* cidade de Lisboa"⁴³... e, finalmente, "no anno do Senhor de mil quinhentos e setenta e hum avendo em *esta* cidade de Lisboa mal de peste por Agosto"⁴⁴, D. Leão e sua família retiram-se para Arruda onde o colhe a morte. Por outro lado, alguns dos testemunhos que recolheu sobre a santidade de D. Leão, nomeadamente de algum alto funcionário real na capital que tinha sido criado em casa de D. Leão e algum contacto com as carmelitas descalças recentemente chegadas a Portugal – factos, uns e outros, a que teremos de aludir –, se não exigem que aí vivesse em permanência, indiciam, pelo menos, largas estâncias nessa cidade, cidade que, aliás, parece conhecer bem.

⁴⁰ Francisco de ANDRADA, *Crónica de D. João III*, ed. cit., Fr. Luis de SOUSA, *Anais de D. João III*, Lisboa, 1951 e *História de S. Domingos...*, ed. cit., Fr. Manuel da ESPERANÇA, *História Seráfica...*, ed. cit., Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., são alguns dos autores que poderiam ter registado alguns dos acontecimentos referidos ou simplesmente a sua memória, mas, se mal não lemos, D. Leão e a sua família mais directa apenas são nomeados – e, mesmo assim, incidentalmente, como vimos – por Fr. Luis de Sousa na crónica da sua ordem...

⁴¹ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., II, 507-508.

⁴² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 1r. (sublinado nosso).

⁴³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 53r. (sublinhado nosso).

⁴⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 99v. (sublinhado nosso).

A estas circunstâncias de lugar, podemos juntar algumas indicações muito importantes não só para perceber o clima em que *Vida de D. Leão de Noronha* foi escrita, mas também para determinar a data, melhor, talvez, as datas em que o autor trabalhava nessa hagiografia e em que escrevia algumas das suas páginas.

Logo nos começos da obra, lastimando o descuido – "ordinária desgraça de nossa nação", repete ele com quase toda a historiografia sacra e profana desses tempos – que até então tinha havido em recolher e registar o que se sabia sobre a vida desse Noronha, indica, para sublinhar os testemunhos que se terão perdido, que "o seu transitio foi haverá sincoenta annos, porque foi no de sessenta e dous..."⁴⁵, o que nos remete para 1612. A data, como perceberemos por outras referências pessoais poderia ser interessante, mas, para aqui, não tem outra relevância que nos aproximar da realidade. D. Leão não morreu em 1562, mas, sim, como o autor corrige ao tratar expressamente da sua morte, em 28.V.1572⁴⁶, sendo que a primeira data é um desses muitos erros de copista a que já aludimos. Ora, estes dez anos mais vêm a situar-nos em 1622, talvez até em 1623, se tomarmos aquele "haverá cincoenta annos" como a aproximação que efectivamente é. Deste modo, esta data ou essas datas coincidiriam exactamente com o ano em que, a propósito de uma afirmação de Santa Teresa de Jesus sobre o poder do amor divino, assinala a morte de "huma discipula e companheira sua [...] neste anno de 623 morreo com mostras de grande santidade segundo se chamava a madre Isabel de S. Francisco"⁴⁷. Independentemente da data exacta da morte da célebre carmelita, em Lisboa, ter ocorrido em 1621, 1622, 1623 ou até 1627 – 1622 é, como se sabe, o ano que recolhe maior conformidade de opiniões⁴⁸ –, a indicação é, aqui, preciosa, já que nos confirma que a *Vida de D. Leão de Noronha* foi elaborada por esses anos. Indirectamente, a referência do autor ao *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa, e de alguns casos dignos de memoria que nelle acontecerão* da dominicana Soror Maria do Bautista (D. Maria da

45 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r.

46 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 101v.

47 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 76r-76v.

48 Fr. Belchior de SANTA ANA, *Chronica de Carmelitas Descalços Particular no Reyno y Provincia de S. Filippe*, Lisboa, 1657, I, 3, 19-20, 581-590 onde trata de Soror Isabel de S. Francisco, apesar de referir a sua morte em 1622, deveria, em virtude das balizas cronológicas que aí aponta, referi-la em 1621; Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed.cit., I, 495 e 500 aponta também 1622; J. de MELO, como vimos, garante 1623; finalmente, Miguel BATISTA LANUZA, *Vida de la bendita Madre Isabel de Santo Domingo, Compañera de Santa Teresa de Jesus*, Madrid, 1638, tratando de Isabel de S. Francisco, refere (IV, 14, 528-529) 1627 como o ano de sua morte.

Silva, no século), publicado em Lisboa em 1618⁴⁹, pode garantir essa conclusão⁵⁰. Infelizmente não podemos datar a morte de Fr. João de Valadares, O.P., antigo prior de S. Domingos de Lisboa e que, vivendo ainda quando o autor escrevia⁵¹, foi, como veremos, um dos que mais o entusiasmou a dedicar-se a compor a biografia de D. Leão. Este dado pode, contudo, por contraste, indicar que pelas datas em que trabalhava no seu texto já Fr. Luis de Soutomaior, O.P. não vivia, pois deste, de que faz um rasgadíssimo elogio, não faz idêntica referência. Ora, tendo o célebre mestre dominicano falecido em 1610 parece aceitável que só posteriormente – deveríamos até ousar dizer muito posteriormente – começou a redigir – que não a recolher – os testemunhos que apurara sobre a santidade de Leão de Noronha. O mesmo tipo de conclusão poderão insinuar as referências à trasladação (1598) da sepultura de Margarida de Chaves (1595) e à introdução (1611) do sequente processo para a causa da sua beatificação⁵²... E, talvez, como nos atreveremos a sugerir, esses anos de reforma dos procedimentos processuais do reconhecimento da santidade e, consequentemente, da publicação dos relatos hagiográficos, reforma que culmina em 1625, não tenham favorecido a impressão e, logo, uma maior divulgação dessa obra de Jerónimo de Melo, que sempre deverá ter permanecido como um escrito particular na posse dos descendentes do santo. O facto de D. António Caetano de Sousa ter recebido essas "memórias" através de D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, parece indicá-lo...

Para além destas indicações do lugar e tempo em que trabalhava, o autor indica-nos que vive no mundo – "e assim todos os que vivemos no mundo andamos cercados de perigos"⁵³ – e é professo da Ordem de Cristo, embora não conventual como aquele freire que o consultou sobre um caso de oração. Era, portanto, cavaleiro e, por tal, se compreendem muito bem aquelas páginas do códice que já ficaram assinaladas em que se demora a explicar as origens e cerimónias da sua ordem. A estas circunstâncias de estado que também são de categoria social, acrescenta que estudou em Coimbra e, depois, continuou a dar-se às Letras "com grande cuidado"⁵⁴. Nessa Universidade foi discípulo de Fr. Luis de Soutomaior, O.P.,

⁴⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 97r.

⁵⁰ Fr. Luis de SOUSA, *História de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal...*, ed. cit., II, I, 17, 66-67 e D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., III, 420 são, tanto quanto sabemos, as fontes bio-biográficas mais precisas sobre este autor.

⁵¹ Fr. Luis de Sousa na sua *História de S. Domingos* – e nesta considerando a continuação de Fr. Lucas de Santa Catarina – não se ocupa de Fr. João de Valadares.

⁵² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 68r-68v.

⁵³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 67v.

⁵⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90r: "... quando naquella universidade me criei e aprendi as primeiras letras e nellas me dei com grande cuidado..."

circunstância que recorda com uma fervorosa reverência que ajuda a explicar esse rasgado e muito bem informado elogio que tece do exegeta e teólogo dominicano⁵⁵. Terá, nessa Universidade, sido, como se diz ter sido o seu parente Manuel de Sousa Coutinho, o futuro Fr. Luis de Sousa, O.P., um estudante teólogo⁵⁶? Não sabemos, mas tal possibilidade ajudaria a explicar o tipo de erudição e o domínio, por relativo que queiramos, da teologia espiritual que se revela na *Vida de D. Leão de Noronha*. Com efeito, o autor, ao lado da Escritura Sagrada, dos clássicos da espiritualidade – Jerónimo..., João Crisóstomo..., Gregório Magno..., Cassiodoro..., Ruperto..., Agostinho, sendo este o autor mais nomeado, etc. – cita, além de algumas medievais – Anselmo..., e, naturalmente, Tomás de Aquino..., Lourenço Justiniano..., Boaventura..., Vicente Ferrer... –, umas quantas autoridades "modernas" – o "Padre Mestre Ávila" (provavelmente uma das referências mais antigas à sua autoridade na história da espiritualidade em português⁵⁷)..., Teresa de Jesus..., Tomás de Vilanova..., Gregório Lopes, que também deverá ser uma das primeiras referências que são feitas em Portugal a esse místico eremita⁵⁸... Relevemos aqui, de novo, a larga referência a Margarida de Chaves, mas estranhemos que nunca refira nem cite Fr. Luis de Granada. Toda esta erudição sacra é equilibrada com algumas citações – de carácter

⁵⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 79v: " e muitas vezes o ouvi e mo dice o muito veneravel e excelente Doutor santissimo varam padre Mestre frey Luis de Soutomaior lus nas Letras sagradas de nossos tempos, da Ordem dos Pregadores, Lente jubilado na universidade de Coimbra tam conhecido por seus escriptos sobre os Cantares e a quem o Sumo Pontifice Clemente 8º mandou aquella carta em forma de breve de seus louvores e assi mandou continuase com suas obras como foi sobre S. Paulo ad Thimotheum e outros que se fizeram para hir a imprensa ainda que toda a vida deste varam se podia fazer huma magistosa historia, porque tal foi em todo o descurço della o veneravel P.e M. frey Luis de Soutomaior a quem devo grande reverencia e sumissão comome obrigou emsinou o que mal aprendi em doutrina por minha insuficiencia..."

⁵⁶ Em *Anedotas Portuguesas e Memórias biográficas da corte quinhentista...*, ed. cit., 201 refere-se este dado biográfico de Fr. Luis de Sousa que, curiosamente, não encontramos registado em outras fontes.

⁵⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 66v: " dizia o Padre M. Avila, hum grande varam de nossos tempos, que se espantava como em huma vida tam acozada de maos intentos e perigos se podia viver sem oração...". Como se sabe o *Libro espiritual que trata de los malos lenguajes del mundo, carne, e demonio, y de los remedios contra ellos. De la fee, y del proprio conocimiento, de la penitencia, de la oracion, meditacion, y passión de nuestro Señor jesu Christo, y del amor de los proximos*, isto é, o *Audi, Filia*, foi editado em Lisboa, em 1589, por Afonso Lopez (Conf. António Joaquim ANSELMO, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, 1926, nº 790). Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano ...*, ed. cit., I, 307 e II, 661, 667 refere, entre prováveis e seguros, alguns discípulos portugueses do P. Mestre Ávila que, apesar de tudo, pode ser um bom ponto de partida para um estudo que urge levar a cabo.

⁵⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 104r-104v: "... aquella grande contemplativo Gregorio Lopes quando estava na ultima hora lhe deram a candeia lhe dice o companheiro: Senhor ja acabaremos de hir viver[?] este segredo, ao que respondeu o santo penitente: Cale, padre, que para mim sempre he dia claro".

não valorativo – de alguns autores clássicos – Ovídio..., Séneca e de dois autores desconhecidos, se os seus nomes estão correctamente escritos⁵⁹. Todas estas referências permitem sugerir o relativo à vontade de conceitos, fontes e vocabulário técnico com que o autor se estende, a propósito da sua prática por D. Leão, pelas delicadas questões da oração, circunstância que, por sua vez, nos permite sublinhar a importância da sua frequência de certos círculos espirituais que adivinhamos. Não é em vão que se foi aluno de um "santissimo varam" como Fr. Luis de Soutomaior – de "toda a vida deste varam se podia fazer huma magistoza historia"⁶⁰ – e com ele, depois, se manteve correspondência em que se é tratado por "filho"⁶¹, e se convive e admira um Fr. João de Valadares, antigo prior de S. Domingos de Lisboa e de outros conventos dominicanos, "benemerito doutras maiores dignidades, por sua pessoa florecem as letras e religiam"⁶². A estes dominicanos que conheceram e tiveram em alta estima a santidade do seu biografado, juntamos as suas relações com a nova reforma carmelita, verificável não só nas citações que traz da sua fundadora, mas também no contacto que teve com os seus conventos em Lisboa e Cascais, em especial, ao parecer, com Isabel de S. Francisco cuja biografia conhece muito bem e de quem fez, como já aludimos, o que deverá ser uma das primeiras referências *post mortem* à sua fama de "grande santidade". Esta formação e contactos do autor também nos sugerem, desde já, alguns ambientes em que mantinha a *sanctitatis fama* de D. Leão.

Deste "veneravel varam" guardava o autor alguns fragmentos de escritos espirituais seus – "alguns cadernos alevantados de ponto" – sobre matéria de oração⁶³ e alguns livros "de roim letra" que lhe pertenceram⁶⁴, e foi-lhe ainda possível consultar alguns documentos respeitantes ao convento do Salvador de Lisboa que foram do arquivo de D. Leão e que, então, eram propriedade de um seu neto D. Marcos de Noronha. O autor não parece envolver estes documentos na consideração devota de relíquias, como o faz com um crucifixo que possuía vindo da livraria de D. Leão e que, confessa, "estimo como devo e reverenceo a tal Senhor assim pela imagem que

⁵⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 75v em que refere no texto, mas como se da citação de autoridades se tratasse, "o Doutor Bento Navarro e Silvestre Soares de Jeriis Canonicis". Havemos de confessar não ter encontrado qualquer referência a estes autores.

⁶⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 79v.

⁶¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90r.

⁶² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90v.

⁶³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 47v - 48r, 90r.

⁶⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 91r.

representa de nosso Salvador como por peça e reliquia deste varam de Deos"⁶⁵.

Estes últimos dados aduzem, cremos, uma maior proximidade do autor com o biografado do que a que poderia resultar dum simples recolher de testemunhos para a história em que se empenhara – mesmo que alguns fossem de antigos criados de D. Leão que ainda viviam⁶⁶ –, proximidade que podemos ver aprofundada pelas vezes em que, um tanto obliquamente, o autor revela pertencer à própria família do santo, como, por exemplo, ao recordar, a propósito de uma indelicadeza para com D. Leão ocorrida na câmara real, que "tinha El rey dado a esta família dos Noronhas o topo da casa e nelle está posto hum dos nossos"⁶⁷...

Toda esta série de apontamentos em que o autor se revela ao seu leitor e lhe descobre uma rede de relações que podem justificar o seu empenho na história de D. Leão, ao mesmo tempo que desempenha a própria família do descuido em que, por lhe não escrever a história, ia deixando cair a *fama sanctitatis* desse membro ilustre – "e até aqui não houve pessoa de sua família nem de obrigação nem de curiosidade que se posesse a esta empresa"⁶⁸ – poderão aplicar-se a Jerónimo de Melo Coutinho, confirmando-o como autor da *Vida de D. Leão de Noronha*, como propõem, segundo já sublinhámos, Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa? A resposta terá que partir do que sobre ele revelarem outras fontes. Infelizmente apenas conhecemos o que sobre ele nos informa D. Barbosa Machado, o qual, como já deixámos aludido, parece atribuir-lhe a obra com base nas informações do autor e continuador do *Agiológio Lusitano*. De todos os modos, os escassos, mas precisos, dados biográficos que logrou reunir sobre o autor confirmam, sem qualquer violência, os que este deixou dispersos nessa sua obra e podem, por sua vez, ser confirmados e ampliados por estes, o que talvez seja suficiente para nos levar a aceitar essa identificação.

Segundo o Abade de Sever, Jerónimo de Melo Coutinho, Comendador de Punhete – na Ordem de Cristo – nasceu, em 1578, em Arconchel, na Andaluzia, filho de Jorge de Melo Coutinho e de D. Maria de Meneses, irmã de D. Jorge de Meneses Sotomayor, Senhor de Fermoselhe e Arconchel⁶⁹, autor de uns *Psalmos Penitenciais* que são um dos mais

⁶⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 39r, 52v.

⁶⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 24 v, 40v.

⁶⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 23r. O autor (ou refundidor) do *Resumo, e breve descrição dos Noronhas...* também por este processo se revela membro da família dos Noronha: "Estes são athe aqui os illustres ramos da *nossa* excellente arvore dos Noronhas..."(fol. 135r); "he esta *nossa* a arvore boa..." (fol. 135v). (Sublinhados nossos).

⁶⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r.

⁶⁹ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., 507; 807.

interessantes exemplos da literatura portuguesa dos séculos XVI e XVII de paráfrase poética dos salmos bíblicos vulgarmente designados por penitenciais⁷⁰. Em virtude de algumas afirmações do autor em relação à sua família e de algumas sugestões nossas sobre o significado de tais afirmações, terá algum interesse examinar um pouco mais, ainda que sumariamente, as suas relações familiares, tarefa relativamente fácil, já que os nobiliários as registam com todos os seus nomes, embora, como sempre, com falhas de quase todas as datas. Por esta razão não nos atrevemos a decidir aqui se seu pai, Jorge de Melo Coutinho, é o mesmo Jorge de Melo Coutinho que morreu em Alcácer-Quibir⁷¹. De qualquer modo, de acordo com essas fontes, seu avô paterno, Manuel de Melo Coutinho, comendador de Ferrados e "de outra comenda" na Ordem de Cristo, era filho daquele Jorge de Melo, o Lágio, que morrera na defesa de Mazagão⁷². Por outro lado, sua mãe, que talvez não se chamasse Maria, mas, sim, Ana – de Meneses ou Manuel – era filha de D. Pedro de Meneses Sotomayor e de D. Maria Manuel, filha esta de D. Bernardo Manuel, camareiro-mor do *Venturoso*, e de D. Francisca de Noronha, por quem Jerónimo de Melo entronca – relevemo-lo, porque, implicitamente, o autor também o releva – com os Noronhas do santo D. Leão⁷³. O Coutinho provinha-lhe de sua bisavó paterna, D. Branca Coutinho, filha de Vasco Fernandes Coutinho, senhor das Terras de Basto, e de sua mulher D. Maria de Lima, filha do primeiro visconde de Vila Nova de Cerveira. O seu casamento com D. Maria de Noronha, filha de D. Tomás, reforçava não só o seu parentesco com D. Leão, mas também essa obrigação que sentiu de, escrevendo-lhe a biografia, fixar os testemunhos e tradições em que se apoiava a memória da santidade desse seu parente e avô de sua mulher⁷⁴.

⁷⁰ José Adriano de Freitas CARVALHO, *No texto do Cancioneiro de Corte e de Magnates: os Psalms Penitenciais de D. Jorge de Sotomayor in Annali dell'Istituto Universitario Orientale (Sezione Romanza)*, XVIII (1976), 235-295.

⁷¹ Queiroz VELLOSO, *D. Sebastião, 1554-1578*, Lisboa, 1945, 409 regista, na lista dos que morreram em Alcácer-Quibir, um "D. Jorge de Melo Coutinho, de Santarem". Seria interessante estabelecer a relação familiar desta gente com aquele Jerónimo Coutinho que, segundo P. Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit. 171, com muitos fidalgos e "quazi todos os Coutinhos Menezes [...] seguirão o sor dom Antonio e o bando e defendam de Portugal".

⁷² Manuel J. Felgueiras GAIO, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Braga, 1979, IV, 88; Fr. Martinho do AMOR DE DEUS, *Chronica da Santa Provincia de Santo Antonio da Regular, e Estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco*, Lisboa, 1740, I, 24, 405 refere, a propósito da sepultura de Vasco Fernandes Coutinho na capela-mor do convento de Santo António de Ponte de Lima, a defesa de Mazagão por Jorge de Melo.

⁷³ Manuel J. Felgueiras GAIO, *Nobiliário de Famílias de Portugal...*, ed. cit., VI, 221.

⁷⁴ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., II, 507: "... Dona Maria de Noronha, filha de D. Thomaz de Noronha, a qual era consultada como Oraculo pelo vasto conhecimento que tinha das Famílias, e Antiguidade deste Reyno...".

Se o que diz o autor da *Biblioteca Lusitana* sobre a aplicação de Jerónimo de Melo às letras humanas e da sua eminência nas "especulações da Sagrada Theologia" fica mais bem provado e muito mais completo com as informações que, como já aludimos, na *Vida de D. Leão de Noronha* o seu autor dá sobre si próprio e com a erudição que é possível detectar na mesma obra, não deixa de ter interesse, neste contexto, que o parente e neto por afinidade do santo D. Leão "viveo – informa ainda o Abade de Sever – tão observante dos preceitos evangelicos, que parecia ser mais religioso que secular", tendo falecido em 1.IV.1645. Compreende-se que Jorge Cardoso, que, como alvitrámos, seguramente o terá conhecido e poderá mesmo ter tido acesso à *Vida de D. Leão de Noronha* por concessão do próprio Jerónimo de Melo Coutinho – cronologicamente nada se opõe –, confirmando o outro elogio que já lhe fizera, o tenha dito "fidalgo por sua nobreza e virtude assaz conhecido neste Reino"⁷⁵.

Além da obra de que nos temos vindo a ocupar, Jerónimo de Melo deixou ainda, impresso, *Os santissimos Nomes de Jesus Christo tirados da Sagrada Escritura aprovados pela authoridade da Santa Madre Igreja contra todos os perigos que podem acontecer nesta vida*, Lisboa, Domingos Lopes Rosa, 1643 e em ms. a *Vida de Soror Maria da Conceição, Dama que foy da Rainha D. Catherina, filha de D. Pedro de Meneses Sottomayor, Senhor de Alconchel, e de D. Maria de Noronha, religiosa no convento da Madre de Deos*⁷⁶. Os dizeres do título desta biografia revelam-nos imediatamente que Soror Maria da Conceição era tia de Jerónimo de Melo, já que era irmã D. Ana Manuel, mãe do autor⁷⁷. Como faleceu em 1622⁷⁸, podemos concluir – ou apenas sugerir? – que Jerónimo de Melo lhe escreveu a vida depois desse ano, ano em que, como vimos, já trabalhava na *Vida de D. Leão de Noronha*. Gostaríamos de saber que Jerónimo de Melo trabalhou nessas duas obras ao mesmo tempo e poder, assim, determinar a possível comunidade de técnicas, de temas e de tópicos – de um autor e, talvez, de uma época –, mas bastará aqui sublinhar a vocação de hagiógrafo de uma estirpe que elas nos revelam.

Convirá, porém, notar que essa vocação de hagiógrafo da sua estirpe poderá não ser apenas o resultado desse investimento que, como já aludimos, a nobreza dos fins do século XVI terá feito na santidade como um meio mais de legitimação da sua função social, mas também uma

⁷⁵ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 500. Conf. I, 155.

⁷⁶ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., II, 507; Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 500 refere esta *historia* de Jerónimo de Melo, sem, contudo, lhe dar qualquer título mais preciso.

⁷⁷ Manuel J. Felgueiras GAIO, *Nobiliário de Famílias de Portugal...*, ed. cit., VI, 221.

⁷⁸ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, 500.

consequência da pressão de certos círculos espirituais em promover ou ajudar a promover a santidade de alguns que os frequentaram. Se o caso de Soror Maria da Conceição pode ser o de uma clarissa mais desse viveiro de "religiosas veneráveis de ilustre sangue" – a classificação é do seu mais completo cronista, Fr. Jerónimo de Belém – que foi o mosteiro da Madre de Deus⁷⁹, o caso de D. Leão de Noronha, um secular vivendo em Lisboa, frequentando a corte e aí defendendo as suas prerrogativas nobiliárquicas a que tinha direito por sangue, ao mesmo tempo que desenvolvia toda uma acção apostólica marcada por uma larga prática de caridade e uma intensa vida de oração, oferece outros contornos e pode sugerir outro tipo de apoios na sustentação da fama da sua santidade. Nesta ordem de ideias será interessante anotar que, para além dos estímulos familiares que terá recebido para se empenhar em relevar o esquecimento em que, por descuido, a própria família vinha deixando cair a memória de D. Leão – com o consequente apagamento da sua *sanctitatis fama* e, logo, da exemplaridade da sua vida –, Jerónimo de Melo terá sido animado a escrever a sua biografia por Fr. Luis de Soutomaior e por Fr. João de Valadares, isto é, por dois dominicanos que, além de terem sido seus mestres, conheceram muito bem a Leão de Noronha – o qual como que "vivia" em S. Domingos de Lisboa – eram ainda, nos começos do século XVII, grandes e autorizados testemunhos da sua sabedoria e santidade. Com efeito, Fr. Luis de Soutomaior, declarando ao autor "que hera D. Leão um grande santo e muito seu amigo..." e recordando ("e sempre me dizia") de "seus milagres e santa vida"⁸⁰, e Fr. João de Valadares, confirmando "que D. Leão alem de sua muita virtude e santidade hera tam sutil estudante e engenhozo que sempre ao geral trazia questones e cousas novas que aproveitavam aos condiscipulos"⁸¹, terão decidido o autor a escrever essa biografia de um Noronha que era, de certo modo, um santo "dominicano", já que, como teremos ocasião de ver, apesar de ter sido noviço franciscano, D. Leão viveu, tanto por proximidade de morada como por frequência de igreja, coro e confessores – e até de uma certa tradição familiar –, na intimidade dos frades de S. Domingos. O próprio Jerónimo de Melo Coutinho, confirmando-o, recorda que "tratando com elle [Fr. João de Valadares] sobre este tratado me animou e deu forças para hir por diante do

⁷⁹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia de nosso Serafico Padre S. Francisco*, Lisboa, 1750-1758 cuja *Parte Terceira* (1754) é integralmente dedicada ao mosteiro da Madre de Deus de Xabregas não se ocupa de Soror Maria da Conceição. Ter-lhe-ia escapado a biografia escrita por J. de Melo? Ou, tal como parece ter acontecido com D. Leão de Noronha, ficou reduzida a um âmbito familiar?

⁸⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90r.

⁸¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol.90v.

muito que neste particular me dice deste santo varão⁸². Deste modo, cremos ser interessante sublinhar já aqui que o clima dominicano que apoiará – e de alguma maneira envolverá – a existência de D. Leão de Noronha é também, como acabámos de sugerir, o do círculo espiritual em que se movimentava o autor da sua biografia. Curiosamente, como já recordámos a propósito do esquecimento de Fr. Luis de Granada, com falhas que não nos explicamos.

Esta conjugação de factores nobiliárquicos com mais amplos interesses de alguns círculos espirituais não enfermou, antes, pelo contrário, serviu admiravelmente a tese que percorre a *Vida de D. Leão de Noronha*. Com efeito, para o seu autor, um santo ilustra a sua família..., já que nele e por ele se demonstra a força dessa aliança da virtude, da santidade e da nobreza – o que tudo possuía D. Leão em elevado grau – com todas as consequências sociais e culturais a tal demonstração inerentes no quadro contra-reformista em que se desenvolve⁸³. Desde este ponto de vista, mesmo se ele, evidentemente, diz mais respeito ao autor da biografia que ao seu herói, convirá anotar, deixando de lado argumentações tradicionais sobre a virtude como fundamento – genético e não apenas moral – da verdadeira nobreza – considerações, já recuperadas por muito Humanismo renascimental, em que, um tanto confusamente, Jerónimo de Melo recorre à autoridade de Aristóteles (*De generat.*) –, que, pois a virtude "foi a primeira pedra que deixou no edifício de sua casa pera que seus descendentes não se apartassem deste fundamento"⁸⁴, poderá, compreensivelmente, considerar-se "ditosa [a] família que tem tal descendente, que este só basta pera ser o maior titulo que pode aver para ficar engrandecida por ser o verdadeiro titulo da nobreza"⁸⁵. Daqui decorrerá, cremos, como tentaremos explicitar, que o autor desenvolva a sua exposição tanto no sentido de mostrar que tal santo desempenha não apenas uma função tutelar, mas também – e sobretudo – a de modelo a imitar. Na verdade, deixando para mais tarde o papel tutelar, notemos aqui que, se, também por referência a D. Tomás de Noronha, devoto imitador de seu pai, "pouca escusa tem seus descendentes quando não imitarem seus pais, sendo da virtude a verdadeira nobreza"⁸⁶, Jerónimo de Melo Coutinho, conjugando, como muitos outros, geração e imitação⁸⁷, não

82 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90v-91r.

83 Seria interessante poder, algum dia, verificar se a esta "ilustração" da estirpe tendia igualmente a biografia de Soror Maria da Conceição.... Se o enunciado do título - função palaciana..., prosápia familiar... - permitisse qualquer conclusão, ela iria, seguramente, neste sentido.

84 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 114r-114v.

85 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 104v.

86 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 93v.

87 Claudio DONATI, *L'Idée di Nobiltà in Italia. Secoli XIV-XVIII*, Bari, 1995, 39 recorda a posição de Federico Fregoso em *Il Cortigiano* de Baltasar Castiglione. André de RESENDE, *Vida do Infante D. Duarte*, Cap.I, in *Obras Portuguesas*, Lisboa, 1963, 83 e Juan de ARCE DE

se cansará de chamar a atenção para que, tal como "se deve considerar quais foram os avos de D. Leão senão que foram tam realçados na virtude", "assim todos os seus descendentes tem tal inclinação para com os pobres que se lhe não pode negar a inclinação e virtude de seu avô"⁸⁸. Desde este ponto de vista, compreendemos que este nobilíssimo "varão de virtudes" venha, na sua *Vida...*, perfilado como um exemplo dos caminhos para a "perfeição christã", cimo que consistindo, fundamentalmente, no "contentar a Deos", conduz, traduzindo-o, ao "desapego da carne e do sangue", perspectiva muito interessante, na medida em que, invertendo, de certo modo, a ordem normal da marcha ascética, o autor procurará mostrar, através da sua *Vida de D. Leão de Noronha*, como o querer "contentar a Deos" é que conduz ao "desapego da carne e do sangue"... É, naturalmente, um ponto de vista do autor, mas toda a biografia devota é, em larga medida, uma obra de tese...

Ora, essa vigorosa – talvez melhor fosse dizê-la "virtuosa" – exemplaridade de vida de D. Leão de Noronha, verificada e admirada pelos seus contemporâneos e recordada por muitos dos que lhe sobreviveram, necessitava, para continuar socialmente actual e actuante, de ser "fixada", fixação que compreendia, naturalmente e antes de mais, a organização e posterior registo dos documentos que, afirmando-a, servem para a expor e a propor à imitação... À imitação dos leitores que, como sugerimos, deveriam ser, antes de quaisquer outros, os seus nobres – e cada vez mais elevados socialmente – descendentes, ao mesmo tempo que a estes também poderia, como pôde, fornecer o autor uma explicação ("aristotélica"...) da "inclinação" deles à virtude.

Foi este trabalho de fixação que, antes de mais, se propôs Jerónimo de Melo Coutinho com a *Vida de D. Leão de Noronha...* Com efeito, como já referimos, "atéqui não houve pessoa nem de sua familia nem de obrigação nem de curiosidade que se possesse a esta empresa"⁸⁹, donde, naturalmente, o "esquecimento" que ia envolvendo muitos dos traços – gestos..., práticas ascéticas... – que tinham composto essa exemplaridade... À volta dos anos em que o autor começou a trabalhar nessa hagiografia – não esqueçamos que para ele, como para muitos, D. Leão foi santo⁹⁰ –, isto é, cerca de 1610, o que, em números redondos, quer dizer cerca de trinta anos depois da morte desse Noronha, era impossível "contar", quer dizer, sem inventar

OTÁLORA, *Coloquio de Palatino e Pinciano*, Madrid 1995, I, 239, ainda que sem apelar, directamente, à "geração", como fazem F. Fregoso e Jerónimo de Melo, insinuam o mesmo princípio, posição relativamente vulgar nesta forma mitigada.

⁸⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 114v.

⁸⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r.

⁹⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r, 95r.

"grandezas" que "são encarecimentos"⁹¹..., muitos factos admirados pelos seus contemporâneos, como os seus "jejuns, cilícios, abstinencias"⁹².... ou muitas das suas discretas "jornadas" de caridade para com pobres envergonhados⁹³... Igualmente os "escriptos expeculativos, misticos, devotos, e expositivos" de D. Leão " foram de grande estima [...] se tiveram os princípios e fins que o tempo consumiu"⁹⁴..., deixando o que deles restava em estado que não permitia a sua publicação... Se "o tempo – como conclui o autor – he grande inimigo, porque lentamente consome tudo, não deixando nenhum rasto"⁹⁵, tais esquecimentos "as vezes são traças do Ceo"⁹⁶, como parece ser o caso, pois, providencialmente, "parece que agora era tempo aseasonado em que tinha detriminado virem à luz ["as grandezas e maravilhas"] e se saber a vida de D. Leão"⁹⁷.

Deste modo, a *Vida de D. Leão de Noronha* é tanto o resgate de um descuido – esse descuido que, segundo o autor e tantos outros, "he ordinaria desgraça de nossa nação, que a puro descuydo tudo deyxamos ao esquecimento"⁹⁸ – como, consequentemente, da necessidade de recolher e preservar o que ainda se sabia de "certo", na "sua pureza"⁹⁹, dessa *fama sanctitatis* e do exemplo que conleva. Para tal, reuniu ou localizou, como já aludimos, as relíquias e documentos que lhe foi possível e, principalmente, inquireu testemunhas que, directa ou indirectamente, conheceram esse "veneravel varão", quer dizer, "os velhos que virão e conhecerão" e "pessoas muy calificadas que por memoria de seus paes, e avós e outras que foram de muita edificação "sabiam, "por tradição"¹⁰⁰, da vida "deste santo"¹⁰¹. Além

⁹¹ J. de MELO, *Vida de MELO, Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r. Conf., de certo modo, o mesmo tópico em André de RESENDE, *Vida do Infante D. Duarte*, Cap.I, in *Obras Portuguesas*, ed. cit., 84: "Não farei eu assi [como Homero com Ulisses, Virgilio com Eneias, Xenofonte com Ciro] que não ampliarei louvores declamatôriamente, nem proponho mostrar uma ideia de santidade para todo o género de virtudes..."

⁹² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r.

⁹³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 37r.

⁹⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 91r.

⁹⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 91r.

⁹⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 37r.

⁹⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 37v.

⁹⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r.

⁹⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r.

¹⁰⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 10v.

¹⁰¹ Não temos, evidentemente, sob pena de invalidar metodologicamente o nosso trabalho, que duvidar das afirmações do hagiógrafo – quando muito, poderíamos questionar o número, a qualidade, a sua restrita origem geográfica..., etc. das suas testemunhas –, mas serão sempre de ter em conta o velho princípio da verdade e as leis do género.... Por essa e por essas, também um André de BARROS, *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, chamado por antonomasia o Grande*, Lisboa, 1746 escrevia na "Notícia Previa": " De seus proprios escritos, cujos primeiros originaes, que em muita parte tivemos a fortuna de vêr, nos valem para

dos dois dominicanos já mencionados, Jerónimo de Melo contactou com antigos criados de D. Leão – entre eles, um antigo pagem seu que, morto "averá dois annos", ocupava um "posto e officio de Menistro real dos mais autorizados"¹⁰² –, com algumas testemunhas dos seus milagres, umas presenciais, como essa, por assim dizer, anónima Vitória Lourenço¹⁰³ e, outras, como as freiras do convento do Salvador de Lisboa, do qual D. Leão era padroeiro hereditário, que os conheciam por informação de quem os vira. Naturalmente, descendentes mais próximos de D. Leão, como os seus muitos netos, entre eles D. Marcos de Noronha, cunhado do hagiógrafo, e D. Maria de Noronha, mulher do autor e irmã daquele, forneceriam, embora, como o suspeitamos e percebemos, Jerónimo de Melo nunca refira o seu testemunho, achegas importantes, tal como possuíam ainda alguns documentos e relíquias. Não parece ter sido trabalho difícil, porque, confessa, "achei as memorias tam vivas das pessoas de que me informey, assi de vista como de ouvida, que huas de outras, sem terem noticia do que se tratava, não discreparão nas palavras, nem na substancia com que mas contão de ordinario, e mas relatarão"¹⁰⁴, afirmação que temos, naturalmente, de entender como referida aos actos, gestos, milagres... que foram públicos ou mais públicos.

Haverá que sublinhar que Jerónimo de Melo procurou lealmente "contar" o que apurou e, contrariando algum tanto as leis que orientavam a narrativa hagiográfica, não supriu com generalidades mais ou menos tópicas o que, embora suposto e credível, as fontes não lhe revelavam. Por isso, de tantos prodígios e maravilhas que Deus terá operado por meio de D. Leão, o seu hagiógrafo só contará o que efectivamente apurou de certo através do testemunho de pessoas "muy calificadas" que o viram ou ouviram. Assim – não importe, também para nós, a repetição – para ir com a verdade ajustado – a expressão é sua – pondo de lado "muito deste santo por dizer de grandezas de sua vida que não pareçam encarecimento", sublinhará as suas lágrimas, a sua humildade, a sua caridade, a sua constante oração, o desempenho cuidadoso das prerrogativas palatinas e missões discretas que os

offerecermos á pátria este retrato de um Filho tão benemerito [...] Trabalhámos primeiramente em indagar notícias, mas obstarão contra nos montes; [...] Trabalhámos, desvelámo-nos, inquirimos: buscámos luz no Brasil, no Maranhão, em Roma e outras partes; falámos com testemunhas que conhecerão ao Padre Antonio Vieira; e com outras, em cuja erudição estava constante a memoria de suas gloriosas acções politicas, sabias e apostolicas; [...] Sendo, pois, a verdade a alma da historia, não escrevemos couza que não tirássemos de documentos dignos de toda a fé, o que não tinha para connosco esta authoridade, totalmente o deixamos, querendo antes callar illustres glorias, que escrevêlas memos averiguadas".

¹⁰² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 40v.

¹⁰³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 88v.

¹⁰⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 37r.

reis lhe confiavam – tudo relevando dessa *excellentia virtutum* que brilhava e consagrava os santos – e, naturalmente, os seus milagres. O autor sentiu que para narrar com verdade teria de repetir algumas vezes as mesmas coisas, o que lhe parecia um defeito de "estilo" de um historiador, mas tendo recorrido à "lição de grandes historiadores, rethoricos e oradores inda de nossos tempos" que leu e consultou, acabou por se convencer que "não he erro dos historiadores repetir duas vezes a cousa quando he necessario para verdade do que se vay escrevendo"¹⁰⁵.... Relevemos que o escrúpulo do autor, que mais não é que o resultado de olhar o objecto por diferentes ângulos, mais parece uma cautela que a prevenção de um real defeito, pois são poucas as repetições a que, talvez infelizmente, recorreu. Por outro lado, em algumas matérias como, por exemplo, "da repartição que [D. Leão fazia] de sua fazenda, de sua grande caridade com os pobres e das esmolas que lhes dava", em lugar de tratar de cada um dos assuntos em capítulo próprio, não só abrevia "para não ser molesto" e para que, por prolixidade, "não o leão todos", especialmente "os professores do estado de casados"¹⁰⁶, mas também se abstém de tratar de alguma "materia grave" – sobre privança na corte ou disputas teológicas¹⁰⁷ –, o que são modos seus de, sem concessões ao acessório, tornar mais atraente a leitura, de divulgar a *fama sanctitatis* de D. Leão e de fazer com que o seu exemplo possa ser mais eficaz.

Depois de tudo, restará sempre a explicar a razão – que deverão ser razões – por que esta *Vida de D. Leão de Noronha* nunca foi publicada, apesar de ter sido lida por gente estranha à família, como Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa, que, achando-a digna como fonte documental, a resumiram "largamente" para conceder a esse "venerável varão" as honras do *Agiolégio Lusitano*... Poderia pensar-se no estado da cópia – se esta foi a única –, o que, de acordo com o que apontámos, talvez justificasse o tê-la o continuador do *Agiolégio* considerado apenas umas "memórias"... isto é, uns apontamentos destinados a um trabalho mais acabado... que, ao parecer, nem o próprio autor levou por diante¹⁰⁸. De todos os modos – e convirá sublinhá-lo –, se o trabalho de Jerónimo de Melo toma corpo numa época de intensificação de beatificações – entre 1608 e 1624 são declarados onze novos beatos, quase todos heróis da Contra Reforma e mesmo contemporâneos de D. Leão –, também é certo que em 30 de Outubro de

¹⁰⁵ J de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 17r.

¹⁰⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 27v.

¹⁰⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 26v, 103r.

¹⁰⁸ Depois de tudo, caberá sempre perguntar se a *Vida de D. Leão de Noronha* atribuída a Fr. João de Cristo, O.C.D., não seria – ou não será – uma versão mais elaborada desta obra de Jerónimo de Melo. Barbosa Machado diz que a obra do carmelita se estendia por dez capítulos... e, como já ficou assinalado, a do parente de D. Leão tem sete.

1625 vinha proibida por Roma a publicação de biografias de gente não canonizada ou não beatificada que não tivessem sido aprovadas pelos bispos¹⁰⁹..., o que não consta tenha acontecido com esta *Vida de D. Leão de Noronha*, embora dada a *excellentia virtutum* e categoria social do biografado e o poder crescente da sua família não pareça que tal oferecesse reais dificuldades. Interrogações em aberto....

IV – De acordo com o que temos vindo a expor compreende-se que a *Vida de D. Leão de Noronha* se inicie com uma exposição, relativamente sóbria, sobre o seu nascimento e genealogia... Se o que diz respeito às origens familiares é um desenvolvimento modesto do que já estava enunciado no título da obra – e que, certamente assim julgado, foi, mais tarde, como aludimos, ampliado e actualizado no *Resumo e breve descrição dos Noronhas*... com que encerra o códice¹¹⁰ –, também o que atine ao seu nascimento e primeiros anos é igualmente sumário, já que fiel ao princípio de se ajustar à verdade do que apurou, o autor concede muito pouco aos tópicos hagiográficos sobre a meninice santa¹¹¹... Deste santo nascido em Lisboa e baptizado na igreja do convento do Salvador – de que seus pais eram padroeiros¹¹² –, à volta de 1500¹¹³, destaquemos que seu irmão mais velho e herdeiro da casa, D. Pedro de Noronha, foi monge de S. Jerónimo (Fr. Pedro

¹⁰⁹ Jean-Michel SALLMANN, *Naples et ses Saints à l'âge baroque*..., ed. cit., 111.

¹¹⁰ Como já se terá suspeitado por algumas citações que ficaram feitas dessas páginas, esse *Resumo e breve descrição dos Noronhas*... é, essencialmente, um trabalho genealógico e, por isso, nele se alude a D. Leão como "a primeira raiz e tronco desta tão dilatada arvore" e se enumeram os seus ramos... Não sabemos da pertinência de poder pôr-se a questão de rivalidade entre estes ramos e outros de Noronhas não descendentes de D. Leão....

¹¹¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 1v: "O segundo foi Dom Leão de Noronha, o qual em sua meninice já começava a resplandecer o que ao diante havia de ser e logo se quis reparar dos danos que lhe podião vir naquella tenra idade de se deixar entrar dos enganos, e ciladas do mundo e foi-se a sagrada religião de S. Francisco...". É tudo o que se nos diz da sua meninice e juventude, quando esperaríamos que nos dissesse algo da educação recebida dos pais, da formação destes....

¹¹² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 1r., 92r-97r. O padroado do convento do Menino Jesus Rei Salvador (Lisboa) pertencia aos Esteves da Azambuja e pelo casamento da terceira padroeira, D. Catarina de Távora, com D. Pedro de Noronha veio, por estes seus avós, a D. Leão. O convento, onde na capela de N^o S^o dos Remédios tinham os padroeiros sua sepultura, foi uma referência importante na vida e milagres de D. Leão. Sobre o convento do Salvador, além da obra já aludida de Soror Maria Bautista, pode consultar-se Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*..., ed. cit., II, I, 2, 6-94 com algumas notas às origens e vicissitudes do padroado em causa.

¹¹³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 47v e 117v afirma que o seu biografado morreu com 72 anos completos e (fol.91v) dá como ano de sua morte 1572, donde parece ser de concluir que terá nascido em 1500 ou à volta desse ano.... Não sabemos se o silêncio sobre a data do nascimento é – e podia muito bem ser – o resultado de uma lei, geralmente observada, da hagiografia de modo a valorizar o verdadeiro *die natalis*, o dia da morte.

de Lisboa), que de suas irmãs, uma, D. Beatriz de Castro, foi dominicana no Convento de Jesus de Aveiro e outra, D. Catarina de Noronha, entrou nas clarissas em Coimbra. Se não fosse a morte de dois irmãos seus – D. Jorge e D. Henrique que foram "daquelles primeiros invenciveis soldados que pella fé de Christo nosso Redemptor deram a vida nos primeiros tempos do descobrimento das nossas Indias orientaes pellas mãos dos barbaros indomitos e naquelles tempos muito mais"¹¹⁴ – D. Leão teria sido franciscano observante no observantíssimo convento da Carnota – de "solitário, penitente, contemplativo e devoto" o classifica Jerónimo de Melo¹¹⁵ – onde chegou a ser noviço. Curiosamente, este "venerável varão" que, se lêssemos à letra o relato do seu hagiógrafo, teria optado por esse convento – e pela sua ordem? – por estar "junto da villa de Alenquer onde seus paes naquelle tempo moravão"¹¹⁶, viverá, depois, junto a S. Domingos de Lisboa, isto é, à sombra de uma casa e de uma ordem que se lhe tornou tão íntima como já lhe era familiarmente tradicional.... O peso dominicano na sua família – há vários membros dela que nessa religião professaram, incluindo uma sua filha natural¹¹⁷ – e na vida deste parente de Fr. Luis de Sousa permitirá mesmo, sem grandes violências, insinuar essas relações de espaço e de espírito como as coordenadas fundamentais do que poderia dizer-se o seu espaço sacro.... Com efeito, como haveremos ainda de sublinhar, "sua consolação hera hir aquelle santuario dos religiosos [de S. Domingos de Lisboa] donde florece avantijadamente a virtude, em cuja companhia assistia aos officios, recebia dos seus [céus] grandes enchentes de graças e merces"¹¹⁸. Talvez seja este espaço sacro – de vizinhança e de família – que, independentemente de ser acentuado por um autor que também com essa

¹¹⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 2v-4v aponta ao seu biografado mais duas irmãs: uma, Joana de Castro, que, "dama mais querida e estimada", terá acompanhado a infanta D. Isabel quando casou com Carlos V e terá fundado dois mosteiros em Valladolid, dados que não podemos confirmar nem junto de A. Braamcamp FREIRE, *A Ida da Imperatriz Isabel para Castela*, Coimbra, 1920 nem junto de María del Carmen MAZARÍO COLETO, *Isabel de Portugal. Emperatriz y Reina de España*, Madrid, 1951; a outra, Maria de Noronha, casou com Nuno Fernandes Cabral, Alcaide-Mor de Belmonte.

¹¹⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 2r. Guilherme J. C. HENRIQUES, *Alenquer e o seu Concelho. O Ex-Convento da Carnota*, Lisboa, 1914 continua a ser um breve ponto de referência à história – desde as suas origens até à sua transformação em residência particular.

¹¹⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 2r.

¹¹⁷ Baste aludir aqui, a título meramente indicativo, a que, além de D. Brites de Meneses e de D. Ângela de Meneses, respectivamente, irmã e filha natural de D. Leão, e de sua prima Soror Filipa da Coluna (filha do Regedor João da Silva), todas em Aveiro, encontramos entre as dominicanas da Anunciada, em Lisboa, sua prima D. Margarida de Noronha, filha de D. Francisco de Noronha, Conde de Linhares. Lembremos ainda, noutro plano, Fr. Luis de Soutomaior, Fr. João de Valadares, a frequência e convivência em S. Domingos, no convento do Salvador de que era padroeiro..., etc..

¹¹⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 47r.

ordem mantinha, como vimos, relações privilegiadas, ajudará a explicar o silêncio à volta de contactos de D. Leão com outras ordens religiosas.... Se podemos estranhar que nada se diga sobre as suas relações com uma Companhia de Jesus nascente, mas já então tão admirada por um dominicano como Fr. Luis de Granada., muito mais é de estranhar que o silêncio atinja os franciscanos, mesmo os então recém-criados arrábidos a quem terá deixado parte dos seus livros.... E se escolhe ser sepultado em S. Francisco de Alenquer não parece que o tenha feito, ele que em alguns traços reveladores do seu espírito parece próximo das lições do *Poverello*, mais que pela tradição de ser aí o panteão familiar.... Talvez estes silêncios ajudem a explicar o silêncio dos testemunhos de franciscanos e jesuítas..., restringindo, assim, o campo de ressonância da santidade de D. Leão e, consequência talvez demasiado humana, mas imprescindível, a base de apoio da sua *fama sanctitatis*, essa base de que necessita qualquer santo para se ver consagrado nos altares. Nem sequer, a interpretar iguais silêncios, terá pertencido a uma ordem terceira ou a uma dessas inúmeras confrarias que tinham a sua sede em S. Domingos de Lisboa.... Desde este ponto de vista, terá sido, como sugerimos, um santo dominicano..., demasiadamente – restritamente, seria, talvez, mais correcto? – dominicano? Talvez..., mas, então – mesmo que a pergunta seja ociosa –, porque não terá entrado na Ordem dos Pregadores?

De todos os modos, D. Leão ou não completou o seu noviciado franciscano ou, se o completou, não chegou a professar, pois "vendo seu pay D. Henrique a falta que sua caza teria não ter soccessores de avós tam esclarecidos com santo e pio zello o tirou de religioso, porque neste tempo o [filho] mais velho hera iá professo, e dous mortos na India"¹¹⁹.... Independentemente do comentário aprovativo do autor ("santo e pio zello") sobre as razões da decisão de D. Henrique de Noronha de retirar o filho da vida religiosa, haverá que notar, a estar pela letra do texto, a facilidade com que D. Leão aceita a decisão paterna, sublinhando, assim, por sua vez, essa forte ética nobiliária patenteada na decisão do seu pai e no comentário do seu neto por afinidade.... Não houve protestos nem dificuldades no abandono da *Regra* de S. Francisco..., o que poderia ser um modo de ver confirmar-se não só a obediência de D. Leão, mas, sobretudo, o facto de, como já aludimos, ter optado pelos franciscanos por o convento da Carnota estar junto de Alenquer, isto é, da casa de seus pais e do panteão familiar.... E talvez esta facilidade possa ajudar a perceber o silêncio do texto sobre as suas relações posteriores com a ordem em que foi noviço e onde poderá ter recebido uma educação sobre matérias de espiritualidade que (depois?), veio a desenvolver a ponto

¹¹⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol.5v.

de, como vimos, ser considerado um grande e subtil estudante¹²⁰.... Claro que Jerónimo de Melo integra esta estratégia nobiliárquica num quadro mais vasto de exemplaridade na "vida do santo matrimonio, para que os casados entendão as obrigaçoens que tem, e serem neste estado santos como foi este bemaventurado varão e terem-no a elle, e a sua vida e procedimentos por espelho"¹²¹. Casou com D. Branca de Castro, filha de D. Gonçalo Coutinho. Não nos interesse aqui a prosápia familiar da noiva, mas apontemos, já que, a partir de certa altura, o autor dela se esquece – como a esqueceu um Fr. Luis dos Anjos –, que valerá a pena, algum dia, seguir a história desta alma penitente que, apesar de não poder negar um certo gosto por um estilo de vida nobre¹²², se recusava a entrar no paço real e ouvia missa entre as pobres que frequentavam S. Domingos¹²³. Acentuemos, contudo, ainda como modo de sublinhar essa exemplaridade, que D. Branca, "fermosa, e nobre e dotada de vertudes, e de grande charidade com os pobres", era "hua cifra de seu esposo D. Leão e em tudo a elle parecida..."¹²⁴. É esta igualdade – palavra que se repete como um *leit-motiv* –, que, constituindo a clássica base da harmonia conjugal¹²⁵, permitiu que os reis, D. João III e D. Catarina de Áustria, sempre se referissem a D. Leão e a D. Branca como "os santos"¹²⁶. Tal igualdade reflecte-se, evidentemente, não só na educação de seu filho, D. Tomás¹²⁷, que *quase* veio a igualar seu pai na santidade traduzida no amor

¹²⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90 v: "me dice [Fr. João de Valadares] que D. Leam alem da sua muita virtude e santidade, hera tam sutil estudante e engenhoso que sempre ao geral trazia questões e couzas novas que aproveitavam aos condiscipulos ". Conf.: "...e sendo muy excellente estudante theologo, se teve sempre por discipulo o mais inferior..." (fol.13r). As afirmações parecem reportar-se a um contexto académico, mesmo que aquele "ao geral" esteja por "em geral", "a maior parte das vezes" e não pelos "gerais" universitários. Mas, se toda a sequência biográfica proposta por J. de Melo estiver correcta, não se vê tempo para ter sido estudante teólogo. E há-de notar-se que J. de Melo, ele que reivindica ter sido estudante em Coimbra, não deveria ter motivos para omitir, a ter existido, esse tempo. Talvez tudo se possa pôr em relação com outra afirmação do hagiógrafo: "tinha escola desta theologia [da oração, isto é, espiritual] e não lhe faltaram discipulos" (fol. 48r), afirmação que tentaremos contextualizar.

¹²¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 5v.

¹²² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 18v: "o brio vinha-lhe [a D. Leão] de muito longe e sua molher o ajudava que tambem tinha o mesmo intento pondo os olhos na grandesa da casa de seu pay, D. Tristão Coutinho, de que sempre foi notado nas cortesias, e cerimoniais, criação de todos seus criados, e mais ministros de sua caza..."

¹²³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 13v, 14r, 15r.

¹²⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 6v.

¹²⁵ Maria de Lourdes Correia FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Peninsula Ibérica. 1450-1700*, Porto, 1995, 143, 277, obra que será, por muitos anos, a referência imprescindível sobre o assunto na história da espiritualidade da Época Moderna peninsular.

¹²⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 44v.

¹²⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 17r anuncia, no título do cap. 3º, ocupar-se da educação de D. Tomás de Noronha, mas, verdadeiramente, limita-se (fol. 21r- 26r) a apontar o

aos pobres, na penitência, na oração, etc.¹²⁸ – e por algo a vida deste está inserida na de seu progenitor a modos de demonstração desta tese e da importância e obrigação da imitação dos bons exemplos familiares –, mas ainda no governo da casa – dos criados e criadas..., dos caseiros, etc.. Serão de relevar, nesta montagem de um espelho de casados e de senhores¹²⁹, as páginas que o autor dedica ao modo como D. Leão, tal como D. Branca as criadas, tratava e governava os seus criados, esses a quem chamava "companheiros"¹³⁰, ao cuidado da sua vida espiritual – leituras..., explicação de indulgências e jubiléus...¹³¹ –, à atenção que dedicava aos seus avanços em postos e empregos, recorrendo para tal não aos reis da Terra – que nada podem¹³² –, mas, sim, ao rei do Céu¹³³. Compreende-se que, para além de alguns ingratos – ingratião até autorizada por uma citação de Santa Teresa¹³⁴... – muitos deles tenham passado a religiosos e outros, dando boa conta de si, tenham entrado no serviço real em que alguns, como se sabe,

tempo em que esteve junto do príncipe D. João, a sua ida para a Universidade de Coimbra – sem precisar para que Faculdade: possivelmente as "Artes" –, a sua ida ao concílio de Trento na companhia de seu primo, ainda que J. de Melo o diga tio, o embaixador Diogo da Silva, e depois, no capítulo seguinte, o seu casamento. Mais tarde, J. de Melo abordará outros aspectos biográficos de seu sogro. Quanto à ida a Trento, P. José de CASTRO, *Portugal no Concílio de Trento*, Lisboa, 1944, III, 163, 185, assinala-a, sob a autoridade de D. António Caetano de Sousa, na companhia de Diogo da Silva, principal embaixador português à continuação desse concílio entre 1551-1552, mas onde só entrou em 5. 3. 1552 e donde regressou em fins de Agosto deste mesmo ano. Diogo da Silva era, como é bem sabido, filho do Regedor da Casa da Suplicação, João da Silva, e irmão de Jorge da Silva e de Luis da Silva, cunhado este de Tomás de Noronha. João da Silva era irmão de D. Brites da Silva, avó de D. Tomás. Tudo isto e mais apontamentos genealógicos damo-los sob a fê de J. M. Felgueiras Gayo, mas não juramos pela sua autoridade...

¹²⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 109r: "Dom Thomas, seu filho[...] teve a vida tam regolada com mostras de tanta santidade com os procedimentos da vida chistam que quasi se igualava com seu pay, era muito amigo dos pobres e tanto desejava dar-lhes tudo que ordinariamente andava rodeado de escrupulos de não lhes dar tudo quanto possuia ainda que seus filhos ficassem sem nada..."

¹²⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 27v: indica pretende fazer "hum pequeno volume não fique para que o não leão todos e por (?) exemplo aos professores do estado de cazados e saberem como se hão-de aver dos procedimentos delle...". Não deixará de ter algum interesse anotar como interpretou, desde este ponto de vista, D. António Caetano de Sousa este modelo dos "professores do estado de cazados": "pode ser o exemplar mais perfeito dos que seguem o estado de casados, vendo em hum fidalgo illustre praticadas em sua propria casa as virtudes de hum perfeito religioso, sem que nas occasiões precisas se diminuisse o decóro de pessoa tão grande" (*Agiologio Lusitano...*, ed. cit., IV, 673), o que parece indicar que mesmo nos meados do século XVIII a espiritualidade monástica ainda continuava a fornecer a pauta da dos outros estados...

¹³⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 42v.

¹³¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33v, 100r.

¹³² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 32v, 30v.

¹³³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 26r.

¹³⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 24v.

alcançaram postos de relevo¹³⁵... e que tenha sido entre estes que ainda viviam ao tempo em que o autor escrevia que este tenha encontrado, como veremos, alguns dos testemunhos mais fervorosos sobre a santidade do seu antigo senhor.... Como D. Leão era, exemplarmente, o primeiro em tudo¹³⁶, a sua família – entendamos aqui, como o autor, também os seus criados e servidores –, igualmente o imitava¹³⁷..., donde resultava ser a santidade de D. Leão sublinhada e exaltada pelos e nos seus criados.... Deste modo, aparece compreensível que, acentuando a santidade de D. Leão e D. Branca no seu estado de casados e o seu exemplo para "os professores do estado de casados", o autor possa igualmente fazer notar com especial ênfase que nessa família – marido e mulher, filho, criados e os pobres que sempre frequentavam a casa e, muitas vezes, a mesa dos senhores – "todos se tratavam como se fossem hus"...¹³⁸. Arriscaremos a ver nesta afirmação, mais que um puro comentário espiritual destinado a insinuar quanto a Caridade unia, evangelicamente, essa comunidade familiar, uma visão de um passado transmitida por tradições familiares e pela memória desses antigos criados ainda vivos (restos da antiga família) a quem Jerónimo de Melo recorreu como testemunhas da santidade de D. Leão? Talvez, pois, recordando-a assim, todos continuavam a participar de essa *sanctitas* – do senhor e também da sua casa –, mesmo que agora reduzida à sua *fama*...

Este esboço evocativo de alguns aspectos da exemplaridade de vida de D. Leão de Noronha representa apenas – convirá recordá-lo – uma série de segmentos da montagem narrativa efectuada pelo seu hagiógrafo e alguns resultados de um processo evolutivo mais profundo da sua existência desencadeado, em data que o autor não determina, pela sua ruptura com o modo de vida que levava até essa data, isto é, para utilizar o termo exacto de Jerónimo de Melo, pela sua "conversão"¹³⁹. Com efeito, esse "varão perfeito desde a meninice"¹⁴⁰, antigo noviço num observantíssimo convento franciscano, casado com uma mulher de grandes virtudes, "hera de si muy brando e affeiçoado a hua donzella que com sua molher viera, e asi cahio, da qual queda soccedeo ter hum parto da dita donzella de que nasceo a Madre

135 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 25r: "...Os [criados] de D. Leão todos a hua se appostarão a serem virtuosos e honrados, daqui vinha encherem-se as religiões de homens eminentes desta eschola, e os que ficarão fora derão de si a conta que devião e forão Ministros, Desembargadores, e Ministros em outros tribunaes, e se curavão e autorizavão muito de terem sido seus criados...".

136 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 25v.

137 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 17v.

138 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 27v.

139 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 20v.

140 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 1v-2v.

Dona Angela de Meneses religiosa de Jesu de Aveyro...¹⁴¹. "Não foi esta a queda – continua o autor – de que se não alevantou D. Leão para mais se mortificar...", já que o pecado, como se explica mais adiante pela autoridade e, implicitamente, pelo exemplo de Santo Agostinho, fazendo-o conhecer sua fraqueza "e entrar no conhecimento de [sua] pouquidade", levou-o a "entrar em si"¹⁴²... Daí os primeiros momentos – o arrependimento e a emenda – dessa *conversio* marcados por uma série de gestos de carácter penitencial que assinalam, não o início, mas a intensificação e aprofundamento da "vida virtuosa"... , o abandono das " vaidades"... "Toda a vida o ["aquelle peccado"] trouxe diante dos olhos não só de sua alma, mas de todos os que soberão sua falta, que hera espanto os actos de contrição que sempre fazia, as confissoens, as comunhoens a miude, que he o meio manifesto que aconselhão os santos doutores para se purificar a alma"¹⁴³... Tudo isto era traduzido em lágrimas – essas lágrimas que dão ocasião a uma larga digressão espiritual do autor – em "nunca mais fallar com nenhua molher em que podesse notar cousa alguma, mais que o que pedia a politica christam, inda em caso muito necessario, que até Donna Branca, sua molher, se espantava"...¹⁴⁴. E ainda que o hagiógrafo o aponte como exemplo das "mostras exteriores" da grande humildade de D. Leão, será neste contexto de arrependimento que haverá que colocar o seu gesto penitencial mais espectacular: "todos os dias diante de todos de sua casa se punha de joelhos diante de sua molher Donna Branca, e lhe pedia perdão da falta passada com que a offendera, com infinitas lagrimas..."¹⁴⁵. Independentemente do que o comentário do autor a este "espetaculo" – "que jubilos terião estas santas almas, que jiculatorias mandavão ao ceo"¹⁴⁶ – possa imediatamente sugerir sobre o lugar das jaculatórias na sua *ars orandi*, interessará sublinhar aqui que, para além do mais, esse gesto penitencial parece representar não tanto qualquer vestígio de uma espiritualidade "capitular" que se lhe tivesse pegado dos seus tempos de noviço, mas, antes, o esforço de D. Leão em pôr em prática, na medida do possível, o princípio de que a falta pública deve ter uma satisfação idêntica. E se não era humanamente possível penitenciar-se diariamente "diante de todos os que soberão a sua falta", embora, como se sugere, não a dissimulasse ou desculpasse, podia fazê-lo – e fazia-o – diante de toda a sua casa, atitude que, mais do que a sobrevivência prática desse princípio, nos poderá ajudar a perceber a radicalidade da sua "conversão" e as suas dimensões públicas,

141 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 7r.

142 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 19v.

143 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 6v-7r.

144 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 9r-9v.

145 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 13v, 14r.

146 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 14r.

base dessa fama de santidade de que gozou. Se, apesar das omissões de datas – regra hagiográfica que, como já aludimos, Jerónimo de Melo pratica abundantemente –, tudo indica no texto que a "conversão" de D. Leão teve lugar depois de nascido Tomás, seu filho único, pois "não teve outro, porque se sabe que depois de sua conversão, vivião estes dois santos cazados como irmãos [como] as leys ecclesiasticas e concilios permittem e approvão este estado"¹⁴⁷, para o hagiógrafo desses momentos data a passagem do cortesão virtuoso que era D. Leão a cortesão santo..., uma transformação que, apesar de algum exemplo mais – pensamos no seu parente D. Francisco de Noronha, conde de Linhares –, estava – e com o autor haveremos de o sublinhar – em franco contraste com o tom geral do seu tempo. É à escrita desta transformação e à sua consolidação demonstrada pelos seus milagres que está, obviamente, dedicada a *Vida de D. Leão de Noronha*.

De acordo com essa ordem expositiva que privilegia, antes de mais, a penitência desse "santo varão" – opção perfeitamente justificada pelo que sabemos do processo da sua "conversão" e que, para além disso, se integra perfeitamente em estratégias hagiográficas dos anos em que Jerónimo de Melo escreve –, deveríamos completar agora algumas alusões que às suas práticas penitenciais e ascéticas já ficaram feitas. Curiosamente, porém, não muito mais podemos acrescentar, já que, como recordaremos, o biógrafo de D. Leão não pôde documentar, com verdade, essa dimensão da sua existência. Para além das lágrimas que chorava..., dos frequentes actos de contrição..., desse pedido diário de perdão a sua mulher..., da permanente abstinência conjugal..., das confissões amiúde... – aspectos que já ficaram referidos –, Jerónimo de Melo nada mais nem mais concretamente assinala. Limita-se a aludir vagamente que "as abstinencias herão imensas, e as mais penitências que fazia herão tam ocultas que não nos ficou noticia delas em particular..."¹⁴⁸, o que, como aludimos ao lembrar que o seu empenho em ir "com a verdade ajustados", o fez deixar "muito deste santo por dizer de grandezas de sua vida que não pareçõ encarecimento".... Por isso, "na penitência, cilícios, abstinencias, jejuns não se pode contar o muyto que fazia"¹⁴⁹ e não considera desde este ângulo as horas que passava de joelhos em oração..., o pouco tempo que dava ao sono..., as manhas que usava para não adormecer durante a oração...¹⁵⁰. Aceita, contudo, a opinião de "pessoas de sua caza que ainda hoje sam vivas" de que o andar sempre D. Leão com os bolsos carregados de livros – "livrinhos de devoção"..., "as partes de Santo

147 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 5v, 20v.

148 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 10v.

149 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r.

150 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 69v.

Thomas em dois tombos [tomos] pequenos que naquelles tempos se uzavam"..., o "Mestre das Sentenças"..., tudo pesando "uma grande quantidade de pezo"... – era um disfarce de penitência.... Não houve santos carregados de ferros¹⁵¹? Se é muito interessante a renúncia, em nome das leis da verdade em História, do biógrafo à especulação sobre estes aspectos da vida de D. Leão, não deixa de ser menos interessante o silêncio das fontes de informação do autor sobre a discrição da prática penitencial e ascética do seu biografado. Diante do que lhe chegou sobre tantos outros aspectos da sua vida interior – a sua confissão diária..., os seus escrúpulos que levavam a que os confessores em S. Domingos fugissem de o confessar...¹⁵², a sua comunhão quase diária..., as esmolas secretas que dava..., etc. – e da relativa facilidade com que se registavam e divulgavam os grandes gestos de penitência e ascese de que enchem crónicas e biografias devotas, gostamos de pensar que a discrição de D. Leão foi, efectivamente, uma realidade que a indiscrição tradicional de criados, servidores, amigos e inimigos não conseguiu, como em outros casos, vencer.... De S. Francisco de Assis a Sórór Maria da Visitação, a santidade – verdadeira ou fingida – sempre encontrou quem a quisesse verificar pelo buraco da fechadura... ou investigasse, à hora da morte, as suas marcas e os seus instrumentos na cela..., no quarto..., no cadáver....

Naturalmente, como aludimos, alguns dos actos de que destacámos o seu carácter penitencial, foram aproveitados por Jerónimo de Melo como manifestações da humildade e da caridade do santo avô de sua mulher e, por isso, teremos que prestar especial atenção a essas duas dentre as "excellentes virtudes" de D. Leão¹⁵³, sublinhando palavras e gestos e accções – as "mostras exteriores" – com que no seu dia a dia ou em circunstâncias excepcionais as manifestava.

Que, segundo o hagiógrafo, fosse "unico na humildade"¹⁵⁴ quem era "unico na oração e contemplação"¹⁵⁵, é perfeitamente compreensível no sistema de relação genética das virtudes que, com recurso a autoridades bem tradicionais – de David aos Padres passando por Bernardo, Boaventura, etc. –, serve a Jerónimo de Melo para explicar e exaltar a humildade de D. Leão. Este sentia-se e, ao parecer, dizia-se "pequenino"¹⁵⁶ mesmo quando tinha de reivindicar os seus direitos de cortesão e, embora sendo "muy excellente estudante theologo, se teve sempre por discipulo mais inferior que os mestres

151 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 56r-56v.

152 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 35v.

153 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 6r.

154 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 12r.

155 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 6r.

156 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 22v.

trazião na escolha"¹⁵⁷. É possível que tais afirmações resultem do comentário de factos que, pela maior parte, nos escapam – não sabemos, por exemplo, onde terá estudado – e não sejam, portanto, meros encarecimentos hagiográficos. Mas, efectivamente, era prova de grande humildade para um grande senhor como D. Leão – cujas rendas se avaliavam entre 5.000/6.000 cruzados¹⁵⁸ e a prosápia familiar fazia valer o sangue de Henrique II de Castela e de Fernando de Portugal –, visitar as igrejas de Lisboa a pé e, "às vezes", sem a companhia de qualquer criado¹⁵⁹ em tempos em que, sinal de importância social, iria já em aumento o número de criados acompanhantes¹⁶⁰, número em que o século seguinte, como em quase tudo, exagerou¹⁶¹.... Mas esse despojamento da sua "visibilidade" social entendível como afirmação de humildade ganhará ainda maior relevo e uma dimensão mais profunda quando percebemos que a esse cortesão com lugar marcado no paço por herança familiar lhe parecia "inda se não aperfeiçoava nesta virtude como devia se nestas mostras exteriores o não fazia fallando aos pobres e dando-lhe esmolas pellas ruas, agazalhando-os como irmãos como se fossem seus não os estimaria mais"¹⁶².... Para além do comentário final que, mais que encarecimento de hagiógrafo, poderá ser transcrição de tradição ou de devoto testemunho, a dimensão espiritual desses gestos que, então, ainda vivos na recordação, só é compreensível no contexto dessa sociedade nobiliárquica que, dizendo-se e sendo dita tradicionalmente defensora dos desprotegidos – dos indefesos, talvez fosse melhor –, quer dizer, antes de mais, das viúvas, dos orfãos, dos pobres, o entendia, quanto a estes, apenas dos "pobres verdadeiros" – um conceito por que o século XVI se interessou vivamente¹⁶³ –, afastando, com mil gestos de defesa, organização de socorro, "enquadramento" social e, também, de desprezo, os outros, que, na Península

157 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 13r.

158 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 18v, 30r-31v. Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*..., ed. cit., II, 4, 22, 374, em fugaz referência a D. Leão, considera-o, como assinalámos, "muito rico".

159 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 13r.

160 Naturalmente, partimos donde sempre se parte para uma afirmação deste tipo sobre tal matéria à falta de outras fontes e estudos: a carta latina de N. Clenardo a Látomo (Évora, 26-III-1535) publicada, em tradução, por M. Gonçalves CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal – Clenardo (Com a tradução das suas principais cartas)*, Coimbra, 1918, II, Apêndice, [10-24].

161 Fernando CASTELO-BRANCO, *Lisboa Seiscentista*, Lisboa, 1969, 69, 71, 101, 242-246.

162 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 13r-13v.

163 José Adriano de Freitas CARVALHO, *Pauperismo e Sensibilidade Social em Espanha nos fins do Século XVI* in *Rev. Fac. Letras da Univ. do Porto – Série Filologia* –, I, 1973, 5-51 (28-29); Michel CAVILLAC, *Introd. a Cristóbal PÉREZ DE HERRERA, Amparo de Pobres*, Madrid, 1975, LXXIX- CVI, CXV et passim, notabilíssimas páginas que, obviamente, em erudição, amplitude e propósitos ultrapassam as nossas notas.

Ibérica dos fins do século XVI¹⁶⁴ – e, seguramente, em Lisboa¹⁶⁵, ainda que Clenardo os não refira... – eram a imensa maioria, para zonas mais marginais de socorro, donde essa larga franja de marginalidade que se desenvolve na segunda metade do século XVI nas grandes cidades europeias... Deste modo, haverá que lembrar, uma vez mais, quanto nesse contexto da sociedade em que se forma e vive D. Leão o falar aos pobres..., o dar-lhes esmola directa e pessoalmente – entendamos, sem ser por interpostos capelães e criados¹⁶⁶ –, representa a assunção de uma ascese que, traduzindo-se nesse ideal de "aperfeiçoar-se nesta virtude [Humildade] como devia", significava, antes de mais, ultrapassar repugnâncias pessoais e preconceitos sociais... Por isso, se teria sido perfeitamente legítimo que Jerónimo de Melo, em lugar de as recordar como exemplos da sua larga caridade, tivesse lembrado, desde esta perspectiva, as saídas nocturnas de D. Leão, sozinho e embuçado, a levar socorro a "pobres envergonhados" – uma categoria ampla, mas pacificamente aceite, de "verdadeiros pobres"... –, convirá antecipar que, maioritariamente, eram outros os pobres a quem falava e dava esmola D. Leão – andavam pelas ruas e vielas..., prostituíam-se..., assaltavam-lhe a casa..., tudo gente e situações que tornam mais compreensível o tom admirativo dos comentários, qualquer tenha sido a sua origem, do seu hagiógrafo....

E, como já aludimos, este tem toda a razão – desde o ponto de vista desse espelho quinhentista de "santos casados" em que constitui D. Leão e D. Branca – em considerar dentro dessas "mostras exteriores" da humildade desse "santo varão" o pedido de perdão que, de joelhos, diante de sua mulher e de toda a sua casa, fazia D. Leão, diariamente, pela falta com que a ofendera. Embora toda a manifestação de arrependimento e de penitência signifique, em essência, humildade de coração, aqui, esse significado ganha, como os acima apontados, uma dimensão social, não só porque se realiza

¹⁶⁴ Bartolomé BENNASSAR, *La España del Siglo de Oro*, Barcelona, 1994, 203-206, num capítulo (9º) em que estuda "la parte de los pobres y la parte de los pícaros" insiste, com acentos, alguma vez, um tanto fortes, em que, apesar de tudo, os pobres só se terão tornado um verdadeiro problema com a "inflación espectacular del pauperismo" na última década do século, originando então "fenómenos sensibles, visibles y a veces impresionantes".

¹⁶⁵ V. Magalhães GODINHO, *Flutuações Económicas e Devir Estrutural do Século XV ao Século XVIII*, in *Ensaio – 2. Sobre História de Portugal*, Lisboa, 1968, 195, escrevendo sobre as consequências da crise mundial de 1545-1553, aponta: "Lisboa e os seus tráficos hipertrofiaram-se em relação às outras cidades-portos, a média burguesia declina, os negócios estão nas mãos de poderosos capitalistas, frente aos quais existe unicamente a massa popular cuja miséria se agrava...", permite deduzir a nossa sugestão.

¹⁶⁶ Fr. Luis de SOUSA, *História de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal...*, ed. cit., I, 3, 30, 409: "... e não lhe (a Fr. António Freire, O. P.) bastando o proprio para sua caridade, havia fidalgos, que sabendo seu proceder, repartião por sua mão copia de dinheiro, que elle sabia empregar com segredo e prudencia, entre pessoas honradas, e pobres, e virtuosas..."

num contexto quase público cuja justificação já tentámos, mas também porque representa a subversão dos lugares relativos que nos "espelhos de casados" vinham atribuídos a marido e mulher. Nessa posição, ele, esposo e senhor da casa, coloca-se na de inferior e de obediente, situação que, evidentemente, não prevista mesmo pela escassa literatura de espiritualidade que se ocupou dos deveres do marido¹⁶⁷, contrariava a prudência tradicional da relação entre os esposos, prudência que, segundo D. Francisco Manuel, pôde ser resumida em "poucas palavras" e "com agudeza" por "hum discreto": "Sofra o marido á molher tudo, senão offensas, e a molher ao marido offensas e tudo"¹⁶⁸.

Esta profunda humildade do "santo D. Leão", se o levava a desprezar as honras, entendamos, a não correr por elas, já que as tinha em pouco¹⁶⁹, compaginava-se com o mantimento e a defesa das que lhe eram devidas pela sua prosápia familiar – era parente, ainda que algo já longínquo, dos soberanos portugueses –, mas também pelo lugar que, em razão dessa mesma prosápia, ocupava na corte. E se, como dizia, era "pequenino mais que todos", "o lugar que por seus avós lhe cabia tomava-o quando lhe hera necessario" comentando: "eu lá fora e em minha caza não sou ninguém, mas aqui [no paço real] represento eu outra figura"¹⁷⁰. E a este respeito, o hagiógrafo conta uns três exemplos dessa defesa serena, mas intransigente, dessas honras que, de acordo com a cortesania do tempo, lhe eram devidas¹⁷¹. E se a literatura e a documentação desses dias nos patenteia tantas faltas a honras e cortesias que eram consideradas ofensas à honra e, por tal, dando origem a pleitos e vinganças por vezes trágicas, as desfeitas por que teve de passar D. Leão parecem relevar, antes de mais, do modo como muitos dos seus contemporâneos terão olhado esse cortesão que, sendo

¹⁶⁷ Maria de Lourdes Correia FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica...*, ed. cit., 143-147.

¹⁶⁸ Francisco Manuel de MELO, *Carta de Guia de Casados...*, ed. cit., 48.

¹⁶⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 23v.

¹⁷⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 22v.

¹⁷¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*:

1 - 2 - "Aconteceo-lhe hua vez indo ao Paço assistir à meza doRei Dom João o terceiro com hum Porteiro da Cana pello não conhecer por ser novo no officio, teve-lhe a porta a Dom Leão, este lhe disse: tiray a cana, eu cá fora, e em minha caza não sou ninguém, mas aqui represento eu outra figura, e não se me poem cana diante, e entrou [...] entrando pella camara real tinha ElRey dado a esta familia dos Noronhas o topo da caza e nella está posto hum dos nossos. Dom Leão se pos com elle a par, e lhe disse: ambos cabemos [...] Elrey virou para o Duque, e lhe disse: dem lugar a Dom Leão, porque he seu, bem se sabe a rezão que seus avós tem com os Principes desta coroa". (fol. 22v-23r).

3 - "Outra lhe aconteceu no paço indo entrando pella sala, de preposito ou acazo, certa pessoa lhe pos o pé no capus que então hera gala, voltou e disse: não se poem a Dom Leão o pé, porque não he peccado conservar a honra que Deus me deu, e a authorityde. A elle sejam dadas as graças". (fol. 23v-24r).

um santo, tinha, muitas vezes, um comportamento que, contrastando com o que era corrente e comum, aparecia como excêntrico. As suas preocupações e desculpas para com os ladrões que lhe assaltavam a casa...¹⁷², o acolhimento de prostitutas à hora do parto em sua casa, mais precisamente, na sua biblioteca...¹⁷³, o modo discreto como tratava casos de feiticeiras...¹⁷⁴, os seus "imprudentes" gastos no socorro dos pobres que deixavam perplexos tanto os seus parentes como os reis poderiam servir, quando menos, para o sugerir... Podemos, assim, facilmente imaginar que, tal como o abordavam no passeio do Terreiro do Paço com intenção de o provocar à maledicência cortesã, situação de que se saía airosamente¹⁷⁵, também algumas dessas desfeitas à cortesia de palácio que lhe era devida poderão ter brotado desse querer pôr à prova, indiscretamente, os limites e o significado da sua humildade, algo de literalmente excêntrico no quadro do imaginário nobiliárquico dos seus dias. E é este mesmo sentido da função da sua "figura" social que, mesmo confessando-se o "mais pequenino de todos", o leva a manter uma grande casa com o luxo que era devido a essa representação da "pessoa e nobreza de sua caza"¹⁷⁶. Com efeito, explica Jerónimo de Melo, se "com grande e pequeno hera tal que todos metia n'alma, dando o lugar que cada hu merecia e de nenhua por abatida e pobre que fosse a desprezava, dizendo sempre de sy que não hera ninguem"¹⁷⁷, nunca deixou de ter "caza com grande fausto, muytos criados, pagens e escudeiros com os mais officios que os nossos illustres portugueses costumavão, mossos de estrebaria e tudo com tanta grandesa que não havia outro na corte que se avantejasse, e a grandesa das copas ordenada de muita prata...[...] muitas tapeçarias, leitões de finos brocados e mais moveis necessarios, as melhores mulas e mais bem pensados ginetes que havia na corte com grande dispesa e vaydade...[...] servia-se com as cerimoniaes e custume que naquelle tempo havia entre os portugueses..."¹⁷⁸. Se aliarmos todo este "fausto" – a palavra é de Jerónimo de Melo –, traduzido ainda, como recordaremos, no modo exemplar de governar os seus criados e servidores, à sua consciência da sua nobreza e da sua função social¹⁷⁹, parece ser fácil de aceitar quanto a corte – esse espaço indefinido que vai do paço real à cidade que o circunda e por ele e dele vive

¹⁷² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 40v, 41v.

¹⁷³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 39r-39v.

¹⁷⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 45v-46r.

¹⁷⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 46v.

¹⁷⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 12v.

¹⁷⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 12v.

¹⁷⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 17v-19r.

¹⁷⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 22r-22v: "Inda que Dom Leam hera santo, e humilde bem sabia quem hera e o lugar que tinha na caza dos Reys e assi o estimava, não contra a vertude, santidade e brio".

– foi para D. Leão o quadro e a referência natural da sua santidade. Desde este ângulo, percebemos melhor que D. Leão, se caiu "nas miserias de nossa fraqueza", nunca caiu "desta grandeza de caza" e se "não arriscou a grandeza de sua descendencia nem os favores que os reys lhe fazião nem o lugar que tinha diante dos monarchas do mundo", nem por isso deixou de procurar "ter outros companheiros não os cortezoens da terra, senão os pobres de Christo"...¹⁸⁰.

Apesar de comentadas em ordem a apoiar o que o biógrafo aponta sobre a humildade de D. Leão, estas últimas alusões podem servir, na sequência de outras que já ficaram dispersamente feitas, para introduzir à "ardente" caridade de D. Leão que "não podia ver nem hera na sua mão deyxar de socorrer os necessitados, os nus vestia muytas vezes, aos famintos sustentava, aos encarcerados socoria, a todos hera universal como tevessem nome de pobres, a todos amava, a nenhum desconsolava..."¹⁸¹. Como, talvez, já se terá percebido, grande parte da *Vida de D. Leão de Noronha* está destinada a glosar esta breve epítome das "obras de misericórdia"... , confirmando que, para além da oração, "toda a sua vida e exercicio hera entre pobres"¹⁸². Esta perspectiva, se tem a vantagem de nos aproximar da realidade social onde a caridade – e sobretudo, talvez, a misericórdia¹⁸³ – desse "santo varão" verdadeiramente se empenhou e a sua santidade, manifestada nos seus milagres, abertamente se proclamou, leva a passar ao de leve por outras facetas de sua existência que teríamos gostado de conhecer melhor. De todos os modos, anotemos que a sua caridade se exercia não só no temporal, mas que também "no espiritual acodia em nome do proximo para não se infamar", quer dizer, tudo fazia "para desculpar ao proximo a quem encobria suas faltas"¹⁸⁴, como aconteceu com duas mulheres que, interrogadas por D. Leão por ordem de D. João III acerca de um crime grave

¹⁸⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 19v-20r.

¹⁸¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 37v.

¹⁸² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 37v.

¹⁸³ Fr. Luis de GRANADA, *Libro de la Oración y Meditación*, III, 3 (citamos por *Obra Selecta, Una Suma de la Vida Cristiana*, (org. de P. Fr. Antonio Tranco), Madrid, 1967, 405, "Estabelece, com precisa subtileza, a diferença entre Caridade e Misericórdia: "Porque aunque la caridad, hablando en todo rigor, sea la más excelente de las virtudes, pero no deshace esto en la dignidad de esta virtud, antes la engrandece más; porque no apartamos aquí la misericordia de la caridad, sino juntámosla con ella como a río con la fuente de donde nace; y así, la diferencia que un doctor pone entre estas dos virtudes es que la caridad es río de bondad que no sale de madre, sino corre dentro de sus riberas, mas la misericordia es río que sale de madre y se extiende por toda la tierra.

Y demás de esto, la caridad, en cuanto a caridad, no hace más que comunicar sus bienes a los otros, mas la misericordia juntamente con esto también toma sobre sí sus males. De manera que no se contenta la misericordia con dar sus bienes, que es propio de la caridad; pero añade más, darse a sí misma por dolor y compasión, que es propio de la misericordia".

¹⁸⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 44r.

em Lisboa de que se pensava estariam informadas, vieram a revelar-se feiticceiras, situação que, para as não comprometer e condenar por tal, D. Leão não revelou ao rei, já que elas, tocadas das suas palavras e das suas orações, lhe prometeram deixar tais "superstições"¹⁸⁵... É o mesmo princípio que o leva, um dia em que no Terreiro do Paço lhe perguntam com alguma malícia cortesã o nome de "hum fidalgo principal filho de hum grave ecclesiastico", a ostensivamente desviar a conversa com uma resposta um tanto fora de propósito...¹⁸⁶. E, porque, como explica o seu biógrafo, "andam os santos tam apontados na sua consciencia que em qualquer couzinha reparam", era, como se documenta pela sua perplexidade e resposta perante o pedido de empréstimo da sua casa de Lisboa em tempos em que se encontrava na Arruda, D. Leão incapaz de mentir, mesmo por cortesia...¹⁸⁷.

Será, porém, como já assinalámos, no serviço aos pobres que a sua caridade se manifestará e, pelos casos referidos para o demonstrar, nada custa a crer que, porque neles via Deus¹⁸⁸, preferisse encontrar os pobres, a quem, como aos criados, chamava "companheiros"¹⁸⁹ – e "irmãos" –, que os cortesãos ou até os reis¹⁹⁰. Encarecimentos de devoto hagiógrafo? As alusões que já ficaram feitas e tudo o que se documenta na *Vida de D. Leão de Noronha* – com especial relevo para o capítulo quarto sobre "a repartição da sua fazenda e da grande charidade com os pobres e esmola que dava"¹⁹¹ –

¹⁸⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 45v

¹⁸⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 46v: "Aconteceram-lhe duas cousas notavens acerca do honra do proximo andando paciando no terreiro do paço com o Barão D. Rodrigo, veador da Fazenda del Rei, paçeva hum fidalgo principal filho de hum grave echesiastico. Vieram pelo tentar: Senhor D. Leão, que fidalgo he aquelle ? Respondeu-lhe Sancto de tal cousa. Replicou-lhe a perguntar-lhe: seu pay quero saber. Mudou o perposito: dizem que vai a India per Viso rey D. Constantino de Bragança...". Como, muito provavelmente, o texto alude a D. Rodrigo Lobo da Silveira, terceiro barão de Alvito († 1559) e a nomeação de D. Constantino de Bragança para Vice-Rei da Índia teve lugar em 3.3.1558, segundo Queiroz VELLOZO, *D. Sebastião*, ed. cit., 76, parece aceitável propor que o caso se tenha passado em 1558.

¹⁸⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 46v-47r: "outra foi estando elle nA Ruda onde elle hia as veses folgar porque tinha naquellas partes fazendas, contudo sempre tinha as casas de sam Domingos de vazio, porque quando vinha a cidade sua consolação hera hir aquelle santuario dos religiosos [...] Hum fidalgo lhas mandou pedir por huns dias, elle apertado do comprimento nam sabia que lhe respondeu porque a sua consolação hera estar perto de S. Domingos. Aconselhouçe com hua senhora cunhada sua, Dona Margarida de Castro, irmã de sua mulher, D. Branca de Castro, a qual lhe dice: Senhor, reponderá-lhe, e polo ver tam afflito, pezame muito de as ter occupadas, de modo que las nam poço dar. Nam se persuadia D. Leam com esta resposta. Não hei-de mentir. Mesquinho Satanaz, nam queres senão perder-me, vai-te, que eu reponderei que he verdade, Senhor, as minhas casas são a minha consolação, estão a par de S. Domingos. Ordinariamente me vou a eça cidade, sem aquelles religiosos não presto eu para nada, porque sam meus mestres".

¹⁸⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 23v.

¹⁸⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33v, 82r.

¹⁹⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 20r-20v.

¹⁹¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 27v.

parecem apontar em sentido contrário. Com efeito, mesmo que, como sublinhámos, a corte seja o quadro natural em que vive, raramente o vemos entrar no paço real – D. Branca delicada, mas tenazmente, recusa-se não só a ir ao palácio, mas também a encontrar a rainha, Catarina de Áustria, na igreja¹⁹² – e, apesar do parentesco com o rei..., do seu lugar hereditário no cerimonial palaciano..., da veneração que os reis votavam a "os santos" Leão e Branca..., do serviço que seu filho, D. Tomás, terá desempenhado junto do príncipe D. João..., do relevante cargo (Veador da Fazenda¹⁹³) do sogro – D. Gil Eanes da Costa – de seu filho..., sabemos que se recusava a solicitar qualquer favor real para si e para os seus criados... E, no entanto, vê-lo-emos ir ao palácio para, oportuna e inoportunamente, defender junto de Catarina de Áustria um pobre ladrão que lhe assaltara a casa..., o que parece ser um excelente modo de confirmar essas suas preferências..., preferências que explicarão muitos dos seus gestos, das suas esmolas, das suas preocupações.

Nesta ordem de ideias, interessará verificar o que possa indiciar ou demonstrar como – e, sempre que possível, quando – se foi realizando esse seu amor pelos pobres, manifestação eminente – talvez devêssemos mesmo escrever "heróica" – das suas virtudes, e, antes de mais, da Caridade, quase sempre, como acenámos já, manifestada na sua misericórdia. Aqui, porém, apenas nos ocuparemos dos aspectos – gestos, esmolas, defesas... – que são independentes – ou podem não depender directamente – de actividades e preocupações para com os pobres – alimentação..., curativos..., acolhimento... – que tinham lugar na sua casa de Lisboa, a S. Domingos, considerada um "hospital de pobres"¹⁹⁴, aspectos que teremos de focar no contexto da sua "casa", esse amplo conceito de espaço e negócios domésticos geralmente de conotações aristocráticas, concebida como uma estrutura ao serviço da exaltação de um cortesão que, neste caso, era um santo.

Mesmo ignorando indicações de grandeza, impressivas que fossem, sobre o número de pobres em Lisboa nos dias de D. Leão¹⁹⁵ – uma ampla referência cronológica de cerca de 70 anos e três reinados que, infelizmente, não sabemos precisar melhor –, teremos de aceitar, pelo que se sugere ou se conta na sua biografia, que o seu número, arrastando consigo uma enorme variedade de situações – do pobre envergonhado ao ladrão pobre, passando

¹⁹² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 14r-14v.

¹⁹³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 29v di-lo Veador, fol. 43r, Revedor..., mas pensamos que D. Gileanes da Costa foi Veador da Fazenda.

¹⁹⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 34r.

¹⁹⁵ Michel CAVILLAC, *Introd. a Cristóbal PÉREZ de HERRERA, Amparo de Pobres...*, cd. cit., CXXI-CXXII e Bartolomé BENASSAR, *La España del Siglo de Oro*, ed. cit. 208-211 apontam e calibram números indicadores para algumas cidade espanholas, indicações que, quanto sabemos, faltam para o Portugal desses mesmos dias.

pela prostituição, pelos cegos, pelos enfermos e chagados, pelos sem trabalho, pelos pobres fingidos, etc. – foi de molde, mesmo que não chegasse ainda para formar os "exércitos" de vadios e "pobres fingidos" que verá M. Severim de Faria¹⁹⁶, a desencadear, por parte desse "venerável varão" e de outros senhores do seu tempo português – um D. Francisco de Noronha, conde de Redondo, um Jorge da Silva, um D. Fr. Bartolomeu dos Mártires – e, um pouco mais tarde, do seu tempo espanhol – um D. Miguel Mañara, por exemplo¹⁹⁷ –, um cuidado que, a estar pelos comentários de contemporâneos seus, ultrapassava o mero cumprimento dos conselhos evangélicos sobre o socorro aos pobres.... Efectivamente, tudo quanto Jerónimo de Melo apurou parece derivar de que "toda a sua [de D. Leão] vida e exercício hera entre pobres"¹⁹⁸, o que há que entender, como explica o autor, que, para além do tempo gasto na oração – em que devemos incluir a visita a diversas igrejas – os dias de D. Leão eram, em geral, passados a tratar dos pobres e necessitados – procurá-los..., trazê-los, se necessário, a sua casa – e era-o, porque, além da sua casa ser "hospital de pobres", sempre havia um pobre à sua mesa –, para os curar e alimentar – tinha "panela" especial para os pobres –, architectar alguns meios para, com abundante recurso às suas rendas e bens, os socorrer mais eficazmente e verificar pessoalmente os resultados dessa eficácia.... Não custa, assim, admitir que este cortesão santo, de razoável renda e que nunca ocupou "empregos" principais – embaixador..., ministro..., governador de terras ou de armas... – nem parece ter recebido tenças e hábitos, tenha optado por se tornar, por sua pessoa e bens, "pai dos filhos de Deus que são os pobres"¹⁹⁹, fazendo dessa dedicação e disponibilidade desinteressada e espontânea uma missão apostólica que na sua multiplicidade e nas suas exigências – de forças físicas e espirituais e despesas –, bem poderia dizer-se "serviço heróico". Foi esta a fórmula com que a Contra Reforma consagrou, inclusivamente ao nível dos processos de canonização, "l'onore di servire Cristo nei 'miseri'"..., ideal que, por sua vez, "appare non solo come concetto ispirativo dei santi, ma anche come nuovo slancio operativo della società cristiana" desse tempo²⁰⁰, perspectivas em que, sem violências de interpretação, estamos em crer, se inscreve a principal

¹⁹⁶ M. Severim de FARIA, *Remédios para a Falta de Gente* (1655), in *Antologia dos Economistas Portugueses* (Selec., Pref. e Notas de António Sérgio), Lisboa, 1924, cap. II, 190, VI, 230.

¹⁹⁷ J. CARO BAROJA, *Las Formas Complejas de la Vida Religiosa*, Barcelona, 1995 (ed. corrigida) I, 124 et passim.

¹⁹⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 37v.

¹⁹⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 32r.

²⁰⁰ Romeo DE MAIO, *L'Ideale Eroico nei Processi di Canonizzazione della Controriforma, in Riforme e Miti nella Chiesa del Cinquecento*, Napoli, 1973, 255-278 (270).

dimensão da "vida activa" de D. Leão. E se, no comentário espiritual do seu hagiógrafo em que a imagem da estreita ligação de sangue com o rei, supremo ideal das representações sociais desses dias, é o seu modo de traduzir o valor unitivo da Caridade, essa "paternidade" significava o "último grau de parentesco com sua Divina Magestade"²⁰¹, o que verdadeiramente importará realçar é que D. Leão "nam tinha maior alegria que no dia que achava alguns pobres de novo alem dos que conhecia, porque esa hera sua contentaçam consolaçam e alegria..."²⁰². Parece ter tido mesmo uma rota diária para os encontrar, já que, depois do tempo de oração em S. Domingos, "quando voltava para sua casa, sempre rondava o Rocio e os arcos delle se achava esta soldadesca do Ceo para a amparar"...²⁰³. E se o então escasso número – e a relativa penúria económica – de instituições de assistência aos pobres miseráveis ajuda, como quer Jerónimo de Melo²⁰⁴, a compreender essa alegria, tal só é verdadeiramente compreensível se não perdermos de vista que, porque sempre via pobres, sempre via Deus..²⁰⁵, isto é, que eles, nas suas pessoas e circunstâncias, eram, como representantes da pessoa de Cristo – um princípio desde sempre afirmado –, um "exercício" da sua "ars orandi"..., ou, se preferirmos, um dos seus modos de sempre andar na presença de Deus. O que sabemos dos seus gastos para os socorrer, das preocupações pela sua saúde física e espiritual, da discrição com que lhes encobria as faltas, e tantos outros grandes ou pequenos, mas sempre delicados gestos seus, são apenas algumas das circunstâncias desse seu modo de contemplação. Nesta ordem de ideias, lembremo-nos que este contemporâneo de S. João de Deus (1495-1560) dava, numa Lisboa onde, a crer nestas e outras alusões do texto, ainda podiam os pobres livre e "legitimamente" pedir²⁰⁶, esmolas pelas portas e pelas ruas – algumas vezes

201 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 32r; José Ignacio GONZÁLEZ FAUS, *Vicari di Cristo. I poveri nella Teologia e nella Spiritualità Cristiane, Antologia Commentata*, Bologna, 1995, 264 cita e comenta um trecho de uma carta de Santo Inácio de Loyola (7.VIII.1547) em que se expressa um ponto de vista muito próximo.

202 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 38v-39r.

203 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 38r.

204 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol., 39r: "porque naquele tempo nam avia hospital dos (?) miseravens de nossa Senhora do Amparo que a santa Irmandade da Misericordia fez depois tam celebrada pela christandade e favorecida dos Sumos pontifices e dos reis deste reino com tanta grandeza e liberalidade pelas obras de misericordia que nella de continuo se exercitam onde se gastam tanta quantidade de mil cruzados todos os annos como se ve nos rois que se fazem todos os gastos os que se fazem sam de esmola que nem a santa Casa dos fieis christãos deste reino de Portugal donde se sustentam os pobres miseraveis e emfermos deste hospital...".

205 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 23v.

206 Michel CAVILLAC, Intod. cit. a Cristóbal PÉREZ DE HERRERA, *Amparo de Pobres...*, ed. cit., fol. LXXIX-CVI analisou com pericia a controvérsia entre Fr. Domingo Soto, O.P. – *Deliberación en la Causa de los Pobres*, Salamanca, 1545 – e Fr. Juan de Robles ou de Medina, O.S.B. – *De la Orden que en algunos pueblos de España se ha puesto en la limosna, para*

tão pouco, mas com tantas desculpas e boa vontade que algum dos seus milagres testemunhará este tipo de esmola e a sua transformação em avultada quantia –, e que, como teremos ocasião de precisar, muito, em dinheiro e cuidado, dispndia em sua casa para os alimentar – comida e forno de pão diários em que também se verá proclamada a sua santidade – e curar.... Recordemos ainda os roubos que, como já aludimos, porque feitos por pobres, perdoava e queria que a Justiça absolvesse, sem esquecer as esmolas que de noite, a pé e sozinho, levava, com espanto das Justiças que o encontravam, a "gente envergonhada"..²⁰⁷ Além de tudo isto, informa-nos ainda o seu hagiógrafo e repetem-no D. António Caetano de Sousa e Barbosa Machado – este com uma interpretação que é quase uma ultra-correcção²⁰⁸... –, que, para melhor e mais eficazmente atender os pobres, D. Leão dividiu a cidade de Lisboa em três zonas e, à sua custa pessoal, em cada uma delas pôs físico, boticário e barbeiro..²⁰⁹ Estas informações que podem continuar a sugerir o grande número de pobres nessa Lisboa da segunda metade de Quinhentos – pobres que ninguém parece ver, mas que todos viam em Madrid ou em Sevilha... –, em dias que ainda não serão os da peste de 1569²¹⁰, devem completar-se com o cuidado que punha o seu autor e sustentador em seguir de perto os resultados desse seu cuidado pelo sofrimento e doença dos "pobres publicos e envergonhados"... Mesmo que não saibamos o princípio e o fim desta generosa medida que alargava, como se percebe, as possibilidades do que se praticava em sua casa – onde parece localizar-se sempre a alimentação física e espiritual (doutrina..., leituras) dos pobres –, estamos, apesar de tudo, incluindo a falta de acenos às questões do trabalho dos pobres, dispostos a vê-lo no contexto, ao parecer, então, ainda vago entre nós, das exigências, cada vez mais prementes, de organizar, em moldes mais "modernos" – ou menos medievais, se preferirmos –, a assistência a pobres e mendigos e, quase como consequência, a aceitar que, como acentua Jerónimo

remedio de los verdaderos pobres, Salamanca, 1545 – ainda que, verdadeiramente, fosse importante fazer notar que, no fundo, o que esteve em causa foi a liberdade da esmola, isto é, de a pedir e de a dar – toda uma espiritualidade – frente a uma organização (assistência) que salvaguarda o bom funcionamento do que resta dessa espiritualidade..., onde vai já, ainda que mitigadamente, o que M. Cavillac define com acerto como a "dessacralização" dos mendigos. E Soto viu-o. Mas isso é, como se sabe, uma outra questão. Perdida.

²⁰⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 36r-36v.

²⁰⁸ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., III, 3 ao referir-se a D. Leão interpreta a "traça admiravel" da divisão de Lisboa em três zonas para melhor e mais eficazmente socorrer os pobres, como um meio que inventou "para não estragar o segredo com que desejava fossem repartidas as esmolas para não se saber o author de tão compassiva providencia" e isto, porque onde a sua fonte, D. António Caetano de Sousa, escreve "para que não pudesse ser occulto o zelo com que se compadecia da pobreza, repartiu...", Barbosa Machado suprimiu a negativa....

²⁰⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33r.

²¹⁰ P. Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 19 *et passim*.

de Melo, a maior parte da sua fazenda foi gasta com o socorro dos pobres²¹¹. Um socorro que, mesmo bem ordenado – tradicional e ideologicamente bem ordenado? –, isto é, a cada um segundo a sua necessidade²¹², exigia que, quando as rendas não eram suficientes para tanta generosidade, D. Leão recorresse à venda de propriedades...²¹³, recurso que teve por consequência que, quando morreu, estivesse quase tudo vendido...²¹⁴. São meios e um ponto de chegada que não custam a admitir tendo em conta o que se expõe sobre a sua caridade e vindo a informação de alguém que estaria, como herdeiro, bem situado para avaliar a situação e, em ordem a justificá-la, enumerar, com algum pormenor, não só o pouco que herdou D. Tomás de Noronha de seu pai, mas também a origem do muito que nesse seu único filho se acumulou, já que, por verdadeiro milagre, foi o herdeiro de vários parentes...²¹⁵. E o que a sua biografia sugere sobre as suas preocupações com os pobres em tempos da peste de 1569, "tempo tam periguozo" em que,

211 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 27v.

212 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 27v. Fr. Domingo SOTO, *Deliberación en la Causa de los Pobres*, Madrid, 1965, 76-77, pensava até que alguns destes pobres "de buena sangre que están en pobreza, o porque perdieron su hazienda o porque son escuderos, los cuales no aprendieron oficio ni tienen arte de vivir, y estos no por eso son obligados a abatirse a oficios viles y trabajosos para mantenerse..." poderiam receber esmola "en mayor cantidad que [...]jotos pobres de menor condición". Michel CAVILLAC discute, com sabedoria, este ponto na sua Introd. a Cristóbal PÉREZ DE HERRERA, *Amparo de Pobres*, ed. cit., C-CI para concluir que as páginas do dominicano estão impregnadas "del más puro idealismo aristocrático". À conclusão assiste uma certa razão, mas seria mais precisa se, atendendo a que cada qual se deve manter na "esfera" em que, providencialmente, foi colocado – um princípio ("providencial" e conservador) de velhas raízes medievais que se repete por tantas obras e sermões "modernos" – em lugar de idealismo dissesse providencialismo... Aristocrático providencialismo. Talvez não seja exactamente a mesma coisa. De todos os modos, Fr. Domingo Soto parece ser um eco perfeito de solidariedades do grupo nobiliárquico que, como assinala M. Caillac, sempre haverá que ter em conta, qualquer seja o nosso ponto de vista. Neste mesmo sentido, Claudio DONATI, *L'Idea di Nobiltà in Italia...*, ed. cit., 204, assinala como, na sequência da "revolta" dos patricios pobres, nessa Veneza dos começos do século XVII, um patricio "eminente", Battista Nani, sugeria que "le publiche istituzioni e i singoli patrizi dovevano preoccuparsi di non far mancare il debito soccorso ai membri più indigenti del comune "corpo" privilegiato".

213 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 28r.

214 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 30v-31r: "porque por morte de D. Leão quase todos os seis mil cruzados tinha vendido..."

215 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 31r-31v: "assim se achou seu filho Dom Thomas comquase nada, e com muitos filhos, e com as mercês de Deos se foi multiplicando a fazenda e as rendas patrimoniais, que por morte do dito Dom Thomas ja ficou seu filho mais velho com dous contos de renda do morgado, e a cada hum de seus filhos quatro mil cruzados cada hum, que por todos herão treze, e por falecimento de Dona Helena da Silva, mulher de Dom Thomas e nora de D. Leão que depois da morte de seu marido viveo vinte e dous annos ficando por titora de seus filhos, e das terças segundo o vinculo que tinham feito entre si pera acrescentarem o morgado de seu filho Dom Marcos de Noronha com a ajuda do Ceo e intercessão de D. Leão, e sua prudencia por sua morte ficarão a seus filhos cem mil cruzados de seu inventario para as partilhas, e seu filho mai velho com quasi oito mil cruzados de morgado, como he notorio pelos inventarios juridicos..."

retirado na Arruda onde tinha casa e terras, "nam deixava de exercitar a caridade para com os pobres"²¹⁶, pode confirmar o que sugerimos sobre a heroicidade da sua caridade. Com efeito, "arriscava pera isso o periguo do mal contagiozo" e "hia e vinha da igreja e todos os que achava trazia pera sua caza, athe os meninos e a todos sustentava assim do pasto corporal como os doutrinava..."²¹⁷, afirmações que não fazem mais que "localizar", em contexto de extremas dificuldades da vida dos pobres²¹⁸, o que vimos praticado em Lisboa em dias de "ares sãos"....

As largas páginas que na *Vida de D. Leão de Noronha* são dedicadas à oração revelam mais o que o seu autor pensa sobre o assunto do que as dimensões e orientações da "ars orandi" do seu biografado. É, como declara Jerónimo de Melo, o resultado de o tempo, ajudado pela sua discrição pessoal, ter consumido tanto acerca da existência desse "veneravel varam"²¹⁹. Nessa destruição haverá que incluir, como, desde outra perspectiva, já verificámos, "alguns cadernos alevantados de ponto nesta materia" da oração de que o hagiógrafo, lastimando, como nós hoje, essa perda e aventando que igualmente "deviance perder obras de muita consideração que tinha feito", confessa conservar, seguramente por herança de sua mulher, como acontecia com outras reliquias, "alguns framentos"²²⁰ que, talvez, se devam identificar, como havemos de propor, com as referências que na *Vida de D. Leão de Noronha* se fazem a outros restos de uns certos "tratados".... De qualquer modo, é nessas largas páginas que Jerónimo de Melo dedica à oração que temos de procurar algumas informações sobre a oração de D. Leão. Embora muito pobres e menos profissionais quando comparadas, por exemplo, com a opulência de estilo, erudição e profissionalismo de uma sua contemporânea *Arte de Orar* (Coimbra, 1630) de Diogo Monteiro, S.J., essas páginas, talvez devido à cópia em que nos chegaram, aparentemente escritas sem muitos cuidados de estilo, mas com uma certa mestria que faz delas um excelente representante de um mundo da oração – o dos leigos – que é, como se sabe, até tempos mais recentes, de difícil acesso por falta de documentação. É, precisamente, esse mundo, com as suas limitações, mimetismos e tradicionalismos, que essa pequena "ars orandi" de Jerónimo de Melo, um leigo vivendo no mundo, escrita a partir dos testemunhos da oração de outro leigo vivendo na corte portuguesa de D. João III e D. Sebastião, D. Leão de Noronha, nos pode

²¹⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 90v.

²¹⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 100r.

²¹⁸ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Pauperismo e Sensibilidade Social em Espanha nos fins do século XVI*, in *Rev. Fac. Letras da Univ. do Porto. Série Filologia*, 1 (1973), 16-24.

²¹⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 52r-52v.

²²⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 48r.

ajudar a ir tentando descobrir. E algum dia, porém, deverão essas páginas merecer atenção mais particular, já que aqui nos interessa, antes de mais, o que nos diz ou deixa perceber sobre a oração de D. Leão e não as doutrinas de Jerónimo de Melo sobre os caminhos e modos da oração.

Havemos de confessar que nem sempre será possível determinar a origem precisa das informações do hagiógrafo sobre tempos e modos da oração e das devoções de Leão de Noronha, isto é, o peso relativo nessas páginas dos já citados "fragmentos" que sobre essas – ou a partir dessas – dimensões da sua vida espiritual terá deixado escritos e o dos testemunhos – Fr. Luis de Soutomaior..., F. João de Valadares..., antigos criados..., o filho e nora do biografado que eram sogros do autor..., etc. – que sobre tal matéria recolheu Jerónimo de Melo. Mas, também aqui, estaríamos em dizer que o peso do testemunhos e tradições familiares parece evidente..., quanto mais não seja porque, para além de os referir, o hagiógrafo nunca os cita ou alude nem, muito menos, transcreve esses "fragmentos".... Um tipo de silêncio que, evidentemente, se nada prova, pode, quando menos, servir para realçar a voz das testemunhos...

A compreensão das, apesar de tudo, escassas informações que o autor da *Vida de D. Leão de Noronha* conseguiu apurar e nos transmitiu – lealmente, cremos –, tem de ser considerada no contexto em que o hagiógrafo as coloca, já que, muitas vezes, servem apenas de ponto de partida para comentários que, no seu conjunto, constituem esse discurso quase autónomo sobre a oração. Deste, basta-nos aqui recordar que para Jerónimo de Melo tudo parece reduzir-se a um confronto entre oração vocal e oração mental..., confronto, a bem dizer, aparente, porque, nessas páginas, sem, evidentemente, a negar, a oração mental vem colocada sob uma luz se não negativa pelo menos perigosa e, logo, desaconselhável. Teremos, certamente, percebido desde já a larga valorização e insistência nas práticas da oração vocal... Com efeito, a oração vocal, por mais penosa, é mais satisfatória, enquanto a mental é mais suave, mais gostosa e, logo, mais perigosa...²²¹. Os receios de sempre. Por outro lado, numa tradição bem conhecida e que teve um dos seus mais acabados representantes em Fr. Juan de la Cruz, O.P., um castelhano vivendo em S. Domingos de Lisboa onde terá escrito o seu *Diálogo sobre la necesidad y obligación y provecho de la oración y divinos loores vocales y de las obras virtuosas y sanctas ceremonias que usan los cristianos, mayormente los religiosos* (Salamanca, 1555), Jerónimo de Melo insiste em que a oração vocal, além de poder contar com a aprovação, desde sempre, da Igreja, deve ser o ponto de partida para a oração mental... A proposta é conhecida e foi elaborada à saciedade em momentos mais agudos

²²¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 72v-73r.

de críticas – e até de perseguição – aos defensores da oração mental.... Por isso, declara Jerónimo de Melo, "a oração he mais perfeita quando consta da vocal e mental"²²² e, assim, "cada hum de nos se pode recolher com seu rosario e ter tanta oração quanta a beata Margarida de Chaves nossa portuguesa natural da ilha dos Asores na de S. Miguel..."²²³. Compreende-se que todos os exemplos e autoridades que logo alega – de David a S. Vicente Ferrer passando por Teodoreto e S. Cipriano – apoiem o valor "desta vocal", pois não só com a língua e cantigas havemos de orar, mas também com o entendimento...²²⁴, donde decorre que "hase de dizer a oração em lingua ou falla que se entenda ou que o mesmo que reza perceba bem o que diz..."²²⁵.

Com tudo isto, escrito a propósito da oração do "santo D. Leão", percebemos, como não podia deixar de ser, que esse "veneravel varam" sempre caminhou pela "estrada real" da oração vocal...²²⁶. Interessará, então,

²²² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 73v.

²²³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 68r-68v. (O sublinhado indica, como em outras ocasiões, dúvidas de leitura, tal como se verificará na citação seguinte): "[Margarida de Chaves] beatificada e levada da sepultura donde ordinariamente sepultam os christãos pelos processos que os mais bispos fizeram da sua vida e milagres deram sentença em juizo contendorio em que declararam fazer vida da santa e a beatificaram julgando-a por beata ordinariamente. E o doctissimo padre M. frei Francisco de Christo da ordem dos Ermitas de santo Agostinho da santa provincia de Portugal, lente jubilado da universidade de Coimbra na Theologia lhe fez o officio de suas antífonas e ignos em latim muito elegante em que elle era eloquentissimo de hua santa que nam era virgem nem martir para o dia em que Nosso Senhor permitisse o Sumo Pontifice a declare e ponha no catalogo dos santos. Seu corpo por essa sentença se trasladou na mesma igreja a parte do evangelho da igreja de sam Miguel o Anjo de sua freguesia. Se lhe poem a lampeda e o mais que se lhe permite athe esta declaração. Esta bemaventurada viuva rezava hum rosario em hum mes em cada palavra das Aves Marias e Padres Nossos recebia altissimas mercês do Ceo que se lhe communicavão muitas vezes gastava em hum Padre Nosso muitos dias com os mesmos effeitos e grandes deprecasões como se pode ver nos seus processos...". Seria importante determinar a origem destas informações que, apesar de tudo, se revelam correctas para uma determinada etapa biográfica de Margarida de Chaves, figura bem merecedora de grande atenção – por si e pela devoção que concitou. Fr. Luis dos ANJOS, *Jardim de Portugal*, Coimbra, 1626, 534-535, embora refira o *Compendio della santa Vita di Margarita de Chaves*, Roma, Bartolomeo Zanetto, 1612 – obra que também saiu em castelhano – do filho de Margarida, Gonçalo Sousa Correia (baseado nos processos de beatificação e na *Vida* que, segundo D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., I, 549, escreveu Fr. Brás Soares, E.S.A.), não conheceu essa obra, pois, como declara (539), o que sabia recebeu-o de Gaspar Fructuoso (também confessor da devota viuva, de acordo com D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, 352) através de comunicação pessoal de M. Severim de Faria. Teria também sido o grande antiquário de Évora o informador de Jerónimo de Melo? É possível, mas devemos notar que não reteve, como Fr. Luis dos Anjos, a informação de que Margarida de Chaves "sendo já perfeita não podia orar vocalmente, nem descorrer com o entendimento, mas toda se occupava em amar"(534)... Também a julgar pelas notícias que traz, Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, ed. cit., III, 671 e 682-683 deverá essas informações a M. Severim de Faria. Registemos, por fim, que D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., II, 133 e IV, 131 não cita esse *ofício* que aponta o biógrafo de D. Leão de Noronha.

²²⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 73v.

²²⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 75r.

²²⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 76v.

percorrer os modos e os lugares dessa "estrada real"... Na ordenação que, desde este ângulo, Jerónimo de Melo nos esboça do dia-a-dia do seu biografado, uma parte da manhã e da tarde era, como já sabemos, ocupada entre os pobres, e outra a "ouvir missa, rezar suas devoções e assistir nos officios divinos no coro com os religiosos de Sam Domingos"...²²⁷. A noite gastava-a rezando nos seus aposentos, em geral na sua livraria. É este esquema que, desenvolvido pelo hagiógrafo, tentaremos precisar...

Insistindo em que esse "veneravel varam" era um homem de oração, reafirma, com mais alguma precisão, que "toda a vida gastou neste exercicio as manhans e tardes em hua das cadeiras do coro de Sam Domingos"²²⁸..., indicação que além de, reiteradamente, nos remeter para essa zona de influências dominicanas que, por outras vias, já ficaram apontadas e, desde este ponto de vista, nos sugerir a sua dimensão através do acolhimento que os Pregadores lhe dispensavam recebendo-o no seu coro, mesmo se na última cadeira do lado da Epístola²²⁹, insinua o gosto de D. Leão por o officio divino, esse officio que já seguira em Santa Catarina da Carnota... Por outro lado, e haveremos de o confirmar com outros dados, as horas, com os seus salmos e as suas lições, aparecer-lhe-iam, e com razão, como a oração vocal por excelência... E isto sem contar que o cerimonial litúrgico, mesmo se simplificado entre os frades dominicanos, continha uma dimensão de "corte ao divino" que sempre seria atractiva para um cortesão... Que o diga a nostalgia de Francisco de Borja pelo coro e pelas missas cantadas... Deixando para mais tarde o tempo que gastava diante do Santissimo Sacramento, assinalemos que a noite, isto é, a maior parte da noite²³⁰, "em seu estudo diante de hum devoto cursuficio, em sua vigia, em altissima e profundissima devota oração e contemplação e a maior parte della a paçava em oração vocal cantando ignos e salpmos e sempre de giolhos"²³¹. O texto, independentemente das anomalias ortográficas que já procurámos explicar – assim o supomos –, parece permitir que nos perguntemos se o que D. Leão cantava não seria a continuação do officio divino que interrompera em S. Domingos..., mas mesmo que assim não fosse parece fácil aceitar que a sua oração vocal continha um forte acento "coral". Jerónimo de Melo ajuda ainda a relevar esta dimensão quando não só nos diz que Leão de Noronha "sempre cantava hygnos e salpmos a hum descante de sete cordas que elle tangia muito bem, hera muito destro"²³², mas também nos precisa que, como "outro

²²⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 38v.

²²⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 52r-52v.

²²⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 38r.

²³⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 69r.

²³¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 52v.

²³² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 54r.

Daniel²³³, rezava "com o alaude entoando salmos ainda que o tangia bem nam hera a vos entoada nem branda"²³⁴. E como confirmação desta maneira de "dar muzicas a Nosso Senhor"²³⁵ conta algum episódio sobre o medo que tal modo de rezar vocalmente chegava a causar em gente menos prevenida da sua própria família...²³⁶. Ao parecer, tanto no coro de S. Domingos como na sua livraria, rezava sempre de joelhos, posição que, como vimos, o hagiógrafo releva, acentuando, como prova de que "estava toda a vida de joelhos diante de Deos", que "de ordinário se lhe rompião as botas nos joelhos, que as solas sempre estavam novas"²³⁷. Pela importância que concede a essa posição a que, ao parecer, atribui um significado de humildade e não propriamente de penitência, vai mesmo ao ponto de lembrar que, durante o tempo de oração pela noite, "quando ja a natureza cansava tinha hua taboa como emcosto que ficando de jiolhos ficava emcostado de tal maneira que nunca deixava de ficar nesta postura. Quando a natureza cansava, digamos assim, para tomar hum pouco de sono ficava de juelhos por algum espaço..."²³⁸. Mais tarde, durante a época de peste, porque passava muito mais tempo em oração, os seus joelhos pareciam pedras²³⁹..., encarecimentos que, tirando os olhos do deserto donde o hagiógrafo os foi buscar, nos interessam apenas como modo mais de sublinhar a "devota atenção do coração em Deus" – assim define Jerónimo de Melo a oração, precisamente na senda de Cassiodoro²⁴⁰ – por parte de D. Leão.

Eram estes os modos, estilos, posições da oração vocal de D. Leão de Noronha..., mas porque cantava e entendia, quer dizer, contrariamente a "os deste tempo"²⁴¹, rezava e meditava, porque compreendia o que rezava..., tinha, desta maneira, também oração mental...²⁴². Nada custa aceitar este ponto de vista de um hagiógrafo versado no assunto – e, para mais, neto por afinidade do "santo D. Leão"... –, quando sabemos que, para além do que o autor da sua biografia possa ter perfilhado das orientações espirituais que, desde há muito, assim concebiam a oração mental, essa foi uma solução que muitos autores, justamente em tempos de D. Leão, elaboraram para poder continuar a falar e a defender a necessidade da oração mental... Recordemos aqui Francisco de Sousa Tavares com o *Livro de Doctrina Spiritual* (Lisboa,

233 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 69r.

234 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 69v.

235 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 70r.

236 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 69v.

237 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 38r-38v.

238 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 69r-69v.

239 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90r.

240 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 54r.

241 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 54v.

242 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 72v.

1564)... E, porque não?, as "correccões" que Fr. Luis de Granada se viu obrigado a fazer a obras suas por pressão dos anti-oração mental... Infelizmente, por nada sabermos das suas amizades, nada sabemos das suas relações pessoais com Jorge da Silva²⁴³, mas não gostaríamos de pensar que o silêncio do hagiógrafo sobre contactos de D. Leão com Fr. Luis de Granada – que vivia, como se sabe, em S. Domingos de Lisboa – e a falta de citações da obra do granatense na *Vida de D. Leão de Noronha* se explicam pela sua filiação em correntes de espiritualidade que fundamentaram a acusação do autor do *Memorial de la Vida Cristiana* (1564) à inquisição em 1571²⁴⁴ por parte do autor do *Tratado em que se contem a Paixão de Christo* (Évora, 1559)...

Ainda no âmbito deste capítulo será de considerar a prática das orações jaculatórias, método da "oração aspirativa" que, curiosamente, na sequência de um J. J. Lanspergio e de um L. de Blois²⁴⁵, tão recomendada será por Fr. Luis de Granada em, por exemplo, *Meditaciones muy devotas para antes y despues de la comunión*, um opúsculo devocional que rematava a *Confesión de un Pecador delante de Jesucristo Redentor y Juez de los Hombres* de Constantino Ponce de la Fuente que imprimiu André de Burgos, em Évora, em 1554. A seguir-se Jerónimo de Melo, que aprecia e recomenda

²⁴³ Das relações pessoais, que das relações familiares sabemos o suficiente para deduzir um conhecimento estreito. Com efeito, segundo Manuel J. Felgueiras GAILO, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, ed. cit., IX, 15, a mulher de D. Leão, D. Branca de Castro, era filha de D. Gonçalo Coutinho e de D. Brites da Silva, irmã esta de João da Silva, sexto Senhor de Vagos, pai de Jorge da Silva, o que quer dizer que D. Branca e Jorge da Silva eram primos co-irmãos. Por outro lado, um irmão de Jorge da Silva, Luis da Silva era casado com D. Catarina de Paiva, irmã de D. Helena da Silva, mulher de D. Tomás de Noronha, e, portanto, ambas filhas de D. Gileanes da Costa. E, como já vimos, ainda há mais algum elo nesta cadeia que a seu tempo assinalámos. Claro que estas relações de parentesco nada garantem sobre relações pessoais e muito menos espirituais, mas teremos sempre que ter presente que Leão de Noronha e Jorge da Silva frequentavam – ou, pelo menos, durante algum tempo frequentaram – S. Domingos às mesmas horas e rezavam na mesma capela de Jesus do mesmo convento. Aí, por exemplo, estiveram continuamente em oração D. Leão e D. Branca até lhes serem anunciadas as melhores de seu filho em ocasião em que este foi considerado em iminente perigo de vida. J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 53v contará, como havemos de ver, este caso entre os milagres de D. Leão.

²⁴⁴ Apesar do episódio e a documentação serem conhecidos, será sempre útil lembrar que a "denúnciação" de Jorge da Silva contra Fr. Luis de Granada e Fr. Miguel do Rosário e, de passagem, envolvendo outros – vivos e mortos – foi, depois de o ter sido por J. S. da Silva DIAS, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal, Séculos XVI a XVIII*, Coimbra, 1960, I, 583-585, publicada em leitura mais acessível por Isaías da Rosa PEREIRA, *Subsídios para a História da Inquisição em Portugal no Século XVI*, in *Anais da Academia Portuguesa de História*, II^a Série, 23 (1976), 148-247 (225-229).

²⁴⁵ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o Estudo da Espiritualidade Peninsular nos Séculos XVI e XVII*, Porto, 1981, 121-131, 150-182.

este método de oração afectiva²⁴⁶, D. Leão "de contínuo andava em jaculatórios"²⁴⁷ e pela sua prática "lhe comunicava Deus nosso Senhor altíssima contemplação..."²⁴⁸, o que é o modo do hagiógrafo valorizar, na sequência, por exemplo, de um N. Eschio, as jaculatórias como um exercício desse "amor unificante" que põe a alma em permanente presença de Deus...²⁴⁹. É possível que um afinado saber teológico possa descobrir elos profundos entre o amor aos pobres, melhor, o amor ao pobre na sua "presença" como meio de andar na presença de Deus e o andar em permanente união com Deus por meio do exercício de jaculatórias, mas aqui, paupérrimo de tal saber, teremos que nos limitar a assinalar quanto essa confluência de meios contribui para guardarmos de D. Leão essa imagem de "grande contemplativo" que o autor nos quer transmitir.

Jerónimo de Melo assinala, reiteradamente, como vimos, a assistência de D. Leão ao ofício divino no coro de S. Domingos de Lisboa... e, ao mesmo tempo, aponta, mas sem comentários, que todos os dias ouvia missa. Na mesma igreja? Talvez. Contudo, se a ordem por que vêm expostos – melhor, talvez, pobremente enumerados – os diferentes momentos do seu dia – "... depois de ouvir missa e rezar suas devoções, e assistir nos officios divinos no coro com os religiosos de Sam Domingos [...] todo o tempo que lhe restava gastava diante do Santissimo Sacramento no mesmo convento sempre de joelhos no coro na parte da da Epistola na ultima cadeira..."²⁵⁰ – tiver algum significado, teremos de admitir que o dia de D. Leão começava pela Missa.... Este facto, comum a tanta gente dos seus dias, pode, contudo, ser valorizado se o colocarmos, qualquer seja a sua ordem, no quadro do ofício divino a que esse "veneravel varam" assistia, já que a missa é como que a sua coroação e o seu centro. Esta perspectiva poderia conferir à oração de D. Leão um interessante – e num leigo, raro – acento litúrgico e, quando conjugada com o tempo que gastava diante do Santissimo Sacramento²⁵¹, apontar ao cristocentrismo da sua oração. E esta sugestão poderia receber algum conforto, mais do que das suas assíduas, diárias mesmo, e muito "escrupulosas" confissões – de tantos escrupulos que em S. Domingos os

246 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 79r: "A oraçam jaculatoria he huma inspiraçam e hum meio mais breve e compendioso e eficaz, aperfeizam da caridade de Deos; he muito importa como o sente Dionisio Sam Boaventura, Sam Agostinho e todos os mais mestres da vida espiritual lhe chamam jaculatoria, quer dizer como setas que chegam ao coraçam de Deos tiradas das almas devotas...".

247 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 78v.

248 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 79r.

249 E. VANSTEENBERGHE, *Aspirations*, in *Dictionnaire de Spiritualité d'Ascétique et de Mystique*, Paris, 1937, I, 1017-1025.

250 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 38r.

251 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 52r-52v.

confessores não o queriam muitas vezes confessar, só o fazendo por ordem expressa do superior²⁵²... – a prática da comunhão quotidiana, frequência, como é bem sabido, raramente concedida e, por isso, reveladora do alto conceito de santidade em que era tido esse grande senhor. Mas este cristocentrismo pode ainda ser descoberto em outros pequenos sinais devocionais, como, por exemplo, a sua visita anual aos "sepulcros" nos últimos três dias da Semana Santa²⁵³, a sua especial devoção ao passo da sepultura de Cristo, e o seu ardente desejo de visitar a Terra Santa...²⁵⁴. Nunca lá foi, mas não é Alenquer, onde D. Leão mandou sepultar-se, um retrato, em sítio e confrontações, de Jerusalém? Como veremos, assim o pensava Jerónimo de Melo... E poderá até ser que seja um comentário, com ecos paulinos, do hagiógrafo que sintetize bem o que sobre a dimensão cristocêntrica da espiritualidade de D. Leão que acabamos de sugerir com apoio – esperemos que sem violência – dos poucos elementos que a sua biografia nos fornece: "não podia aquella alma estar ociosa, mas sempre obrando, e accumulando graças a graças, alta perfeição foi a que chegou na terra a alma de D. Leão. Como andaria unida a seu Criador, como viveria nella Christo..."²⁵⁵.

Dentro do campo da oração devemos referir ainda as leituras espirituais de D. Leão. Apesar do autor da sua biografia nos informar que "tinha grande livraria de todos os livros que avia em o seu tempo" e que o seu "numero eram sinco mil volumes todos de retortis alguns tinha de roins letras as impressões nam eram tam perfeitas como hoje"²⁵⁶, pouco podemos saber das suas leituras... Com efeito, dando por descontado que todas as grandes bibliotecas quase sempre tiveram esses "míticos" cinco mil volumes, além do tempo ter consumido muitos documentos e da livraria se ter dispersado, já que dos seus livros "muitos se perderam e muitos se deram para livrarias da provincia da Rabida da Sarafica familia de Sam Francisco..."²⁵⁷ – elementos que confirmam a opinião de douto que teria o seu santo proprietário junto de

252 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 35v-36r. É bem possível que um deles fosse Fr. João de Valadares, quem, como diz o hagiógrafo, foi superior de S. Domingos.

253 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 106r: "...fas grande devoção que tinha nos tres dias de somana santa visitando os sepulchros que naquelle tempo so nesta cidade avia na see, no musteiro de Nossa Senhora do Carmo e no de Santo Loio, e nestes lugares gastava em cada hum seu dia..."

254 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 96r: "hera Dom Leão grande devoto do paço da sepultura de Christo nosso Senhor e desijava muito hir acabar aquelle lugar sagrado onde se obrou o nosso remedio..."

255 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 35v.

256 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 91r.

257 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 91r.

um Fr. Luis de Soutomaior, por exemplo²⁵⁸ – não parece ter podido o seu biógrafo recolher informações precisas sobre os seus livros de meditação.... Com efeito, se sabe – e tenhamos em conta a concepção de oração mental que expõe e defende – que "para levantar o pensamento vocal todo todo[sic] andava rodeado de livros de horação no ceio e nas algibeiras e em muitas partes do pelote donde tinha seus lugares..."²⁵⁹, nada de verdadeiramente preciso informa sobre esses "tantos livrinhos de devoção".... Nas algibeiras deviam andar outros "livrinhos" que não "as partes de Santo Thomas em dois tomos [tomos]" e essa edição do Mestre das Sentenças, tudo fazendo um peso que, como já vimos, alguns dos informadores de Jerónimo de Melo suspeitavam que trouxesse por penitência... Não tentemos conciliar estas afirmações, mas retenhamos que Santo Tomás e Pedro Lombardo, por muito doutos que fossem, não seriam propriamente leituras para "levantar o pensamento vocal"... Os seus "livros de oração" que deveriam ser "livrinhos de devoção"... deveriam ser outros.... Santo Tomás e o Mestre das Sentenças servem aqui para nos confirmar que, como já referimos, D. Leão era e era considerado muito douto... O que o hagiógrafo, com todas essas referências a "livros de oração"... a "livrinhos de devoção"... e a livros de teologia – além do que sugere com o número e a variedade dos seus livros –, terá querido insinuar-nos é essa aliança ideal de doutrina e de devoção...²⁶⁰. Que D. Leão não gostasse de emprestar esses livros de meditação e de doutrina, mesmo a seu filho, pode compreender-se dentro desse quadro, já que a falta deles representava "estar fora do exercício de contemplação"...²⁶¹. E este amor aos

²⁵⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90r. Um pouco adiante (fol. 91v) Jerónimo de Melo assinala, numa redacção confusa e com erros grosseiros certamente devidos, como já assinalámos, ao facto de a cópia ter sido feita, parcialmente, pelo menos, por ditado, que D. Leão era considerado tão douto que a própria Inquisição o consultava sobre livros que vinham de fora.

²⁵⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 56r.

²⁶⁰ Fr. Heitor PINTO, *Imagem da Vida Cristã, Diálogo da Discreta Ignorância*, IV, afirma que na "Igreja primitiva" não se liam "senão livros espirituais de boa erudição e doutrina" e no *Diálogo dos Verdadeiros e Falsos Bens*, XIII, explicita que "a verdadeira ciência se aprende com muito cuidado e devoção" (conf. *Imagem da Vida Christam*, Lisboa, 1843, II, 222, II, 714, respectivamente). D. António Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., IV, 687, afirma, não sabemos se com base em outras informações que não apenas o texto de Jerónimo de Melo – mas estamos em crer que não, dado que não dá qualquer pista nesse sentido –, que "foy D. Leão de Noronha, além de Santo, muy versado na lição dos livros, applicado à Theologia, e assim escreveu varios Tratados de Theologia Mystica, Especulativa, muy devotos, que seriam de grande proveito se se publicassem, por ser de muy elevado espirito, como quem era tão dado á Mystica, em que gastou muito tempo, tendo horas para o estudo, na manhã, e noite, diante de hum Crucifixo, como quem recebia delle, à maneira de São Boaventura, os frutos de seus estudos".

²⁶¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 56r: "... e aconteceu-lhe hum dia que pedindo seu filho D. Thomas hums livros prestados lhe respondeu: filho, nam me pidais estes livros emprestados porque sam meus companheiros e tem aqui seus apouentos, mostrando-lhe o pelote e as partes em que andavam..."

livros – os cinco mil não eram todos de oração... – pode ser ainda sublinhado se não esquecermos que o tempo de oração da noite era feito do seu "estudo" onde tinha um crucifixo – relíquia que, por sua mulher, Jerónimo de Melo veio a herdar. Não sabemos – e bem gostaríamos de o saber – se essa grande livraria era um dos elementos mais do "fausto" – recordemos que a palavra é do seu hagiógrafo – da grande casa desse grande cortesão²⁶²..., mas podemos pensar que, além de lhe ter servido de lugar de oração e de lhe ter ministrado algum meio de penitência – o peso de todos esses livros que carregava... – a sua livraria – como gostou de sublinhar D. António Caetano de Sousa²⁶³ – lhe permitiu escrever "esses cadernos alevantados de ponto" sobre matérias de oração de que Jerónimo de Melo possuiu alguns fragmentos²⁶⁴, e – se não forem a mesma coisa – esses "muitos tratados" de "escriptos especulativos misticos devotos e expositivos" impossíveis de publicar já que lhes faltam "os principios e os fins que o tempo consumiu"...²⁶⁵. Lastimemos, como o seu hagiógrafo e parente, essa perda e lastimemos também que este não nos tenha deixado qualquer pista para saber o que entender por: " tinha [D. Leão] escola desta theologia [da oração] e nam lhe faltavam discipulos de toda a sorte"...²⁶⁶. Se o sentido preciso desta rápida referência nos escapa, nada custa sugerir, desde já, que com essa "escola" e esses "discipulos de toda a sorte" esteja Jerónimo de Melo a aludir a reuniões de gente espiritual em sua casa bem ao uso do seu tempo.

Naturalmente, que fez milagres. E são estes "milagres que fez em sua vida" que, matéria de capítulo especial (6º), constituem o modo por que Deus manifestou "santidade deste seu servo" D. Leão de Noronha²⁶⁷ e em todos eles, com as variantes de circunstâncias, se proclama a sua ardente caridade, essa caridade que lhe dava "confiança para alcançar tudo"²⁶⁸. Será também desde este ângulo que os devemos aqui recordar. Recordar nos factos e circunstâncias que não nas suas datas.

O primeiro²⁶⁹ diz respeito ao aparecimento de trigo para o forno dos pobres em sua casa num dia em que, por descuido do veador, faltou. O "santo varam" informado dessa falta respondeu ao criado que lha fazia sentir: "Homem, tem fee que trigo ha"... E "foi-se o creado para o seleiro abrindo a

262 François Dupuigrent DESROUILLES, *Le Livre à la Cour: Livres de Gentilhommes et Livres de Bouffons*, in *La Symbolique du Livre dans l'Art Occidental du Haut-Moyen Âge à Rembrandt*, Bordeaux, Paris, 1995, 115.

263 D. Antonio Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., IV, 687.

264 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 48r.

265 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 91r

266 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 48r.

267 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 99v.

268 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 91v-92r.

269 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 91v-92v.

a porta a não podia abrir de todo de tam cheio que o seleiro estava...". Perante as vozes de "milagre!" – comparável a um que fez S. Bento –, D. Leão, talvez, não terá feito mais do que mandar calar o servidor – "Calte!" –, já que, apesar de tudo, o que se segue, pela sua redacção, parece mais comentário do autor que transcrição de testemunho de palavras do santo²⁷⁰. O segundo²⁷¹ faz aparecer, transformando a água, carne na panela da sua cozinha onde, também por um descuido, desta vez do comprador, faltou um dia. Apesar da convivência do cozinheiro (um cafre, logo, talvez, um escravo), D. Leão, que, por costume diário, sempre perguntava "se viera o comer dos pobres e se fervia a carne já", descobrindo e dissimulando a falta, remedeia-a transformando a água fervente em tantas "ressoens de carne que lhe [ao cozinheiro] parecia que se nam tirace alguma que rebentaria a panela"... Perante essa "maravilha", D. Leão, negando que seja santo ou que faça milagres, atribui-lhe o significado de aviso de Deus para que nunca se esqueça de dar de comer aos pobres.... Correu a notícia deste milagre por Lisboa e por todo o reino, a ponto de que "ainda hoje lhe chamão o santo D. Leão do milagre da carne dos pobres"...²⁷². O terceiro²⁷³ passou-se, em Lisboa, na Rua Nova onde ficava a sua casa... Confirmando algumas notícias que já ficaram apontadas, um cego, a quem D. Leão dá de esmola uma moeda com as palavras: "Deos vos dê saude", coloca-a nos olhos e logo recupera a vista. Negando, como sempre, qualquer poder de fazer milagres – tudo atribui a Deus –, D. Leão, perante a multidão que se junta a ouvir o cego, foge e esconde-se na igreja da Conceição..., tal como Cristo, aquando do milagre da multiplicação dos pães, fugiu para o deserto para não ser aclamado rei... O quarto²⁷⁴ teve lugar no mosteiro do Salvador onde D. Leão rezava na capela de N^a S^a dos Remédios, panteão de alguns antepassados seus²⁷⁵. A um pobre que lhe pede esmola dá-lhe o santo uma moeda de cobre de real e meio que o pobre, incrédulo, viu transformada em uma moeda de ouro de mil reis, limitando-se D. Leão a comentar: "Deos vos deu esta

270 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 92v: "fez Deos estes milagres para te acrescentar na fée, para entenderes quam bem empreguada he a esmola que se fas aos pobres, pia escusa para se livrar da vangloria que se lhe podia offerecer...". Devemos notar, para melhor se compreenderem as nossas reservas, que "estes milagres" vem referido ao milagre de D. Leão e ao de S. Bento, já que o hagiógrafo os compara.

271 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 92v-92(a)v.

272 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 92(a)v.

273 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 92(a)v-93v.

274 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 93v-98r.

275 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 93v-98v a propósito deste milagre introduz uma extensa digressão sobre as origens do mosteiro do Salvador e os seus padroeiros, cuja fonte é a obra de Soror Maria Bautista, O. P. já algumas vezes aludida.

moeda, levai-a embora"²⁷⁶. O quinto passou-se à saída da igreja do mesmo mosteiro numa quarta-feira de Endoenças na pessoa de um pobre com um braço tolhido. D. Leão, confessando não trazer que lhe dar, diz-lhe: "Deus vos ha-de dar saude", instante em que o pobre se sente curado e proclama o milagre ao que o santo opõe explicando: "Calai-vos, meu irmão, a esmola que me pedistes eu a não trazia para vo-la dar, a da saude Deus vo-la deu que a pode dar para o servirdes....". O autor recorda a propósito deste milagre o que fizeram S. Pedro e S. João que à porta do Templo deram saúde a um aleijado de pés e mãos.

Seria interessante seguir o discurso teórico de Jerónimo de Melo sobre o milagre, que "para ser verdadeiro he necessario que exceda a natureza"²⁷⁷, como se verifica nas maravilhas apontadas, e sempre realizado para manifestar a glória de Deus e dos seus santos, neste caso de D. Leão²⁷⁸, mas, do nosso ponto de vista, o que importa aqui será fazer notar que "estes milagres são os que sabemos que floreceram na memoria dos homens e que nunca esqueceram por nam aver duvidas..."²⁷⁹. São, em grande parte, como veremos com mais cuidado, um dos suportes da memória da santidade de D. Leão. Por isso, Jerónimo de Melo teve o cuidado de recordar quer algumas tradições que imprecisamente – "ainda hoje lhe chamão o santo D. Leão do milagre da carne" – ou mais circunstanciadamente – "estando as madres [do Salvador] a grade do coro que ouviram e as que hoje vivem ouviram dizer as ditas madres antiguas..."²⁸⁰ – transmitiam esses milagres quer ainda alguma testemunha ocular viva, como, para o quinto milagre, essa "mulher da mesma freguesia que chamam Vitoria Lourenço que viu este milagre e o conta..."²⁸¹. Poderá ser interessante assinalar que os milagres de D. Leão se centram nos pobres de Lisboa e, mesmo assim, não em mulheres ou crianças. Das pobres, como parece sugerir o delicado caso de uma prostituta parturiente que, como haveremos de ver, D. Leão recolhe discretissimamente na sua livraria, dir-se-ia ocupar D. Branca, ela que ouvia missa entre elas em S. Domingos. E as crianças perpassam velozmente numa alusão em tempo da peste de 1569-1571 na Arruda.... Os milagres de D. Leão verificam-se todos em homens e o que os une é a pobreza, já que os doentes – um cego e um tolhido de um braço – não fazem mais que, porque o são duplamente, patentear a sua pobreza, essa pobreza que merecia todas as atenções da caridade e misericórdia do santo.

276 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 97v-98r.

277 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 99r.

278 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 99v.

279 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 98v.

280 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 97v.

281 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 98v.

Ainda que não se lhes refira no capítulo dos milagres de D. Leão, Jerónimo de Melo Coutinho assinala dois outros acontecimentos que, por "maravilhosamente" testemunharem a total confiança de D. Leão em Deus, ele os tem na conta de "não pequenos milagres". O primeiro ainda cai, como consequência pelo menos, dentro do campo semântico do seu amor aos pobres e diz respeito às enormes despesas que sustentava para os socorrer. Como, desde outra perspectiva, já aludimos, para provar como "paga Deos os bens que fazem por elle", o hagiógrafo lembra que "por morte de Dom Leão quase todos os seis mil cruzados tinha vendido, que assim se achou seu filho Dom Thomas com quase nada, e com muitos filhos, e com as misericordias de Deos se foi multiplicando a fazenda e as rendas patrimoniaes...". Jerónimo de Melo, depois de enumerar o que dessa fortuna coube a cada um dos filhos de D. Tomás e as diversas heranças que, "com ajuda do Ceo e intercessão de Dom Leão", permitiram essas larguezas de seu sogro, pondera: "quanto a mi foi hum dos grandes milagres que pode haver, assi o disse Nosso Senhor que por hum daria cento, e o ceo..."²⁸². O segundo caso, contado para exaltar o preço e eficácia da oração, especialmente da vocal, dos "que tem viva fee", atine à cura de D. Tomás de "hum accidente tam riço que desconfiaram os medicos de sua vida e todos concluíram que morria..."²⁸³. Por uma alusão do texto, sabemos que já estava D. Tomás casado. Descuidando remédios terrenos, seus pais, Leão e Branca, "vance diante do Santissimo Sacramento à capela de Jezus a S. Domingos" e "cada hum em seu canto" não abandona a oração "athe lhe nam levarem novas que seu filho estava fora de perigo..."²⁸⁴. A vida "alcança [D. Tomás] sem qualquer medicamento humano que se lhe aplicace", pois nem mesmo "D. Gileanes, seu sogro nam consentiu que a seu genro se fizece algum remedio humano e dizia aos medicos bom medico temos diante de Deus e elle sahira com bom despacho, santo he D. Leão sahira com bom despacho..."²⁸⁵. Naturalmente, o hagiógrafo que se apoiou em tradições familiares que garantiam estes factos relacionados com o pai de sua mulher, confessa que "não tem por piqueno milagre" esta cura de D. Tomás²⁸⁶. Como vemos, são dois casos que demonstram a eficácia da oração e da intercessão dos santos, mas que, possivelmente por não caberem de um modo preciso na clássica definição de milagre de que o autor parte para recolher os "verdadeiros" milagres que operou D. Leão em vida, não foram acolhidos no capítulo respectivo. De qualquer modo, dizem bem da importância da sua intercessão pela sua casa e

282 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 31v.

283 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 53r.

284 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 53v.

285 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 54r.

286 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 54r.

pela sua família, tanto no plano da sucessão como no dos bens de fortuna que deveriam assegurar não só o lugar que, por legado familiar, lhes pertencia na estrutura social do tempo, mas também o socorro aos pobres que D. Leão lhes deixara em apanágio e que, como já assinalámos, pareceu, em algum momento, constituir um traço do carácter dos seus descendentes. Por obrigação de o imitar nas suas virtudes e pelo sangue que lhes corria nas veias.

Quando morreu? A data aceite pelo *Agiológico Lusitano* é 28.VIII.1572 e com alguma razão, já que, além de ser a que, mesmo se através de uma redacção um tanto confusa, é a proposta definitiva do biógrafo²⁸⁷, a de 1562 que se põe no começo da sua *Vida* deve ser um dos muitos erros de cópia que, como apontámos, desfeiam o texto e confundem o seu leitor²⁸⁸. E se aceitarmos que morreu com os setenta e dois anos que se lhe atribuem nesse momento – tantos quantos gastou em oração²⁸⁹ –, temos que, como já igualmente indicámos, terá nascido no começo do século. Apesar de Jerónimo de Melo que, sobre este ponto deveria estar bem informado pela tradição familiar, nos dizer que o mal de que morreu "hera de humas enchasoens do estamaguo que lhe forão [?] cresendo e tomava-lhe tres e muitas vezes a respiração..."²⁹⁰ ou, como repete, com alguma variante um pouco depois, "huma opilação do estamaguo de que os medicos não tem por perigoza, contudo se hia já debelitando e enfraquecendo"²⁹¹, haverá sempre que colocar a sua morte no quadro da peste que, depois de Sevilha (1568-1569), grassou, com intermitências, por Lisboa e por outros lugares de 1569 a 1571, embora um memorialista como P. Roiz Soares se fixe, dada a agudeza do ataque epidémico, em 1569 e parte de 1570 e um Fr. Luis de Granada, recordando-a, destaque que "cesó con un recisimo y desacostumbrado viento, con el cual creció la mar tanto, que cubrió las fuentes que estaban junto a ella, y de dulces las hizo salobres por algunos días"²⁹². Com efeito, se Jerónimo de Melo não confunde factos e datas, "Dom Leão e sua mulher e mais casa", seguindo o exemplo do rei e da corte, "se foi para a villa da Ruda onde tinham parte de sua fazenda..."²⁹³. E aí, onde redobrou a sua oração e, mesmo a risco de contágio, a sua caridade para

287 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 101v.

288 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 11r: "O seu transito foi haverá sincoenta annos, porque foi no sessenta e dous..."

289 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 47v: "... toda a sua vida foram setenta e dous annos que gastou em oração..."

290 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 101r.

291 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 101v.

292 F. Luis de GRANADA, *Introducción al Símbolo de la Fe*, I, 17, § único, in *Obras*, Madrid, 1944, 204.

293 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 99r.

com os pobres não cessou, morreu não sem antes ter aviso "de que lhe ia chegando a hora de seu maior dezejo"²⁹⁴. Passemos, não sem antes anotar a discrição do tratamento deste tema hagiográfico, o relato deste "anúncio", já que, mesmo combinando as variantes, será sempre difícil de lhe precisar os contornos, fixando apenas que, de qualquer modo, lhe chegaram através do choro de uns "mininos pobres" que "estavam acabando de jantar como hera costume"²⁹⁵, circunstância que, uma vez mais, remete para o que foi o seu permanente "exercício". Colaborou com o sacerdote – o pároco da Arruda – que o veio assistir, na preparação da sua unção final, confessou-se, comungou e, segurando um crucifixo, as suas últimas palavras foram: "alma, vai a Deus que te criou"²⁹⁶. Estas palavras, talvez, porque insinuando a "confiança que tinha tam certa"²⁹⁷, isto é, que "hera tanta a confiança que Dom Leão tinha de sua salvação"²⁹⁸, deram origem a uma larga digressão do hagiógrafo²⁹⁹ em que, com apoio de autoridades várias em que se incluem os exemplos de Afonso X, o Sábio, de Castela³⁰⁰ e Gregório Lopes³⁰¹, procurou situar essa confiança – ao parecer demasiada... – num contexto semanticamente claro e ortodoxo...³⁰².

"Ouve duvida na Ruda onde lhe dariam a sepultura", pois, como sempre, "a gente do povo o queriam na sua igreja nam chamando mais que pelo santo..."³⁰³, podendo nós estranhar que, de acordo com antigas e, muitas vezes, violentas tradições, não tivessem, pelo menos, tentado guardar do corpo do santo algumas relíquias³⁰⁴. D. Leão, contudo, como sabemos já, "mandara que o sepultassem na sepultura e capella de seus avos em S.

294 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 101r.

295 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 102r.

296 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 102r-102v.

297 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 102v.

298 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 103r.

299 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 102v-105r.

300 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 104r: "... e elRei Dom Affonso, o Sabio, de Castella quando quis espirar pediu a seu camareiro mor que lhe dese a candeia e dise-lhe: da a qua e acabemos de vez este segredo..."

301 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 104r-104v: "... e aquelle grande contemplativo Gregorio Lopes quando estava na ultima hora lhe deram a candeia, lhe dice o companheiro: Senhor Gregorio, ja acabaremos de hir viver [?] este segredo, ao que respondeu o santo penitente: cale, padre, que para mim sempre he dia claro".

302 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 104v: "Dom Leam com outra confiança de lus que tinha ilustrada com a fee combinada que tinha sobiu mais de ponto para mandar sua alma a gozar dos bens da gloria".

303 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 105r.

304 Sergio BERTELLI, *Il Corpo del Re. Sacralità del Potere nell' Europa Medievale e Moderna*, Firenze, 1990, 94-96; Jean-Michel SALLMANN, *Naples et ses Saints à l' Age Baroque...*, ed.cit., 124 et passim....

Francisco de Alenquer"...³⁰⁵. E, naturalmente, foi este desejo que foi cumprido, porque o levaram para a capela de S. Tiago ou do Capítulo, dita dos Noronhas, onde, de acordo ainda com o seu testamento, ficou em campa rasa³⁰⁶. Como em outras ocasiões a que aludimos, agora a sepultura de D. Leão no convento de Alenquer dá origem a uma digressão sobre alguns momentos da sua história³⁰⁷, de que aqui apenas nos interessa reter que "he tradição antiga que a villa de Alenquer he hum retrato no sitio e confrontasões e descrisões conformes a similhaça do sitio de Jerusalem..."³⁰⁸. Deste modo, percebe-se que, depois de, com algum pormenor, estabelecer essas semelhanças, o hagiógrafo declare, fazendo-se, talvez, eco de alguma tradição, que "parese que nam sem misterio se edificou esta capella e este lugar mais que para D. Leão", pois, "em parte lhe concedeu Deus esta merce que suposto que sabia sua Magestade que elle não avia de acabar naquelle lugar santo [Jerusalém] quis que em similhante fosse sepultado..."³⁰⁹. Teremos entendido, seguramente, pelo que a seu tempo ficou aludido, que aqui, devotamente, Alenquer "representando" Jerusalém é não só o modo de satisfazer o desejo que D. Leão sempre manifestou de "hir acabar àquelle lugar sagrado onde se obrou o nosso remedio"³¹⁰, mas também de, assim sepultando D. Leão junto com Cristo, sublinhar, não qualquer identificação de D. Leão com Cristo – nunca se faz de D. Leão um *alter Franciscus*... –, mas, sim, profundo cristocentrismo que enformou toda a sua oração – porque não escrever: que deu sentido a toda a sua vida? –, perspectiva que já igualmente descobrimos desde outras vertentes ...

V – Como estaremos recordados, a *Vida de D. Leão de Noronha* foi, como qualquer obra hagiográfica, escrita para fixar, preservando-a do seu

³⁰⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 105r.

³⁰⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 106r-106v: "a parte do evangelho esta uma capella de abobeda e bem fichada de pedraria e nas chaves esculpidas as armas da familia dos Noronhas de Portugal e de Castella. A invocação he do Apostolo e patram S. Tiago da boa pintura a qual o tempo pella humidade da pedraria tem desbotado. Nella se mandou sepultar Dom Leam como sua que hera e de seu solar em campa rasa..."

³⁰⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 105r-105v conta a *legenda* dos Mártires de Marrocos que por Alenquer passaram, e a fol. 112v-113r traz a história do "Santo noviço" a quem a Virgem Maria revelou que a oração que mais lhe agradava era o hino *O Gloriosa Domina* e em prova desta verdade mudou na sua imagem, diante da qual rezava esse noviço, o Menino Jesus de um braço para o outro. Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica*..., ed. cit., I, 1, 19, 87-89, citando o *De Conformitate*..., as *Crônicas* de Fr. Marcos de Lisboa..., o *Agiológico Lusitano* por referências bibliográficas.

³⁰⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 106r-106v. Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica*..., I, 1, 10, 67, também se refere a esta semelhança ainda que de forma mais resumida..

³⁰⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 106v-107r.

³¹⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 106r.

total desaparecimento, a memória da sua santidade que tinha chegado até aos dias de Jerónimo de Melo, isto é, o "que achamos na memoria dos velhos que virão, e conhecerão, e por tradição de pessoas muy calificadas que por memoria lhe ficarão de seus paes e avos, e outras que forão de muita edificação"³¹¹. Sem esse esforço de recolha de testemunhos ter-se-ia perdido essa memória, estamos em crer, para sempre, já que, como teremos ocasião de referir, os testemunhos "literários" sobre esse que muitos portugueses dos séculos XVI e XVII tiveram por santo são, como tentaremos insinuar, escassíssimos e extremamente parcos. O *Agiolôgio Lusitano*, por exemplo, depende confessadamente desse trabalho de Jerónimo de Melo e, talvez, mesmo do bom relacionamento dos dois autores.

Apesar de termos ido anotando algumas das fontes dessa memória que transmitiam, prolongando-a, a *fama sanctitatis* desse senhor e cortesão de Quinhentos, talvez terá interesse repassar e completar essas fontes, ganhando assim, possivelmente, não só uma visão do seu conjunto, mas também da sua homogeneidade e das suas solidariedades..., o que poderá desde já insinuar a homogeneidade e as solidariedades do grupo em que, directa ou indirectamente, ressoava ainda essa *fama*... E as limitações de tudo.

Se, como já sabemos, muito se perdeu, também muito dessa *fama sanctitatis* continuava ainda vivo pelos anos dos começos do século XVII em que o hagiógrafo terá encetado o seu trabalho de inquérito para recolher tradições, testemunhos directos de quem ainda conheceu esse "veneravel varam", relíquias e até consultar alguns fragmentos de escritos seus.

Dentro do que aqui poderemos entender por tradições teremos de ponderar as da própria família do santo que, como sabemos, era, por sangue e aliança matrimonial, a do hagiógrafo. Curiosamente, este, ao criticar o descuido na preservação da *fama sanctitatis* de D. Leão, refere em primeiro lugar a família: "e atéqui não houve pessoa de sua familia nem de obrigação, nem de curiosidade que se possesse a esta empresa" de salvar o que ainda restava dessa *fama*...³¹². E, talvez, a família merecesse esse destaque na sua crítica, já que, em certa medida, seria ela o natural e certamente o maior depositário da memória que suportava essa *fama*.... Sem falar nos amplos círculos dos parentes mais longínquos – uma distância mais nossa do que das relações de parentesco nobiliárquico do *Ancient Régime*... –, convirá recordar que se D. Leão apenas de seu filho, D. Tomás de Noronha, teve descendência, já que a sua filha natural, D. Ângela de Meneses, professou no mosteiro de Jesus em Aveiro, essa foi uma larga descendência, pois D.

³¹¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 10v-11r.

³¹² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 11r.

Tomás e sua mulher D. Helena da Silva tiveram treze filhos que, com alianças de destaque, alargaram o círculo familiar próximo. E foi deste círculo, a que pertencia a sua mulher, que Jerónimo de Melo terá logrado informações e pistas. Embora – compreensivelmente – nunca refira essa fonte, podemos suspeitar que certos factos provêm do círculo familiar mais íntimo – o filho, D. Tomás, os netos, com destaque para o mais velho, D. Marcos, D. Maria de Noronha, mulher do hagiógrafo – a que se refere com mais ou menos extensão. O que conta, por exemplo, para provar que D. Leão rezava durante a noite "com o alaude em toando salpmos ainda que tangia bem nam hera a voz em toada nem branda" – "Hua noute que sua nora e seu filho foram seus hospedes ouvindo de noute as dez oras a musica despertou ella seu marido como que tinha medo: Senhor, que ouço, D. Thomas? como elle hera da casa e sabia o que hera, respondeu rindo-se: he meu pai que está dando musica a Nosso Senhor"³¹³ – é altamente provável que deverá ter origem nesse núcleo familiar mais restrito bem informado de reacções, gestos, palavras do santo. O mesmo se poderia dizer da fortuna de D. Leão..., de muitas das suas despesas..., das heranças que recebeu seu filho..., dos bens que herdou cada um dos seus netos..., etc. As palavras de D. Gileanes da Costa sobre a poderosa intercessão de D. Leão junto de Deus..., o relato da cena passada entre D. Gileanes, a rainha Catarina de Áustria e D. Leão por causa de um ladrão pobre, poderão também derivar deste núcleo, e, talvez, com maior razão, já que D. Gileanes da Costa era sogro de D. Tomás de Noronha e, portanto, avô de D. Maria de Noronha, a mulher de Jerónimo de Melo... E não devíamos esquecer que D. Helena da Silva sobreviveu vinte e dois anos a D. Tomás, seu marido³¹⁴, o que pode muito bem ter feito dela uma informadora excepcional...³¹⁵. Seria até possível que os dois milagres ocorridos em sua casa – o do trigo e o da carne para os pobres – possam ter a mesma fonte, ainda que, nestes casos, não sejam de esquecer os criados que ainda puderam informar Jerónimo de Melo. De qualquer modo, gostamos de imaginar que ao encontrar o hagiógrafo a família encontrou o seu santo.

Mas ao lado desta tradição familiar teremos que colocar os que conheciam a fama da santidade de D. Leão por pura tradição, quer dizer, por lha ter afirmado gente de crédito que conheceu o santo e, em algum caso, foi mesmo testemunha de um milagre seu.... Estão neste caso, por exemplo, as freiras do Salvador que viram o milagre da transformação da moeda de cobre de real e meio em outra de mil reis de ouro. Como recordaremos, "chegouce

313 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 69v-70r.

314 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 31r.

315 Poderíamos até perguntar se não terá sido D. Helena da Silva a contar ao hagiógrafo o hábito de D. Leão de rezar com música durante a noite e, consequentemente, o medo que tal lhe causou, já que foi precisamente com ela que tal se passou.

hum pobre a elle estando as madres à grade do coro que o ouviram e as que hoje vivem o ouviram dizer as ditas madres antiguas ...". Uma dessas das que "hoje vivem" foi Soror Maria Bautista, no século D. Maria da Silva, que aí professou em 1586³¹⁶, autora do *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa* (Lisboa, 1618), obra que, como já ficou assinalado, Jerónimo de Melo cita na digressão sobre o mesmo mosteiro a propósito do milagre que acabámos de referir.... Com efeito, "ella o ouvira a sua tia a madre Margarida Loba que foi huma das que ouviram..."³¹⁷. Não sabemos se o hagiógrafo recebeu algumas informações do mosteiro de Jesus de Aveiro onde, como estaremos lembrados, viviam a Madre D. Brites de Meneses, irmã do "veneravel varam", cuja virtude lembra Fr. Luis de Sousa na *História de S. Domingos*³¹⁸, e a Madre D. Ângela de Meneses³¹⁹, filha natural de D. Leão, mas, mesmo que nos faltem dados precisos sobre a fama de santidade de D. Leão nesse meio dominicano, será sempre interessante notar não só que essas religiosas se definem, antes de mais, por referência às grandes virtudes de D. Leão, mas também que é na igreja de um mosteiro dominicano de que é padroeiro que tem lugar um dos seus milagres..., o que, além do mais, pode ter transformado essa casa num centro de divulgação da sua santidade – as madres antigas não o contariam apenas às madres mais novas... –, tal como dela conservou a fama...

Curiosamente, como já sabemos, os testemunhos directos mais autorizados sobre a *sanctitatis fama* de D. Leão provêm também de outros círculos dominicanos. Com efeito, Fr. Luis de Soutomaior, de quem Jerónimo de Melo tece, como já sabemos, um rasgado elogio da sua vida e letras repassado de gratidão, disse ao seu antigo discípulo e correspondente que "era D. Leão hum grande santo e muito seu amigo e muito douto"³²⁰. Pela mesma opinião afinava Fr. João de Valadares, antigo prior de S. Domingos de Lisboa, que também disse ao hagiógrafo que "D. Leam alem da sua muita virtude e santidade era tam subtil estudante e engenhoso"³²¹....

Derivadas de um conhecimento directo ou indirecto, são informações preciosas as destas dominicanas, já que nos confirmam os círculos espirituais em que – em diferentes momentos, mas em datas relativamente próximas e, logo, com contiguidade geracional – se moviam

³¹⁶ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., III, 421.

³¹⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 98r.

³¹⁸ Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, ed. cit., II, 4, 18, 358.

³¹⁹ Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, ed. cit., II, 4, 22, 374-376,

³²⁰ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90r.

³²¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 90v.

quer D. Leão quer o seu hagiógrafo, círculos esses que, tal como tinham conhecido o santo D. Leão em vida, o reconheciam agora e – como parecem autorizar algumas sugestões que ficaram feitas – contribuiriam para divulgar a fama da sua santidade ainda no primeiro quarto do século XVII.

Naturalmente, os seus antigos criados foram testemunhas relevantes para certos aspectos da vida de D. Leão – o seu amor aos pobres e a sua oração vocal. Mesmo se nem todos, como aludimos, provariam que "a boa doutrina pegasse muito bem aos criados quando os senhores são taes" como D. Leão³²², sabemos que contavam "seus creados os que vivem que era tanta a confiança que os pobres tinham demtrarem por sua casa que os não defferençava ja, porque tudo hera hum e assim lhes nam tinham porta...". Jerónimo de Melo, como já vimos e teremos ocasião de precisar, citará, a este propósito, o testemunho de um antigo pagem que, ao tempo da informação, era um dos mais autorizados ministros reais... Também "dous creados seus, homens principais daquelle lugar [Arruda], Francisco da Fonseca que pouco ha he morto, Fernam Teixeira que hinda hoje vive" afirmavam " que de contino estava de giolhos e os tinha tam duros como camelos"...³²³. Embora estes testemunhos se reportem ao tempo da peste de 1569-1571, ocasião em que, retirado na Arruda, redobrou o tempo de oração e a caridade, parecem ser, para além de comprovativos da sua fama de santo, significativos dos aspectos dessa santidade que mais se diria terem impressionado os seus servidores. Se por essas "pessoas de sua caza que ainda hoje vivem" pudermos entender igualmente antigos criados, certamente poderemos também aceitar que deles deriva a informação do peso dos livros com que D. Leão andava... Então, o que nos pode parecer uma certa incoerência de informação – e assim o sugerimos já –, talvez não passe da incapacidade dessas pessoas de traduzir, confundindo tempo e livros, a sua admiração pelo seu penitente senhor...

Poderá ser nesta mesma linha que se deva interpretar o que contava "João de Paiva, alcayde daquelle tempo que pouco ha que morreo escrivão nesta cidade do civel" sobre um encontro seu, no Rossio, com D. Leão quando este, uma noite, sem qualquer companhia que autorizasse a sua pessoa e "com hua trouxa de pano as costas", recusou o honroso acompanhamento do alcaide e dos seus homens dizendo: "a parte onde vou, so eu posso ir, que quem me leva me guardará". E se o hagiógrafo interpreta os gestos e as palavras de D. Leão como demonstração da humildade e ânimo dos santos³²⁴, também "o alcayde em publico o dizia onde quer que se

322 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 17r.

323 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 100r.

324 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 36r.

achava". E, seguramente, continuando a não esconder o seu espanto, espanto que foi, desde a primeira hora, o seu modo de sublinhar a santidade desse grande fidalgo: "Chega e conhece a D. Leão, deitou a vara em terra, posse de joelhos e disse: Senhor D. Leão, este sois vos?"³²⁵.

A memória da santidade de D. Leão continuava viva em Vitória Lourenço, uma mulher – assim, sem mais – que "ainda hoje vive" e "viu com os seus olhos e [...] conta" o milagre da cura do pobre aleijado à porta da igreja do mosteiro do Salvador...³²⁶. Poderemos aceitar que esta mulher, quase anónima, nos aproxima de uma zona social – a dos pobres – em que a fama de santidade de D. Leão continuaria viva? Talvez, pois nada estranharia que assim tenha sido, já que neles e por eles fez D. Leão os milagres conhecidos. E poderia até dar-se que essa Vitória Lourenço fosse também uma pobre, uma pobre como aquelas entre as quais D. Branca ouvia missa em S. Domingos. Muito mais não seria, dada a falta de qualquer adjetivo... Se assim tivesse sido – o que evidentemente nunca poderemos saber – seria mais fácil de visionar o mundo alargado em que corria a fama de santo de D. Leão... Um mundo não muito conveniente... para a fama dos santos... Que o diga um Bento José Labre³²⁷.

Poderá ser ainda interessante anotar, uma vez mais, que "a gente do povo [da Arruda] o queriam na sua igreja nam chamando mais que pelo santo"³²⁸. É um testemunho da *vox populi* da pequena vila onde morreu, mas do qual não sabemos a origem, embora possamos suspeitar que os criados, entre eles os que acima ficaram nomeados, corroborariam a família.

Estas são – esperemos que não tenhamos esquecido alguma – as referências do hagiógrafo que nos garantem que a recordação da santidade de D. Leão estava viva nos começos do século XVII, cerca de trinta – um máximo de cinquenta – anos depois da sua morte, entre os que ainda o puderam conhecer. Todos, porém, de qualquer modo, nos descobrem a fama de que, obviamente, gozou no seu tempo... E pelos vistos, a crer no hagiógrafo e parente, maior do que estas poucas "memórias", por muito vivas e unânimes que se revelem, poderiam deixar perceber... Se, como sabemos, tanto dessa memória se perdeu por culpa do tempo e dos homens.

Parece, então, legítimo tentar precisar um pouco melhor, mesmo se apenas fiados na palavra do hagiógrafo, alguns outros testemunhos da fama

³²⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 36v.

³²⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 98v.

³²⁷ Agnes de la GORCE, *Un Povero che trovò la Gioia. San Benedetto Giuseppe Labre*, Roma, 1994, representa, apesar dos anos (1ª ed., Paris, 1936) uma inteligente e acessível introdução biográfica a essa fascinante personalidade.

³²⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 95r.

de santo que em seus dias envolveu esse cortesão descendente dos reis de Castela e Portugal.... No tempo em que foi um santo vivo...

Seja, em primeiro lugar, a recordação, não sabemos através de que fontes, da veneração, devida ao convencimento que tinham da sua santidade, que João III e Catarina de Áustria tributavam a D. Leão. A D. Leão? A D. Leão e a D. Branca, pois, curiosamente, apesar das marcas de benevolência do *Piedoso* para com esse alto senhor da sua corte – defende-o, como vimos, em ocasiões em que no paço, por ignorância ou atrevimento, o querem ferir na sua honra..., comete-lhe delicadas missões de investigação de Justiça... – e das da rainha para com D. Branca, parece que os reis sempre os envolvem no mesmo halo de santidade... Mesmo que transmitindo uma visão altamente superlativada – a distância dos anos e a nostalgia da antiga corte portuguesa que, tão comum por estes anos, também atinge Jerónimo de Melo³²⁹, podem ajudar a explicá-la – será de ter em conta que "herão dos reys daquelle tempo tam estimados, que quando Elrey D. João o terceiro e a Rainha Dona Catherina de feliz memoria vierão dos passos da Ribeira desta cidade de Lisboa morar nos estaos do rocio della que agora serve de tribunal do Sancto officio, e tomarão a mudança por terem a Dona Branca por vizinha..."³³⁰. Igualmente desde esta perspectiva se compreende que, reiterando essa estima dos reis, o hagiógrafo precise que no paço "nam tinhaõ outro nome senam os santos".... E, como sabemos, se D. Leão parece ter pouco frequentado o paço real, D. Branca desde que "se detriminou seguir hum caminho mais seguro", isto é, se "converteu", nunca mais entrou no paço e, iludindo todos os estratagemas, sempre evitou encontrar-se com Catarina de Áustria. Teremos de reconhecer que estas manifestações de humildade, traduzidas no distanciamento do mundo da corte, não deixarariam de contribuir para fortalecer esse halo de santidade que envolvia esses esposos aos olhos dos reis e do mundo... E não foi esse, em grande parte, o objectivo da *Vida de D. Leão de Noronha*?

Outro testemunho recordado, talvez, mas não necessariamente, por tradição familiar, da fama de santidade de que gozou D. Leão em vida provém de D. Gileanes da Costa, avô materno da mulher de Jerónimo de

329 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*, fol. 33v invoca nostálgicamente o modo de viver da antiga nobreza de Portugal, acentuando, curiosamente, a simplicidade das "cerimónias" em contraste com o alto valor e trabalho da argentaria.; fol. 18v-19r traça o retrato de D. Tristão Coutinho, "notado nas cortesias, e cerimonias, creação de todos seus criados" a ponto de "sua caza hera [...] hua escholla de bons cortesies aonde toda a antigua policia portuguesa podia achar sua perfeição"; fol. 21v, a piedade como base da educação dos antigos príncipes portugueses; fol. 27r, que se pode "chorar por aquelle tempo" em que tal "hera a creação que os pais davam a seus filhos em toda a qualidade de pessoas, vendo-nos neste tam diferente daquelle". Um traço que une Jerónimo de Melo a Fr. Luis de Sousa, passando por Rodrigues Lobo.

330 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 14r-14v.

Melo. Esse grande senhor, que nem sempre se mostrava partidário das desculpas de D. Leão para com os pobres e ladrões, pretendendo que a Justiça seguisse o seu curso, tinha em alto conceito a santidade do sogro de sua filha, D. Helena da Silva. Como já referimos por diversa vezes, um dia em que tendo adoecido D. Tomás gravemente, ao saber que D. Leão e D. Branca se encontram em permanente oração, D. Gileanes, impedindo que se aplicassem mais remédios humanos ao genro, justifica-se dizendo: "bom medico temos diante de Deus e elle sahira com bom despacho. Santo he D. Leam sahira com bom despacho"³³¹. Não será difícil nem violento pensar que esse ministro e cortesão estimado de Catarina de Áustria não deixaria de contar o "bom despacho" da cura de D. Tomás por intercessão do santo que era seu pai.

Todas estas referências nos revelam, como, aliás, foi ficando sugerido, uma série de testemunhos de gente variada – familiares..., teólogos dominicanos..., freiras dominicanas..., criados (urbanos e rurais) de um grande senhor..., oficiais de Justiça..., uma mulher pouco mais que anónima..., gente do povo..., reis..., cortesãos... – para quem D. Leão foi e continuava a ser santo. Para os que tinham conhecido ou para os que o conheciam através de tradições diferentes – familiar ou de ordem religiosa –, ainda nesses anos em que se ia escrevendo, ele era um santo. E, estaremos de acordo com Jerónimo de Melo, se esses que ainda puderam testemunhar "não discreparão nas palavras nem na substancia" do que contavam, foi, como já sabemos desde o início, porque estavam "as memorias tam vivas"..., o que traduz a intensidade da recordação e da convicção. Mas um pouco mais de atenção pode revelar-nos que a maior parte dessa memória provém e nos remete para ambientes de corte, facto natural dado não só a alta prosápia do santo, o seu sereno empenho em defender os direitos que esse nascimento lhe conferia, e as relações familiares de que dependia e as alianças que estabeleceu. Mesmo que o não vejamos frequentar assiduamente o paço, vemo-lo ser chamado pelo rei..., assistir à mesa do soberano..., ir falar com D. Catarina de Áustria..., passear no Terreiro do Paço com o barão de Alvito..., casar o filho numa família altamente colocada no palácio..., etc., o que, certamente porque o dava por descontado, o hagiógrafo não sublinha senão do seu particular ponto de vista. O que, um dia – depois de 1557 –, o levou, uma vez mais, ao paço foi defender junto de Catarina de Áustria, então regente em nome de D. Sebastião, a causa de um pobre que tinha roubado de sua casa uma tapeçaria... Não interessa aqui que D. Gileanes, presente ao encontro, classificasse esse pano de parede como "um dos melhores" de D. Leão e este, para tirar valor ao furto, dissesse ser um dos que

³³¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 53v-54r.

até pagaria para lhe tirarem de casa... Importante será notar o papel que D. Leão desempenha – porque pode e quer – de elo entre esses dois mundos da mesma cidade, oferecendo aos desprotegidos – isto é, aos que estavam à margem da protecção do Poder que, como lembrava Francisco de Assis, eram, por definição, os pobres – o seu socorro, traduzido, muitas vezes, como neste caso, na sua defesa perante essa Lei, essa Lei que se gosta – geralmente quando convém – de mostrar cega.... Compreendemos melhor, talvez, agora que o hagiógrafo sublinhe que este cortesão preferisse outros "companheiros" que os cortesãos da corte... De qualquer modo, não era a memória destes que, por motivos vários, verdadeiramente interessaria para demonstrar que estava viva a *fama sanctitatis* de D. Leão.... O grupo de fiéis de que se quis, dada a sua importância, registar a memória era esse que analisámos e que, por variado que fosse, apelava, antes de mais à memória da corte – em amplo sentido, claro –, da antiga corte portuguesa onde essa santidade tinha sido vivida pela prática de virtudes – em grau heróico, cremos – e demonstrada por milagres que provavam que esse antigo cortesão era, como sempre tinha querido ser, "cortezão eterno"³³². E foi esse grupo, constituído antes de mais pelos seus familiares encabeçados pelo hagiógrafo, que se interessou, tardiamente, é certo, mas sabendo depois aproveitar o apoio que os dominicanos de S. Domingos e as dominicanas do Salvador – recordemos que não há referências a relações com outras ordens religiosas – tinham dado a D. Leão e renovavam no seu hagiógrafo e neto por afinidade, para fixar "literariamente" a fama da sua santidade. E depois difundiu-la? Talvez a *Vida de D. Leão de Noronha* tivesse até sido concebida com esta finalidade. Curiosamente, porém, estamos em crer que, com o correr dos anos, nem a *Vida de D. Leão de Noronha* nem a fama da santidade de D. Leão lograram impôr-se fora de círculos relativamente restritos centrados na sua família. Se o texto de Jerónimo de Melo não veio a ser impresso, o que, naturalmente, mermava a sua difusão e finalidade, Fr. Luis de Sousa e Fr. Manuel da Esperança que, nas respectivas crónicas, por diferentes motivos, aludem a D. Leão, pouco mais fazem, em textos que já citámos, que lembrar a sua devoção, penitência, virtude, prudência, riqueza... Esta, no entanto, não por referência aos pobres, mas, sim, pela "boa tença" que a Madre Ângela de Meneses (do Paraíso, em religião) recebia de seu pai, ainda que Fr. Luis de Sousa, a quem pertence a alusão, não deixe, como vimos, de exaltar a virtude da irmã e da filha de D. Leão, ambas dominicanas em Aveiro, por comparação com as "grandes virtudes" do irmão e do pai... O que não deixa de ser um modo de recordar essa fama de santidade... Relevemos, contudo, que o cronista dominicano afirma que, se a Madre Ângela do Paraíso

332 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 20r

"herdou de seu pai ser devota e penitente", "passou tanto adiante que o veio a deixar atrás..."³³³. Não confrontemos hagiógrafos... Será, como sabemos desde o início, no *Agiologo Lusitano* que D. Leão e D. Tomás receberão a recordação "eterna" da sua santidade...

VI – Como teremos reparado, Jerónimo de Melo fornece ao largo das suas páginas elementos preciosos para estudar a casa – a casa nas suas dimensões de unidade social (familiar e de representação) concebida como uma estrutura económica e ideológica nobiliárquica de um cortesão – e neste caso de um cortesão que era um santo – nos anos centrais da segunda metade do século XVI em Portugal. Muitos desses elementos – e até alguma dessas dimensões – ficaram já assinalados. Deste modo, poderemos passar os aspectos do "fausto" do seu "tratamento" – as suas tapeçarias..., a sua muita e excelente prata..., "as melhores mulas"..., os seus "bem pensados ginetes"..., os seus criados "tam ajustados a razaõ e ensinados"³³⁴..., a boa ordem da sua casa... "aonde toda a antiga policia portuguesa podia achar toda a perfeição", etc. – que, como vimos, dizem respeito, antes de mais, a essa "outra figura" que ele sabia representar e que, sempre que necessário, sem falsas modéstias, não se coibia de recordar. Grandeza de senhor e humildade de pessoa: uma variante dessa ideal aliança de nobreza e virtude que poderia, muito bem até, ser o eixo à volta do qual Jerónimo de Melo ordena, em larga medida, a sua biografia³³⁵. Aqui, agora, interessará, para além de completar com algum pormenor os dados já apresentados, precisar, sublinhando-a melhor, uma das dimensões da grande casa nobre de D. Leão que, como diz o hagiógrafo, "Deus Nosso Senhor tinha para outro fim de maior gloria sua"³³⁶: a sua função de centro ao serviço da sua caridade e misericórdia. Da acentuação desta perspectiva deverá resultar – pelo menos, assim o cremos – um contraste que, apesar da discrição do hagiógrafo, nem por isso é menos evidente, entre D. Leão e outros senhores do seu tempo, mesmo de alguns que, embora anónimos, sabemos terem sido seus amigos.

³³³ Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, ed. cit., II, 4, 22, 374.

³³⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 25v.

³³⁵ Claudio DONATI, *L'Ídea di Nobiltà in Italia...*, ed. cit., 93-94, anota, uma vez mais, quanto o tópico da virtude como fundamento da nobreza fosse um princípio caro em ambientes de qualquer modo ligados ao Humanismo renascimental, mas – atrevemo-nos a propor – poderia sugerir-se como por estas datas da segunda metade de Quinhentos a recuperação da Virtude como base da Nobreza possa ter funcionado como um meio – um meio mais, naturalmente – de "homogeneizar" mais profundamente um já religiosamente homogeneizado sector nobiliárquico. Com efeito, fazendo-se apelo a esse fundamento, exaltava-se a Virtude e apelava-se às suas dimensões religiosas vividas em ambiente católico-romano.

³³⁶ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 19r.

Recordaremos que "todo o seu exercício hera entre pobres"? Então, recordaremos também que os procurava pelos arcos do Rocio..., que os trazia para sua casa... Além destes, porém, que a misericórdia de D. Leão recolhia, o seu hagiógrafo aponta ainda que, porque a sua casa "hera hospital e hospedaria de todos os pobres e necessitados"³³⁷, vinham "muitos comer a sua casa"³³⁸... Que tinha na sua cozinha panela particular para os pobres e celeiro para o seu pão já o sabemos pelas referências de alguns milagres, tal como possuímos indícios de que também eram curados de suas chagas e doenças, muitas vezes pela mão do próprio santo, embora não saibamos como se ajustou esta assistência em sua casa com aquela mais vasta que organizou em Lisboa... Tudo, porém, parece indicar que nessas três zonas em que dividiu a cidade se atendia predominantemente aos cuidados de saúde dos pobres..., enquanto em sua casa se lhes dava, principalmente, de comer... Mas, neste quadro que acabámos de recordar, importará sublinhar, como ainda podiam lembrar alguns criados a Jerónimo de Melo, que "hera tanta a confiança que os pobres tinham demtrarem por sua casa que os não defferençava ja porque tudo hera hum"..., entendamos, que D. Leão não distinguia criados de pobres, afirmação hiperbólica, certamente, atinente a subinhar tanto o seu número, como a estima que deles fazia o senhor da casa – por algo a criados e pobres chamava "companheiros" – e essa comunidade evangélica – "tudo hera hum" – que essa fórmula de tratamento pode querer sugerir e o hagiógrafo, efectivamente, propõe, como vimos, em várias ocasiões, como o modelo, organizado pela Caridade, da casa de D. Leão. Consequência de tudo isto – e, esperemos que não seja uma fantasia pensá-lo, de ordens nesse sentido, evidentemente –, era o facto que os criados, como muitos deles ainda vivos testemunhavam, "lhes nam tinham porta"³³⁹. Deste modo, entrariam todos os pobres que o fossem – os pobres verdadeiros – e os que não seriam tanto, distinção que a época, com graves polémicas, se viu obrigada a reforçar e, talvez, mesmo a reformular³⁴⁰. E que assim era, pode aceitar-se nos casos de gente que, vendo a porta franca, entrava para roubar, situações que D. Leão se esforçava, por todos os meios, em reduzir a situações de extrema necessidade que autorizam o roubo.... Recordemos que em um dos casos, passado com um antigo pagem que, pelos anos em que testemunha, era esse autorizado ministro real que, por diversas vezes, já referimos, D. Leão, perante os protestos do pagem a quem "hum homem em trajço de pobre" tinha roubado a cama e, dizendo-o ladrão, o queria manter

337 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 27v.

338 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33v.

339 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 40r, 41v.

340 Foi a distinção que, face a leis e controvérsias, se viu "obrigado" a aceitar Fr. Domingo Soto, como testemunha a sua *Deliberación en la Causa de los Pobres...*

preso, lhe dizia: "nam sabes moço que este nosso irmão nam tem o nome que lhe pons senam he muito pobre e esta em grande necessidade e muita urgencia e neste caso pode tomar o que ouver necessidade e assim nam furto" ...³⁴¹. Um outro caso, já em diferentes momentos recordado, foi o do ladrão de um pano de armar da casa e cuja prisão obrigou D. Leão a remover céus e terra – passando pelo paço real onde a rainha não acabava de entender o que pretendia – para o conseguir libertar... Os argumentos de D. Leão – "que chorou muitas lagrimas e afligiu muito"³⁴² – eram os mesmos com uma variante ainda mais desculpabilizadora: "este homem estava doudo com a grande necessidade que padecia e penso levava o pano desta maneira..."³⁴³. Não interessam aqui as peripécias da libertação dos dois ladrões, mas interesse sublinhar que em ambos os casos as pesquisas vieram a confirmar que ambos eram realmente pobres..., como queria D. Leão, ele que, como vemos, nunca pretendeu "examinar" os pobres, quer dizer, distinguir *rigorosamente* os verdadeiros dos falsos...³⁴⁴. A sua imensa caridade – e a sua não menor misericórdia – só podia aceitar que todo o ladrão era um pobre... e – em louvor do santo, aceitemos um pouco de violência na interpretação – se o não era, deveria estar momentaneamente louco...

Em sua casa, os pobres, como acabámos de ver, eram não só alimentados e tratados, mas também iam para a mesa de D. Leão. Com efeito, dos que a sua casa vinham comer, mesmo que estivessem presentes outros hóspedes, como seu filho e nora³⁴⁵, "tinha hum mais mendigo, e necessitado, e chagado, e ascaroso, e este punha a sua mesa todos os dias, a quem chamava companheiro, e igualmente partia pello meio o que tomava para sy no prato, e perguntava-lhe se lhe sabia bem, respondia-lhe o pobre que sim, e elle levantava os olhos e mãos ao Ceo, dava graças a Deos porque sabia bem o comer a seu companheiro. Servia-os com muita limpeza, e authoridade, e assistencia de seus criados como se costumava com bem

³⁴¹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 42r.

³⁴² J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 42r.

³⁴³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 42r.

³⁴⁴ Fr. Domingo SOTO, *Deliberación en la Causa de los Pobres*, ed. cit., 72: "porque a la verdad poner tantos ojos y tantos ejecutores contra los pobres, que no tengan otro negocio sino escudriñarlos y acusarlos y examinarlos, no parece nacer tanto del amor y misericordia de los verdaderos pobres como de algun odio o hastio de todo este miserable estado."; 75: "... en duda si uno es pobre o no, antes en favor de la pobreza se hade aprobar por pobre que en favor de la Justicia reprobarse por no pobre."; 94: "Volviendo al articulo cuarto [da *Instrucción*] donde se ordena que a nadie le den cédula ni permitan pedir limosna sin que primero se confiese como manda la Iglesia, en esto más fácil me será confesar mi poco saber, que persuadirme a que tanto rigor sea justo ni lícito". O que parece estar em causa é, efectivamente, um rigor de distinção que acabaria por coactar a liberdade de pedir e a liberdade de dar.

³⁴⁵ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33r.

diferentes cerimónias que hoje"...³⁴⁶. O texto, centrando a atenção no tratamento de hóspede que dava a esse pobre mendigo – atenção que introduz à questão da hospitalidade tão cara às Escrituras como aos Padres, como explica Fr. Domingo Soto³⁴⁷ – cremos, dispensa qualquer comentário e permite assinalar, como, aliás, faz imediatamente Jerónimo de Melo, que "a todos os mais pobres ajudava e curava e não lhe faltava a limpar-lhe as chagas com sua boca..."³⁴⁸, como se viu num dos escravos que da casa de sua irmã, D. Joana de Castro, em Valladolid, vieram para Lisboa, o qual "muito doente, e ascaroso, e chagado, tal que nenhum dos seus criados se atreveu a ser seu enfermeiro. D. Leão o tomou a sua conta, e o tratava curava e alimpava, e visitava e levava de comer como se fosse hum príncipe, e animava a paciência com a alegria que de contínuo mostrava nestas obras..."³⁴⁹. À primeira vista, alguns passos da *legenda* de S. Francisco poderiam ser o espelho em que se revia o antigo noviço de Santa Catarina da Carnota..., mas todos eles nos remetem para uma tradição patrística que o século XVI – algum século XVI, talvez melhor – que se ocupou dos pobres gostou de fazer sua³⁵⁰.... Recordemos os incitamentos de S. João Crisóstomo a que os ricos sentem os pobres à sua mesa³⁵¹... ou os elogios que S. Jerónimo faz a Oceano da caridade dessa grande dama Fabiola³⁵²... e alinhemos nesta tradição tanto os gestos e palavras de D. Leão como as críticas de um Fr. Alonso Cabrera, um dominicano que, apesar de mais novo

346 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33v. Independentemente dos tempos e lugares, mas bem significativo desse não "exame de pobres" por que, ao parecer, se regia D. Leão, é interessante anotar a conclusão de C. PÉREZ de HERRERA, *Amparo de Pobres*, ed. cit., 59: "...sabiendo y teniendo certidumbre que son verdaderos pobres con la señal que traerán, y aprobación del dicho administrador, justicia y diputados [...] cualquier hombre honrado y cristiano se holgará de llevar a su casa a comer algunos destes pobres verdaderos – que pienso que no lo hacer por agora, ni hasta aquí muchas veces, es por la poca satisfacción que se tiene de su manera de vivir y personas – y los socorrerán con camas..."

347 Fr. Domingo SOTO, *Deliberación en la Causa de los Pobres*, ed. cit., 39-40.

348 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33v.

349 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 34r.

350 *A Deliberación en la Causa de los Pobres...* de Fr. Domingo Soto é de tal elaboração um bom exemplo, tanto melhor se, também sob este aspecto, o compararmos com *De la Orden que en algunos Pueblos de España se ha puesto en la Limosna, para Remedio de los Verdaderos Pobres*, Salamanca, 1545, de Fr. Juan de Robles ou de Medina, O.S.B.

351 José Ignacio GONZÁLEZ FAUS, *Vicari di Cristo...*, ed. cit., 40-41.

352 S. JERÓNIMO, *Cartas* (edición bilingüe, por D. Ruiz Bueno), Madrid, 1962, 725-726: "Así, ella fue la primera que fundó un *nosocomion*, u hospital, para recoger los enfermos de las plazas y restablecer los miembros de los miserables consumidos de dolencias y hambre. [...] Cuántas veces no cargó sobre sus hombros a miserables consumidos por la ictericia y la gangrena! Cuántas no lavó con sus manos la materia purulenta de las llagas, que otro no se hubiera atrevido a mirar! Por sus propias manos servía las comidas, y a pequeños sorbos, hacía beber a aquellos cadáveres vivientes. Sé muy bien que mucha gente rica y temerosa de Dios, por las bascas de su estómago, practican esas obras de misericordia por ministerio ajeno. Son clementes con su dinero, no con su mano."

que D. Leão, prega ainda pelos mesmos dias na Península Ibérica de Filipe II³⁵³.

Consideremos, finalmente, o caso daquela parturiente que, encontrada na rua e confessando que "seu trato athe ali fora com peccado mortal", D. Leão, com suma discricção, porque, além do mais, havia hóspedes em casa, "meteu a pobre em seu estudo honde tinha hua grande livraria e Christo crucificado"... Orando D. Leão diante desse crucifixo pela pobre, para quem antes tinha sido chamado o confessor, deu ela à luz um filho a quem o "santo varam" ajudou a criar e "deu volta a vida"...³⁵⁴.

Se a este último caso que nos remete para a prostituição, juntarmos os dos pobres ladrões – façamos uma síntese entre os pontos de vista de D. Leão e os dos seus criados... –, o dos esfomeados..., o dos escravos velhos que vêm de Valhadolid a Lisboa..., o dos cegos e aleijados que vimos à porta das igrejas, mas que também entrariam pela porta da casa..., e todos esses chagados e asquerosos que sentava à sua mesa..., temos um leve esboço desse sub-mundo social – os pobres, sem mais – cujo cuidado era o "exercício" de D. Leão... Um sub-mundo de que, a acreditar em decretos e pregadores, todos tinham repugnância e medo... E ninguém protegia... Ninguém? As leis, mesmo as da pedagogia – sobretudo a do medo –, têm, quase sempre, uma infosfismável dimensão retórica... e, por isso, nesse ninguém haveremos de ler muito poucos, esses muito poucos – homens e mulheres – que, tantas vezes, vemos recordados em vidas e dedicatórias³⁵⁵. D. Leão, a seguirmos a voz do seu hagiógrafo e as vozes de que se faz eco, terá sido um desses e um dos grandes cuja casa esteve, mais além do que exigiam as tradições de que o seu tempo nobiliárquico prudentemente se reclamava, evangelicamente ao serviço dos pobres.

Seria, contudo, um erro – que o hagiógrafo não comete – reduzir esse "exercício" da vida activa de D. Leão – que é efectivamente do que se trata – apenas a um socorro material. Este era, como se depreende da

³⁵³ Fr. Alonso CABRERA, O.P., *Sermones* (Con un Discurso Preliminar de Don Miguel Mir), Madrid, 1930, 49 (*Consideraciones del Jueves despues de la Ceniza*, 4).

³⁵⁴ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 39v-40r.

³⁵⁵ Tomemos por exemplos, bem diferenciados cronologicamente, a dedicatória de Francisco de Monzón no seu *Norte de Idiotas adonde se trata un exercicio muy spiritual y provechoso* (Lisboa, 1563) a "D. Maria da Silva, mulher de Francisco de Sousa Tavares": "... esa vuestra casa es un hospital de pobres, y mesón de peregrinos, adonde se exercitan las obras de la vida activa con toda caridad..." e a de Fr. Luis de Apresentação (ou de Mértola), O.C. no *Excellencias da Misericordia e Fructos da Esmola* (Lisboa, 1625) a D. Maria de Távora onde recorda a caridade de seu defunto marido, o Comendador-Mor de Cristo, D. Afonso de Lencastre: "... Que pobre ouve jamais que achasse no senhor Comendador Mor má resposta, não só sendo Provedor da Misericordia, mas antes e depois? Quantas vezes se levantava da mesa para dar audiencia aos pobres e deferir a suas petições? Mas que muito fizesse isto quem a toda a hora da noite por chuvas e por frios perdia seu repouso para acompanhar o Santissimo Sacramento?".

exposição de Jerónimo de Melo, o seu primeiro cuidado..., mas terão ficado assinaladas outras dimensões – desde a leitura ao ensino da doutrina – desse socorro de pobres que foi a sua vida. Convém recordá-las aqui, já que também se passavam em sua casa....

A leitura à mesa – uma prática ainda relativamente vulgar nestes dias³⁵⁶ –, se dirigida a todos os presentes, dir-se-ia ter, dado o contexto em que vem referida, como principais destinatários os criados e, muito especialmente, os pobres que nela participavam. Mas, como sabemos, estes pobres à mesa de D. Leão reduziam-se, geralmente, a um, esse mais miserável dos que vinham comer a sua casa. Independentemente de tal leitura também poder ser feita a esses outros pobres, a interpretação que propusemos derivará de uma leitura demasiadamente literal das afirmações de Jerónimo de Melo. Efectivamente, se este refere essas leituras de "vidas dos santos e outros livros espirituais"³⁵⁷ no preciso contexto de exaltação de D. Leão pelo cuidado e atenção que votava ao pobre que sentava à sua mesa, é para mostrar de que ambiente participava, em pé de igualdade, esse hóspede. Com efeito, é à mesa desse senhor, servido por muitos criados e com excelente ordem e "com bem diferentes cerimonias que hoje" e "tudo com muita promptidão, silencio" que têm lugar essas leituras, o que conferia a esses momentos o tom de "hum refeitório de religiosos muito reformados"...³⁵⁸. Neste ambiente "religioso" em que esse convidado pobre sublinha, de certo modo, com a sua presença – será violento sugerir-lo, mesmo que o hagiógrafo não o explicita? –, uma implícita dimensão cristocêntrica ... Se D. Leão no pobre sempre via Deus...

Em relação com este ambiente de leituras em sua casa – não esqueçamos os seus "cinco mil volumes"... –, seria muito interessante poder, algum dia, aprofundar, com a ajuda de outra documentação, o sentido – e, se possível, as dimensões – do que afirma, com alguma ambiguidade e, talvez, maior silêncio, o hagiógrafo: "tinha escola desta theologia [da oração] e nam lhe faltavam discipulos de toda a sorte"³⁵⁹. Aqui não podemos fazer mais do que reiterar a sugestão que fizemos de nessa afirmação ver uma alusão a reuniões de gente espiritual nem sempre bem vistas pelas autoridades

³⁵⁶ Seria interessante poder, algum dia, determinar quando se foi acabando esta prática entre nós, pois para uma França, C. Fleury já parece falar no passado quando recorda em *Moeurs des Chrétiens* (Paris, 1682): "Les fidèles étudioient encore la loi de Dieu, chacun en son particulier et la méditoient jour et nuit. Il relisoient dans leur maison. [...] sur-tout les pères avoient soin de faire répétition dans leurs familles : car chacun dans la sienne étoit comme un pasteur particulier, qui présidoit aux prières et aux lectures domestiques, instruisoit sa femme, ses enfants et ses serviteurs..." (cit. pela ed. de Paris, 1771,189).

³⁵⁷ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33v.

³⁵⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 33v.

³⁵⁹ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 48r.

eclesiásticas e, menos ainda, pelas inquisitoriais... Se assim puder ser, a casa de D. Leão ao Rossio era, como a de F. de Sousa Tavares..., dos Paivas de Andrade..., do duque de Aveiro..., uma mais em Lisboa onde havia reuniões de gente espiritual e devota e, se assim tiver sido, é este um silêncio não menos intrigante que outros que cruzam a *Vida de D. Leão de Noronha*...

Mais directamente relacionado com esse mundo da pobreza – uma pobreza feita também de ignorância em matéria de doutrina cristã, uma dimensão sempre sublinhada pelos que se ocupavam do socorro dos pobres³⁶⁰ – está, precisamente, o cuidado que D. Leão punha em lhes "ensina[r] a doutrina christam e a confesar e os animava para isso..."³⁶¹. Em Lisboa? Também na Arruda...³⁶². Só aos pobres? Também aos lavradores "nas suas quintas", a esses a quem, mais tarde, D. Tomás de Noronha também há-de ler o *Flos Sanctorum*...³⁶³. A uns e outros, em Lisboa e no campo, D. Leão, "se havia jubileos lhe declarava as indulgencias que sua santidade concedia aos fieis com lhes abrir os thesouros da Igreja, os persuadia a confissão e comunhão, ensinava-os a rezar como havião de ganhar as santas indulgências..."³⁶⁴, actividade que, em sua escala, reflecte todas as preocupações tridentinas de doutrinação e disciplinamento – também para os pobres, evidentemente, como resulta dos *Discursos* de Pérez de Herrera –, preocupações que, em seus dias, entre nós, jesuítas e dominicanos se esforçavam por levar a cabo³⁶⁵ e que o estilo do hagiógrafo não fará mais que acentuar... A preocupação pelos pobres – da assistência material à assistência espiritual – terá, desse modo, de ser considerada um aspecto, geralmente pouco acentuado, das correntes do sentimento religioso de Quinhentos – e de depois, naturalmente – a que o número de mendigos e miseráveis, tornando mais premente essa preocupação e explicitando dimensões novas a um eterno problema, conferia um contexto insofismável não só para a busca de soluções, mas também para o aprofundamento, em clima de releitura de velhos textos patrísticos, da dimensão cristocêntrica do

360 José Adriano de Freitas CARVALHO, *Pauperismo e Sensibilidade Social em Espanha nos Fins do Século XVI*, in *Rev. Fac. Letras da Univ. do Porto, Série Filologia*, 1 (1974), 28-29.

361 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 33v.

362 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 100r.

363 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 108v. Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, ed. cit. II, 483, aponta que também Afonso Fernandez Barbus, o nobre ferreiro de Penafiel, "aos Domingos, e Sanctos, passada a cêsta, convocava os amigos, e vizinhos a hum terreiro, onde lia em vóz alta, e intelligivel a lenda do Sancto d'aquelle dia, debulhando-se todo em lagrimas, quando era Martyr, vendo o rigor, e furia dos tyranos, a constancia, e paciencia dos cavalleiros de Christo".

364 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 34v.

365 J. S. da Silva DIAS, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*..., ed. cit., 165, 492; John W. O'MALLEY, *The First Jesuits*, Cambridge (Mass.), London, 1993 apresenta uma boa síntese desta perspectiva no cap. 5 ("Works of Mercy"), 165-199.

pobre. Os sermões de Alonso Cabrera, O.P. podiam documentá-lo e, à sua maneira, como vimos, também a *Vida de D. Leão de Noronha...* E isto em dias em que a "dessacralização do mendigo" – em que coincidiriam orientações de algum "humanismo cristão" e teses de Reformadores³⁶⁶ –, se ia impondo ao ritmo do agudizar das dificuldades económicas e sociais na Península Ibérica dos fins do século XVI³⁶⁷.

Apesar do que acabámos de sugerir, a casa de D. Leão, desde o ponto de vista sob que temos vindo a considerá-la – um centro ao serviço dos pobres –, se não foi única, ofereceria, tal como o seu senhor, um contraste com a prática corrente no grupo nobiliárquico e cortesão a que pertencia. É, até certo ponto, o que Jerónimo de Melo pretende demonstrar quando recorda, a propósito do cuidado que punha D. Leão em lembrar aos pobres e lavradores jubileus e indulgências, que os seus caseiros "tinhão elles graça que dizião que querião antes a casa de Dom fulano (hera este hum fidalgo seu amigo e dos mais graves ministros daquelle tempo e embaixador que tinha sido de Alemanha ao imperador, veador da fazenda de elrey, e do seu Conselho de Estado e de grande nome nestes reinos, e seu muito chegado em parentesco) que lhe perguntava por suas lavouras, cazas e gados [...] e Dom Leão tudo hera perguntar-lhe que pobres havia seus vezinhos, e se andavam contentes com o anno, que ganhassem jubileos, e que se aproveitassem bem daquellas graças, e se confessassem e comungassem, e não ficassem sem este bem, que não estivessem mal com os seus vizinhos, que ajudassem aos pobres como pudessem, e a noyte em suas cazas que rezassem seus rosarios..."³⁶⁸. Se a este texto – que não tem desperdício – juntarmos o que ficou registado sobre o espanto – que se transformou em veneração – de alguma testemunha por esse grande senhor que saía à noite sem qualquer acompanhamento... ou o que outros apontaram sobre esse cortesão que zelava pela honra do próximo e não recorria a graças do paço para a família ou criados... ou as suas reacções aos "atrevimentos", quando não afrontas, palacianas... teremos alguns bons motivos para aceitar que, como pretende Jerónimo de Melo, D. Leão era alguém que no grupo social em que se situava e se via situado

³⁶⁶ Michel CAVILLAC, Introd. a Cristóbal PÉREZ DE HERRERA, *Amparo de Pobres...*, ed. cit., LXXXI.

³⁶⁷ Michel CAVILLAC, Introd. a Cristóbal PÉREZ DE HERRERA, *Amparo de Pobres...*, ed. cit., CXXIX-CLXXIX ("La Coyuntura Finisecular y el Planteamiento de Cristóbal Pérez de Herrera"); Bartolomé Bennisar, *La España del Siglo de Oro...*, ed. cit., 211-216.

³⁶⁸ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, ed. cit., fol. 34v-35r. A descrição deste anónimo fidalgo corresponde quase pelas mesmas palavras à que dá J. de Melo na mesma *Vida...* (fol. 28v) de D. Gileanes da Costa: "D. Gileanes da Costa, fidalgo tam principal como foi notorio de quem os Reys fazião tanto cazo, hera elle vindo de Alemanha de Embaixador de Dom João o terceiro ao Emperador Carlos quinto, seu cunhado, e Veador de sua fazenda, pessoa muy calificada nestes Reinos, e gande amigo de Dom Leão".

contrastava exemplarmente... Heroicamente, se quisermos. É essa discrepância entre o modelo hagiográfico que resulta da biografia "heróica" de D. Leão e a prática corrente nos senhores do seu tempo que tece toda a *Vida de D. Leão de Noronha*...

VII – E é essa discrepância que a família tem de assumir como herança de alguém que, porque tudo vendeu para dar aos pobres, nada mais lhe deixou que o seu exemplo e a fama da sua santidade... Desde este ponto de vista ganha todo o sentido que o autor da *Vida de D. Leão de Noronha*, quase a modos de conclusão, exclame: "ditosa família que tem tal descendente que este só basta para ser o maior título que se pode aver para ficar engrandecida por ser o verdadeiro título de nobreza o da confiança" que têm os santos³⁶⁹. Naturalmente, este comentário diz apenas respeito ao hagiógrafo, mas, dada a sua estreita relação familiar com o "santo D. Leão", o cuidado – e o interesse – posto na preservação da memória da sua santidade – uma memória de que, como sabemos, a família não tinha até ali curado – pode bem representar – e, como assinalámos em seu momento, cremos representa – um investimento de uma família da grande nobreza na santidade de um dos seus membros como meio de reafirmação dessa posição em dias em que também entre nós se poderá assinalar "una sempre più netta omogeneizzazione ideologica di segno nobiliare delle diverse classi dominanti"...³⁷⁰. E esta perspectiva, que apenas pretende explicar o trabalho hagiográfico por parte de um parente próximo do santo, ganha algum conforto se recordarmos que, tendo vendido D. Leão quase todos os bens em socorro dos pobres, a grande fortuna de seu filho, D. Tomás, foi conseguida "sem haver para este acrescentamento nem mercês dos reys nem mercancia nem encomenda nem trato mais que o bom governo..."³⁷¹. E isto, como também já sabemos, tinha-o Jerónimo de Melo por "hum dos grandes milagres" de D. Leão, pois "a tudo abrange hum santo lá do Ceo, intercede e alcança muito"...³⁷². Deste modo, a *Vida de D. Leão de Noronha* oferecia aos seus leitores – à sua família, antes de mais – um modelo de perfeição de um santo de corte que, sem negar a corte e sem dela se servir, soube fazer-se "cortesão eterno". Foi o que a memória dos que ainda o conheceram ou conheceram gente que o conheceu, sublinhou ao testemunhar da sua *fama sanctitatis*... E desde este ponto de vista, essa biografia de um "santo" do século XVI português é, pese embora ao seu estilo pouco cuidado, um

369 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 104v.

370 Claudio DONATI, *L'Idée di Nobiltà in Italia*..., ed. cit., 93.

371 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 31v.

372 J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha*..., fol. 26v.

documento raro e precioso. Por outro lado, essa obra oferecia à sua família um registo dessa fama que, por sua vez, lhe garantia não só um protector, mas também, de certa forma, uma participação nessa santidade... Jerónimo de Melo, como vimos, não esqueceu esse novo lustre – e mais verdadeiro – dos seus títulos de grandeza... E todos os seus descendentes dele se reclamaram como de "arvore boa, muito semelhante a de Jessé"³⁷³...

José Adriano de Freitas Carvalho

Summary: *Having initiated his noviciate within the Franciscan Order, D. Leão de Noronha (1500-1572) had to abandon his vocation in order to succeed his father as the head of the family household. Already as a married man and father, he devoted his life to prayer in a close spiritual relationship with the Dominican friars of Lisbon – Fr. Luis de Sottomayor, OP, the well-known exegete, referred to him as a saint –, pledged his fortune to the assistance of the poor, and even himself would tend to and heal those in suffering with his own hands. And this he did but, conscious of his family heritage, he did not forsake the privileges he was entitled to as a distinguished landlord. His remarkable biography (which includes the miracles performed during his lifetime that gave him the standing of a living saint) was written by his granddaughter's husband, Jerónimo de Melo Coutinho, c. 1623. In this biography, the hagiographer is committed to preserving the fama sanctitatis of D. Leão, but also in presenting a model of sanctity for "those responsible for the orientation of the marital state". With this research we will attempt to interpret the statements, remarks and silences that can be perceived in the hagiography written, above all, for the descendants of the "reverend D. Leão".*

³⁷³ J. de MELO, *Vida de D. Leão de Noronha...*, fol. 136v. D. António Caetano de Sousa lembra que desta árvore brotam os Marqueses de Cascais., os Condes dos Arcos..., "grande numero de Casas illustres, que tem a gloria de ter por progenitores a hum tão santo Varão".

